



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CAMPUS DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS

MOBILIDADE SOCIAL SEM MOBILIDADE ESPACIAL: “NOVA CLASSE MÉDIA” E
TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO EM CAMPINA GRANDE (PB)

DIEGO ROCHA GUEDE DE ALMEIDA

ORIENTADOR: LUÍS HENRIQUE CUNHA

**CAMPINA GRANDE – PB
FEVEREIRO DE 2015**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CAMPUS DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS

MOBILIDADE SOCIAL SEM MOBILIDADE ESPACIAL: “NOVA CLASSE MÉDIA” E
TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO EM CAMPINA GRANDE (PB)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, PB como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Luís Henrique Cunha

CAMPINA GRANDE – PB
FEVEREIRO DE 2015

FICHA CATALÓGRAFICA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A447m Almeida, Diego Rocha Guedes de.
Mobilidade social sem mobilidade espacial : “nova classe média” e transformações no espaço urbano em Campina Grande - PB / Diego Rocha Guedes de Almeida. – Campina Grande, 2015.
107 f.: color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Luis Henrique Cunha".
Referências.

1. Nova Classe Média. 2. Mobilidade Social - Trajetórias. 3. Espaço Urbano - Transformações. I. Cunha, Luis Henrique. II. Título.

CDU 316.343(043)

Universidade Federal de Campina Grande
Campus de Campina Grande
Centro de humanidades
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais
Programa de pós-graduação em Ciências Sociais - PPGCS

MOBILIDADE SOCIAL SEM MOBILIDADE ESPACIAL: “NOVA CLASSE MÉDIA” E
TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO EM CAMPINA GRANDE (PB)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, PB como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Luís Henrique Cunha

Defendida em 02 de Março de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Henrique Cunha – UFCG/PPGCS

Prof. Dr. Gonzalo Adrián Rojas – UFCG/PPGCS

Prof. Dr. Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota –
UFCG/PPGCS

Prof^ª. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho –
UEPB/PPDR

Dedico este trabalho aos esforços dos sociólogos brasileiros em compreender o fenômeno da mobilidade social e suas repercussões a fim de contribuir para um quadro mais amplo de análise da sociedade brasileira. A todos vocês que (in) diretamente contribuíram para este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Mais um passo de minha trajetória acadêmica, mais que um título para mim este é um projeto de vida, um sonho que busquei e que tenho o prazer de realizar. Não poderia deixar de agradecer as pessoas que fizeram, e fazem parte desta minha trajetória.

À minha amada esposa Monalisa Ribeiro, aos seus abraços e palavras que acalmaram minha mente em momentos de aflição ao sorriso que me iluminava a cada vitória compartilhada nessa caminhada, a você meu amor eu dedico este trabalho.

À minha amada mãe, mulher guerreira e forte, este título é para você também que tanto amo e admiro, pois sem sua mão em meu caminho jamais teria chegado aonde cheguei.

Ao meu orientador Luís Henrique Cunha, minha inspiração acadêmica, exemplo inefável de ética, profissionalismo e genialidade sociológica, sem você nessa trajetória este trabalho simplesmente não existiria, tenho orgulho de ser seu orientando, te admiro.

À CAPES pela bolsa concedida que tornou este projeto em minha vida possível, ao PPGCS da UFCG e seus professores que me deram toda assistência no trajeto do meu curso de mestrado.

Aos professores Lemuel Dourado Guerra, Mario Henrique Guedes Ladosky por contribuírem com observações na análise de meu projeto de pesquisa. Aos professores Gonzalo Adrián Rojas e Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota pela participação em minha qualificação, e por contribuírem em minha carreira acadêmica como meus professores de graduação e mestrado.

À professor Maria Jackeline Feitosa Carvalho por se dispor a participar de minha banca de avaliação da dissertação e contribuir com o aperfeiçoamento do meu trabalho.

Aos sujeitos da pesquisa moradores dos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici, na cidade de Campina Grande, que colaboraram com diretamente com o meu trabalho me recebendo em suas casas, dispondo do seu tempo em longas entrevistas, à vocês meu muito obrigado.

A todos estes, os meus sinceros agradecimentos.

Perceber mudanças sociais, políticas e econômicas profundas, no contexto de uma época de transição, é o maior desafio do pensamento crítico.

Jessé Souza

RESUMO

Segundo dados da pesquisa realizada por Marcelo Cortês Neri (2008) no ano de 2010 o Brasil passa ter um contingente de mais de 50% de brasileiros que pertencem à classe C, famílias com renda per capita entre R\$ 291,00 e R\$ 1.019,00, que havia passado por mobilidade social de caráter ascendente nos últimos dez anos. Neri (2008) chama esta nova parcela da população de “nova classe média” brasileira, conceito que repercutiu em diversos debates com relação a sua pertinência e aplicabilidade. Este trabalho pretende analisar as trajetórias de mobilidade social de famílias nos bairros do Presidente Médici e Cruzeiro, na cidade de Campina Grande – PB, que se tornaram aquilo que Neri chama de “nova classe média” com ênfase particular na mobilidade social sem mobilidade no espaço urbano, buscando verificar ao longo da trajetória de mobilidade social das famílias analisadas transformações em seu mundo social que se conectem com o espaço urbano, expando o debate sobre mobilidade social para suas repercussões na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Nova classe média - Trajetórias De Mobilidade Social - Transformações No Espaço Urbano

ABSTRACT

According to data of the research accomplished by Marcelo Cortês Neri (2008) in the year of 2010 Brazil passes to have a contingent of more than 50% of brazilians that belong to the class C, families with per capita income between R\$ 291,00 and R\$ 1.019,00, that had gone by social mobility of ascending character in the last ten years. Neri (2008) calls this new portion of the brazilian population of " new middle class ", concept that rebounded in several debates with relationship your pertinence and aplicabilidade. This work intends to analyze the paths of social mobility of families in neighborhoods of the President Médici and Cruzeiro, in the city of Campina Grande - PB, that became that that Neri calls "new middle class" with private emphasis in the social mobility without mobility in the urban space, looking for to verify along the path of social mobility of the families analyzed transformations in your social world that they are connected with the urban space, I expand the debate about social mobility for your repercussions in the city.

WORD-KEY: New Middle Class - Paths Of Social Mobility - Transformations In The Urban Space

LISTA DE SIGLAS

CEHAP - Companhia Estadual de Habitação Popular

E.E.E.F.M. Prof. Raul Córdula – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Professor Raul Córdula

SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos

LISTA DE ILUSTRAÇÃO E TABELAS

Quadro 01.....	29
Imagem 01.....	49
Imagem 02.....	86
Imagem 03.....	89
Imagem 04.....	91
Imagem 05.....	93
Imagem 06.....	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
<i>Brasil, uma sociedade de classe média?</i>	18
<i>Os bairros do Cruzeiro e Presidente Médici</i>	23
Capítulo 01	30
A “NOVA CLASSE MÉDIA” em questão: Um debate sobre as interpretações da mobilidade social no Brasil contemporâneo	30
1.1 <i>Neri e o debate sobre a “nova classe média” no Brasil</i>	31
1.2 <i>Os críticos do conceito de “nova classe média”</i>	33
1.3 <i>“Nova classe média” e consumo</i>	36
Capítulo II	42
Trajétórias de mobilidade social nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici na década de 2000	42
2.1 <i>Trajétórias de mobilidade social: definindo pontos de partida</i>	44
2.2 <i>Diversidade de trajetórias de mobilidade social sem mobilidade espacial</i>	45
2.3 <i>Elementos para pensar trajetórias de mobilidade grupal</i>	62
Capítulo III.....	71
“A gente é pobre, mas a gente vive bem”: mudanças nas posições sociais e transformações urbanas	71
3.1 <i>Mobilidade social é viver melhor</i>	72
3.2 <i>Filiação religiosa e mobilidade social</i>	76
3.3 <i>A busca por segurança nos bairros de classe média</i>	81
3.4 <i>Modificações das residências</i>	83
3.5 <i>Investimento de iniciativas públicas e privadas nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici</i>	89
Considerações finais.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
Anexos.....	104

MOBILIDADE SOCIAL SEM MOBILIDADE ESPACIAL: “NOVA CLASSE MÉDIA” E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO EM CAMPINA GRANDE (PB)

INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento, entre finais dos anos 1960 e início dos anos 1980, os bairros do Cruzeiro e do Presidente Médici, localizados na zona leste da cidade de Campina Grande, Paraíba, têm passado por intensas transformações em sua feição urbana, transformações estas que expressão e acompanham – direta e indiretamente – mudanças nos padrões (e modos) de vida das pessoas que habitam estas áreas. Originalmente bairros destinados, predominantemente, à moradia de pessoas pertencentes às classes populares¹, as transformações urbanas aí verificadas se intensificaram na década de 2000, mesmo momento em que muitos de seus habitantes vivenciaram forte processo de mobilidade social de caráter ascendente.

Pesquisas acadêmicas e propaganda governamental têm chamado atenção para os efeitos desta mobilidade social (com redução da desigualdade da renda do trabalho) na emergência do que se convencionou chamar de “nova classe média” (ou Classe C), expressão adotada por Neri (2008, 2010) que ultrapassou os limites do ambiente acadêmico, sendo utilizada nos discursos políticos e pela grande mídia no Brasil (SCALON e SALATA, 2012), que dedicou nos últimos anos dezenas de reportagens sobre o fenômeno. A Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República (BRASIL, 2013) inclui na Classe C as famílias com renda per capita mensal entre R\$ 291,00 e R\$ 1.019,00. O uso da expressão “nova classe média” tem sido objeto de debate público e da contestação de outros pesquisadores, como Souza (2012), Scalon e Salata (2012) e Pochmann (2012).

Para Neri (2008, p. 34), a “nova classe média”, que ele inclui no que chama de classe C, se definiria como.

(...) a classe central, abaixo da A e B e acima da D e E. A fim de quantificar as faixas, calculamos a renda domiciliar per capita do trabalho e, depois, a expressamos em termos equivalentes de renda

¹ Que corresponderiam, no modelo de classificação proposto por NERI (2010), às classes D e E, com renda domiciliar total de até R\$ 1.126,00.

domiciliar total de todas as fontes. Definidas no estudo divulgado anteriormente, a faixa C central está compreendida entre os R\$ 1064,00 e os R\$ 4561,00 a preços de hoje na grande São Paulo.

Souza (2012) e Pochmann (2012) contestam o uso feito por Neri (2008) da expressão “nova classe média”, argumentando que não se tratam de indivíduos inseridos no que convencionalmente se chama de classe média, e sim de um fenômeno de aumento da renda da classe trabalhadora, alçados à classe C, mas sem incorporarem modos de vida e os valores da classe média tradicional. Nas palavras de Souza, em entrevista concedida em 2010, tem-se:

A classe média é, antes de tudo, aquela que se apropria do capital cultural como base de seu privilégio social. O capital cultural nas suas diversas formas é a base do funcionamento do mercado e do Estado sob a forma de conhecimento técnico e útil, principalmente. Dessa necessidade objetiva as classes médias retiram toda a sua importância. O capital econômico expressivo é, por sua vez, privilégio das classes altas. Em conjunto, as duas formam as classes dominantes e que têm interesse na reprodução eterna de seus privilégios.

Na nossa pesquisa preferimos definir a classe em questão como sendo uma “nova classe trabalhadora” brasileira, chamada impropriamente de “nova classe média”. Isso porque ela parece se definir como uma classe social com baixa incorporação dos capitais impessoais mais importantes da sociedade moderna, capital econômico e capital cultural, o que explica seu não pertencimento a uma classe média verdadeira. Em contrapartida, desenvolve disposições para o comportamento que permitem a articulação da tríade disciplina-autocontrole-pensamento prospectivo. Essa tríade motivacional e disposicional conforma a “economia emocional” necessária para o trabalho produtivo e útil no mercado competitivo capitalista, aspecto que separa essa classe do destino dos excluídos brasileiros. Esse contexto é precisamente o nicho clássico das classes trabalhadoras que desenvolvem atividades úteis no mercado competitivo ainda que sob condições de trabalho intensivo e prolongado. Só que, nas condições modificadas do pós-fordismo que caracterizam o mundo do trabalho a partir dos anos 90, a classe trabalhadora também muda, porque ela se acredita “empresária de si mesmo” e com isso dispensa os gastos clássicos em controle e supervisão do trabalho, produzindo riqueza e excedente de lucro ainda maiores.

O questionamento feito por Scalon e Salata (2010) à visão divulgada por Neri (2008, 2010) de que o Brasil estaria se tornando um país de classe média tem uma

referência empírica mais clara e parte de outra maneira de perceber a classe média, neste caso em termos ocupacionais, seguindo as proposições teóricas de sociólogos como Goldthorpe e Wright. Analisando dados da PNAD 2002 e 2009 concluem que:

Dentro da “Classe C”, tanto em 2002, quanto em 2009, podemos encontrar desde profissionais e administradores até trabalhadores não qualificados e setores rurais, passando por pequenos proprietários, trabalhadores qualificados e não manuais de rotina. Os trabalhadores não qualificados obtêm a maior participação dentro desse grupo, com aproximadamente 30%; em seguida, temos os trabalhadores manuais qualificados, com 28%, não manuais de rotina (17%), rurais (10%), pequenos proprietários (6,9%, em 2009) e profissionais e administradores (5,5%, em 2009).

As classes médias juntas (profissionais e administradores, trabalhadores não manuais de rotina e pequenos proprietários) respondiam por apenas 32,9% da “Classe C”, em 2002, e 30,1%, em 2009. Isso é apenas um pouco mais do que a metade da participação dos trabalhadores manuais no interior desse grupo de renda: 59,2%, em 2009. Ficam claras, dessa forma, as dificuldades de se falar no Brasil como um país predominantemente de classe média, tendo como base o crescimento expressivo dos grupos de renda intermediários nos últimos anos.

É importante reter, neste debate, um fenômeno que nos parece de grande interesse sociológico, para além das classificações ou nomeações que veio a receber, e que refere-se às experiências de mobilidade social ascendente vivenciadas por um significativo contingente da população brasileira, afetando a estrutura da renda obtida pelo trabalho no país, fazendo com que o que se define como Classe C passe a representar, a partir de 2010, mais de 50% da população brasileira. A mobilidade de renda é reconhecida mesmo pelos críticos de Neri, ainda que seja preciso concordar com Scalon e Salata (2012), para quem mobilidade de renda não significa mobilidade de classe. Esta dissertação apresenta um esforço inicial de contribuir como a compreensão destas experiências de mobilidade social, para além das chaves amplamente utilizadas de apreensão da mobilidade social pelo viés da mudança nos padrões de consumo (NERI, 2008).

Yaccoub (2011, p. 203), por exemplo, acredita que:

Ao me relacionar com as pessoas e adentrar em suas casas, percebi que o consumo tem um papel central para esse grupo; através da aquisição de determinados objetos, esses indivíduos se sentiam incluídos, poderosos, pois através do consumo conquistavam status, valor simbólico, prestígio. Dentro desse contexto a mulher possui um papel fundamental no campo do consumo doméstico, ela traz para si a função de ofertar conforto e sensação de bem-estar para sua família, dar tudo para os seus filhos é uma meta ou dever (muito mais que um direito), proporcionar conforto está especialmente relacionado à posse de eletroeletrônicos.

Kerstenetzky, Uchôa e Silva (2013, p. 09) justificam sua postura com relação à centralidade do elemento consumo na análise da “nova classe média” no Brasil:

A via indutiva para análise preliminar do perfil socioeconômico desse segmento de renda, baseada em estudos sobre percepções, encontra racionalização interessante seja na sociologia de Bourdieu seja na análise institucionalista dos elementos determinantes do consumo e da formação de preferências de Veblen – ambos de algum modo vinculados a perspectivas segundo as quais os estratos sociais se delinearão a partir de suas posições relativas, e não exclusivamente em função da propriedade (ou não) de certo tipo de recurso, e onde o elemento de consumo diferencial se destaca.

Defende-se aqui, de maneira complementar ao debate focado no consumo, que é fundamental dedicar investigação empírica às múltiplas vivências de mobilidade social no Brasil contemporâneo em chaves analíticas que ultrapassem o foco na renda e no consumo e em outros aspectos estritamente econômicos do fenômeno. O aumento da renda familiar, maior acesso a bens de consumo e serviços são alguns indicadores da mobilidade social nos bairros analisados, porém não dão conta da análise daquilo que Bourdieu (2008) chama de *Mundo Social*, uma elaboração simbólica dos valores destes indivíduos.

O ponto de partida das investigações aqui apresentadas e a questão que norteia todo o trabalho é a análise das experiências vividas (trajetórias) de mobilidade social sem que se recorra à mobilidade espacial. Em outras palavras, elegeu-se nesta dissertação como objeto de estudo as maneiras pelas quais certas famílias experimentaram mobilidade social a partir da década de 2000 (principalmente, mas não exclusivamente) sem que o aumento da renda tenha implicado em mudança no lugar de moradia. Este processo de mobilidade social sem mobilidade espacial impactou fortemente as feições urbanas de bairros como Cruzeiro e Presidente Médici, na cidade de Campina Grande (PB), lócus empírico desta dissertação, que tem como objetivo analisar como mudanças na renda de famílias que passam a fazer parte do que se convencionou chamar de “nova classe média” se relacionam com mudanças no espaço urbano, sem que se assuma, aqui, a defesa de uma relação causal estrita entre estes fenômenos. O que se defende neste trabalho é que não se pode compreender as transformações no espaço urbano nas áreas de moradia das classes populares sem se

referir à mobilidade social experimentada por seus moradores², mesmo que outros fatores possam ser articulados para apresentar uma análise mais completa das transformações espaciais percebidas, como investimentos na melhoria de serviços públicos nestas áreas, políticas públicas como o programa Minha Casa Minha Vida e lógicas de investimentos privados no setor imobiliário. Ou seja, investiga-se nesta dissertação como trajetórias de mobilidade social sem mobilidade espacial de alguns dos moradores dos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici transformaram gradativamente seus mundos sociais ao mesmo tempo em que ocorreram mudanças na feição urbana destes bairros, percebendo como estes moradores reconstruíram suas formas de sociabilidade e suas vivências e representações simbólicas do espaço urbano.

Considera-se que essa tarefa é importante ao revelar o que nos parece um elemento central das experiências de mobilidade social no Brasil no início do Século XXI. Ao permanecerem nos mesmos lugares de moradia, os indivíduos que experimentaram mobilidade social ao longo dos anos 2000 conectam vivências econômicas e no espaço urbano, produzindo formas urbanas específicas e sendo também produzidos por elas.

Nos bairros onde se realizou a pesquisa para esta dissertação, é possível perceber modificações no espaço urbano que acompanham a ascensão econômica da população local. Novos empreendimentos imobiliários, reformas nas casas, obras de infraestrutura urbana, entre outras iniciativas, públicas e privadas, mudaram as feições dos bairros, que são conectadas, pelos moradores, com sua própria trajetória de mobilidade social.

Ana Maria³, cabelereira, 48 anos, moradora do bairro do Presidente Médici, aborda alguns dos contornos principais da problemática desenhada nesta dissertação:

Eu vim para esta casa, Helena (filha mais velha com 27 anos) era novinha ainda, já tem mais de 20 anos... Quando chegamos aqui essa casa era pequeninha, não tinha muro nem nada, mas nós não nos importávamos aqui foi onde construímos nossa família, eu só tenho a agradecer a deus. Depois nós compramos esse terreno aqui vizinho era

² Para GOTTDIENER (1985, p. 18), as formas de habitação e organização do espaço urbano são fundamentais para a compreensão da estrutura e organização social nas cidades modernas, na medida em que emergem como um reflexo dinâmico entre si: “(...) os padrões espaciais do espaço de assentamento correspondem à ação de forças profundas de organização social. Se, como afirmo, se desenvolveu uma forma qualitativamente nova de espaço, isso implica que também mudou o próprio modo de organização social”.

³ Os nomes utilizados ao longo deste trabalho são fictícios. Para fins de orientação do leitor, apresenta-se abaixo um quadro com as famílias envolvidas com a pesquisa. Ao final de cada excerto de entrevista, identifica-se o entrevistado com a família correspondente.

de um homem que morava ai, vivia brigando com a mulher, ai parece que eles se separarão e venderam bem baratinho ai agente se apertou e comprou, mas valeu apenas olha quanto vale uma casa dessas hoje! Eu amo esse bairro, agente conhece todo mundo, é super tranquilo, eu mesma não tenho vontade de sair daqui, a não ser se for um caso de doença não é, que agente nunca sabe, deus me livre, mas eu não tenho do que reclamar daqui não. Hoje nossa casa já esta toda arrumadinha como pobres temos de tudo aqui não falta nada para ninguém. (ANA MARIA, entrevista realizada em 08 de novembro de 2014)

As vivências de mobilidade social sem mobilidade espacial, porém, não foram experimentadas sem contestações ou contradições. Luzia, professora da rede estadual de ensino, residente do Cruzeiro, afirmou:

É, né, na época era a melhor opção para nós, pois ficava aqui perto da escola e não tinha dor de cabeça com ônibus porque aqui veio começar a passar, assim, muito ônibus um dia desses, porque era uma luta meu filho, para ir fazer feira essas coisas que a gente tinha que ir no centro. Hoje não, tem esses mercados por aqui, dá pra gente ir se virando... Eu só fiquei aqui mesmo por que tive filho, ai você sabe, não pude estudar mais, era pra eu ter feito uma pós, hoje eu estava bem, morando em outro lugar e me estressando menos, mas é assim mesmo né meu filho (...). (Luzia, entrevista realizada em 04 de novembro de 2014)

Brasil, uma sociedade de classe média?

Um dos desdobramentos do debate acerca da emergência de uma “nova classe média” no Brasil remete à reflexão sobre o estabelecimento, no país, de uma “sociedade de classe média”, convergindo, assim, para os padrões de organização social e estratificação social dos países desenvolvidos. O que teria implicações não apenas econômicas, mas principalmente políticas. Para compreender a resistência de muitos pesquisadores à defesa de Neri (2008) de que o Brasil, ao longo da década de 2000, se transforma numa sociedade de classe média, é preciso considerar estas implicações. Os críticos do uso da expressão “nova classe média” buscam, assim, confrontar não apenas a nomeação desta classe particular de indivíduos, mas também a própria percepção da sociedade brasileira como um todo.

Scalon e Salata (2012, p. 394) chamam atenção para o fato que:

(...) vem sendo difundida a ideia de que o Brasil estaria se tornando, ou já teria se tornado, um país de classe média, o que teria consequências em relação às demandas da população, seu estilo de vida, visões de mundo, aspirações, orientações políticas, etc. No entanto, acreditamos que outras maneiras de mensurar a classe média, especialmente aquelas que fazem parte da tradição sociológica,

baseadas nas informações sócio-ocupacionais, poderiam nos ajudar a interpretar os recentes movimentos das classes médias no interior da estrutura social brasileira.

Esse debate não é exclusivo do Brasil. Neri (2008) repercute reflexões que são feitas também para outros países “emergentes”, como é o caso do México, Índia e China, que também caminhariam para se tornarem sociedades de classe média. Na China, a ideia de classe média passa a existir apenas a partir de 1978, quando cidades como Pequim, Xangai e Tianjin aquecem a economia nacional com o maior acesso ao consumo promovido pela nova classe média que hoje compõe um número entre 100 e 150 milhões de indivíduos (Farrell, Gersch e Stephenson, 2006). La Calle e Rubio (2012) destacam que a ascensão da nova classe média no México está acompanhada de diversos benefícios para o país, contudo, considera-se na leitura de *Mexico: A middle class society, poor no more, developed not yet* (2012) que apesar dos avanços que levaram, segundo o autor, à constituição de uma nova classe média, esta não compartilharia dos mesmos padrões de vida da classe média internacional, apesar de, segundo o autor, compartilharem das mesmas visões de mundo:

No âmbito internacional, existem muitas pessoas e famílias de classe média com renda que lhes dão ampla liberdade no mercado consumidor. A classe média mexicana, entretanto, não possui necessariamente os padrões de vida desfrutados pela classe média internacional. Mas, apesar das diferenças com relação a renda, estas duas classes médias compartilham uma visão de mundo comum, assim como o seu lugar na sociedade. (La Calle e Rubio, 2012, p. 30)⁴

No Brasil, este debate tem inúmeras repercussões com relação a causas e efeitos do aumento da participação da Classe C no quadro geral da estratificação social. Ao lidarmos com a categoria de classe social junto a trajetórias de mobilidade social encontramos um desafio teórico relevante, que é enquadrar perspectivas que possibilitem perceber como a produção, material e imaterial, de um grupo de pessoas que se compreende como de uma mesma classe é fruto de uma trajetória de mobilidade econômica ascendente.

Existe uma modificação estatística no quadro econômico da população brasileira clara, e não apenas no Brasil. Neri mostra, em *Miséria e a Nova Classe Média na*

⁴ Tradução do autor, do texto original: In the international environment, many middle class people and families have income and savings levels that allow them ample freedom to consume. The Mexican middle class, though, has not yet necessarily attained the living standards enjoyed by the international middle class. But, despite the differences in their incomes, these two middle classes share a common view of life and of their place in society.

Década da Igualdade (2008), este quadro como um momento impar para o desenvolvimento social do país. Para o autor, estes dados não estão ligados apenas a um marco econômico, mas a qualidade de vida das pessoas:

A desigualdade de renda brasileira é resultado da interação de causas diversas, e também tem seus impactos em campos diversos de nossa vida social começando pelo crime, passando pela saúde, chegando à atividade dos mercados consumidores.(...) De forma mais geral, 2007 mostra que avanços e/ou desafios não estão na quantidade, mas mais na qualidade seja de renda, de trabalho e da educação. (NERI, 2008, p.14)

Neri defende que são os avanços econômicos que proporcionaram a estruturação do que ele chama de “nova classe média”:

Se projetarmos, ao nível de abrangência nacional, o crescimento de 6,2% dos últimos 12 meses (do ano de 2008) apontados na última pesquisa, exatamente 50% da população brasileira está agora na Nova Classe Média, ou seja, 93,8 milhões de brasileiros hoje. (NERI, 2008, p.09)

O autor constrói esta categoria a partir do cálculo da renda domiciliar total das famílias da cidade de São Paulo. Poderíamos nos questionar, dentro deste escopo, que estas condições constituem-se enquanto variáveis perceptíveis quando nos deslocamos para cidades com custo de vida diferenciado, na medida em que Neri pontua, neste trabalho, que a possibilidade de uma “nova classe média” está compreendida entre R\$ 1.064,00 e R\$ 4.561,00.

No ano de 2010, Neri adicionou a sua discussão sobre o tema o texto *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. O título já revela uma tensão, que não é percebida pelo autor, entre o uso dos termos classe média e pobres. Dá a entender que a “nova classe média” é uma parte mais dinâmica da população pobre. Neste texto, Neri reforça o discurso da queda da desigualdade no país, aponta que estas pessoas que passam por mobilidade social têm acesso a novas experiências de consumo, com ênfase nesta perspectiva também na capacidade de manutenção de tal padrão de vida:

Nossa abordagem é usar o cálculo similar não para definir as fronteiras entre as classes, mas para avaliar o potencial de consumo das pessoas em cada classe. Calculamos os índices de potencial de consumo e não na criação de um esquema de classificação estanque de classes. (...) propomos conceituação complementar para medir a evolução da nova classe média no Brasil também do ponto de vista do produtor usando a equação de renda função agora de ativos produtivos dos diversos membros da família. Ou seja, há que se observar a

capacidade de se manter de fato este padrão de vida através da geração e manutenção da renda ao longo do tempo. (NERI, 2010, p. 25-26)

O trabalho de Neri tem sido objeto de inúmeras críticas e certamente a perspectiva que ele adota para falar das classes sociais – com foco na renda e no consumo – é no mínimo limitada de um ponto de vista sociológico. Seu mérito foi o de colocar o tema em debate e chamar atenção para a mobilidade da renda e redução da desigualdade da renda do trabalho, mas as implicações destes fenômenos foram sem dúvida exageradas por ele, e objeto de propaganda política. Neste sentido, não funda uma perspectiva adequada para se pensar sobre a mobilidade social no Brasil, ainda que a expressão “nova classe média” – que divulgou – tenha se tornado o rótulo mais utilizado (mesmo por seus críticos) para instaurar o debate.

Efetivamente, tem-se discutido no meio acadêmico quais as repercussões desta ascensão econômica e a produção do estereótipo dessa “nova classe média”, que ganha capas de revistas e reportagens em jornais impressos e programas televisivos, elaborando uma representação coletiva dos aspectos que constituem as pessoas que pertencem a esta parcela da população. Em grande medida, há uma negação da percepção economicista de que esta seja uma continuação, ou parte, da classe média tradicional, herdeiros de um *habitus* de classe em comum, sendo este um raciocínio indispensável para que possamos pensar a análise de trajetórias de mobilidade social.

Nesta discussão, Jessé Souza (2012) rebate as afirmações de Neri e aponta que existem interiorizações de estruturas diferentes entre a classe média e a dita nova classe média, reelaborando o conceito para *nova classe trabalhadora*. Souza concorda em grande medida que estamos diante de um momento muito particular da história do país, e por este motivo ressalta a importância de elaborar-se análises sobre este quadro:

Perceber mudanças sociais, políticas e econômicas profundas, no contexto de uma época de transição, é o maior desafio do pensamento crítico. Isso acontece porque as categorias e os conceitos que todos nós nos acostumamos a usar, para pensar um mundo que se transforma tão rapidamente, não o explicam mais. Ao mesmo tempo não temos ainda os conceitos e as ideias novas necessárias para pensar o realmente “novo” nesse mundo em ebulição. (SOUZA,2012, p.19)

Em Souza, a percepção positiva, exaltada nas obras de Neri (2008, 2010), sobre a modificação do quadro econômico brasileiro é direcionada para uma nova perspectiva:

Todas as sociedades têm seus ‘profetas da boa ventura’ – que Max Weber percebia desde o judaísmo antigo, os quais vedem o mundo que efetivamente existe como o melhor dos mundos possíveis, e eles

são, numa sociedade profundamente conservadora e desigual como a brasileira, a imensa maioria. A que todos os interesses que estão ‘ganhando’ se regozijam com esse tipo de ‘legitimação dos especialistas’. Como os interesses que estão ganhando são os que mandam no mundo, são esses profetas da afirmação que estão falando todo dia nos grandes jornais da grande imprensa brasileira e nos canais de TV. O que eles dizem? Eles dizem que a nova classe de ‘emergentes’ brasileiro que ajudaram a mudar a economia e a sociedade brasileira recente mostra o triunfo do mercado (neo)liberalizado e desregulado desde que o Estado corrupto e politiquês não atrapalhe (...) Quem é essa nova classe de emergentes? São, pelo menos, 30 milhões de brasileiros que adentraram o mercado de consumo por esforço próprio, é o melhor exemplo da nova ‘autoconfiança’ brasileira dentro e fora do Brasil. Mas não apenas isso. Eles seriam uma nova ‘classe média’, que está transformando o Brasil no país moderno e de ‘primeiro mundo’ que foi e é o maior sonho coletivo de seu povo desde a independência política em 1822. (SOUZA,2012, p.20)

Eder (2001) reforça a fragilidade conceitual e normativa para a compreensão das classes sociais, em especial a classe média, sendo este um cuidado a ser tomado e compreendido por toda a teoria sociológica:

A classe tem a ver com a sociedade industrial e suas ideologias, e como essa sociedade industrial e suas ideologias, e como essas sociedades e suas ideologias não mais existem, deveríamos nos livrar das velhas concepções e ferramentas analíticas usadas para entender a sociedade moderna. (...) Nunca houve lugar sistemático para as *classes médias*. Elas simplesmente não poderiam mobilizar a atenção teórica exceto em formulas depreciativas tais como ‘classes pequeno-burguesas’, ‘aristocracia do trabalho’ ou ‘pequenos proprietários’. Não houve nenhuma preocupação normativa em lidar com esses grupos, que só propunham dificuldades para as teorias de classe tradicionais (que não contribuíram para um adequado entendimento deles). (EDER, 2001, p. 09)

O essencial para Souza é perceber que, para além do discurso e fragilidades teórico-conceituais, o Brasil vive um momento de modificação na estrutura de diversas instituições, família, trabalho, relação interpessoais, e a maior motivação para isso é a acessão de uma nova classe trabalhadora, com um perfil diferenciado. Pochmann (2012), assim como Souza (2012), concorda que estamos diante de um quadro extremamente singular. Para o autor, “o sentido geral das transformações sociais recentes no Brasil revela-se bem distinto do verificado nas últimas cinco décadas, conforme estatísticas oficiais existentes permitem observar” (POCHMANN, 2012, p. 14). Acrescenta também que este é um fenômeno que merece ser melhor investigado e que a noção de “nova classe média” está impregnada de efeitos pouco interessantes para o objeto em foco e assim principia seu texto, *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*:

“A metamorfose pela qual passa a atual estrutura social brasileira prescinde de interpretações mais profundas e abrangentes, que possam ir além da abordagem rudimentar e tendenciosa a respeito da existência de uma nova classe média. Pode-se até estranhar a inclinação de certas visões de teóricas recentes que buscam estabelecer para determinado estrato da sociedade – agrupado quase exclusivamente pelo nível de rendimento e consumo – o foco das atenções sobre o movimento geral da estrutura social do país.” (POCHMANN, 2012, p. 6)

Os bairros do Cruzeiro e Presidente Médici

Ao longo da história dos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici houveram diversas modificações em sua estrutura urbana. Construído pela CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular), com as obras finalizadas no ano de 1988, o bairro do Presidente Médici teve sua primeira fase concluída. Suas casas eram feitas para famílias consideradas de baixa terem acesso à moradia, com um banheiro social, uma sala e uma cozinha (sem quartos). O modelo era conhecido pelos moradores como “embrião”. O terreno era dividido entre quatro casas e a cada quatro se construía um muro que as mantinham em um pequeno bloco. Em 1989, a segunda fase do projeto foi entregue, com a mesma estrutura.

O mesmo planejamento não ocorreu no bairro vizinho, o Cruzeiro, que constituiu-se a partir da urbanização de uma grande propriedade de terra, pertencente a Felizardo Ribeiro. Nos arredores de suas posses, pessoas começaram a construir suas casas. Com sua morte, a parte conhecida hoje como bairro do Cruzeiro foi herdada por seu filho, Manuel Ribeiro da Silva, que aos poucos foi vendendo sua parte a pessoas que queriam construir suas casas no local, processo este que teve início na década de 1960.

É preciso perceber para quem e por quem foram constituídos estes bairros, para que possamos compreender as relações entre suas modificações físicas e as necessidades simbólicas de seus habitantes. Segundo Cabral (2007, p. 145):

[...] o espaço (e sua vivência) [é] uma equação dada pela morfologia e pelos diferentes sentidos que ela é capaz de veicular e condicionar. Construídos socialmente, os sentidos e significações da organização do espaço são sempre tributários de um universo relacional: da relação entre coisas espacialmente distribuídas, da relação entre os objetos e suas funções, da relação entre esses objetos e as práticas que aí tem lugar, dos lugares com as coisas e aí sucessivamente.

Neste escopo, SECCHI (2005, p. 181), em sua obra *A cidade do século vinte*, nos alerta para importância da estrutura da casa:

O principal terreno da experimentação é o da moradia: seja da versão rica ou opulenta, da casa urbana individual, ou da moradia e edifícios destinados a muitas famílias pertencentes a grupos sociais mais favorecidos, seja na sua versão de habitação popular, que com a política de redistribuição de riqueza, se propõe a dar uma resposta as exigências fundamentais das famílias e grupos sociais menos favorecidos pela história.

Desde então, diferentes investimentos públicos e privados têm promovido alterações significativas na feição urbana dos bairros Presidente Médici e Cruzeiro. A reforma da Avenida Juscelino Kubitschek, concluída no ano de 2009, é um dos principais emblemas dessas alterações. A avenida foi pavimentada, um canteiro central com pista para caminhada também foi construído, iluminação e a instalação de um pequeno centro comercial que antes funcionavam em condições precárias em frente à Escola Estadual Raul Córdula, foi instalado no entorno da pista. Esta ação pública custou mais de R\$ 6 milhões, nas três etapas de revitalização e urbanização, além da construção de uma *academia popular* inaugurada em 2011 na mesma avenida⁵.

Nos últimos anos, muitos empreendimentos comerciais foram inaugurados na avenida, como panificadoras, restaurantes, bares e lojas de roupa entre outros; e na Rua João Cavalcante, no bairro do Presidente Médici, mais de 10 residências deram lugar a estabelecimentos comerciais, incorporando uma gama de elementos próprios àquele espaço construído de modo que *organizam, hierarquizam social e economicamente e, sobretudo, configuram o caráter primordial da sua funcionalidade: o espaço urbano supõe redes, malhas que determinam a composição física e política do território, são eixos político-sociais em relação estrutural e funcional* (FERRARA, 2010, p.169).

Na análise das transformações sofridas pelos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici, principalmente na última década, percebe-se que as demandas da população vêm criando efeitos diretos na paisagem urbana local, além dos empreendimentos comerciais, dezenas de empreendimentos imobiliários foram concluídos ou se encontram em fase de construção ou planejamento. Nos últimos 10 anos, foram construídos 08 residenciais, em que cada apartamento encontra-se avaliado entre R\$ 110 mil e R\$ 135 mil e 36 novas casas, com valores entre R\$ 120 mil e R\$ 160 mil. Esses

⁵ Esta academia foi recentemente removida em decorrência de uma nova reforma que tem como meta a arborização local. Outra academia popular foi construída e inaugurada no final de 2014 num local próximo.

empreendimentos foram viabilizados pelos subsídios concedidos pelo governo federal através do programa *Minha Casa Minha Vida*. Um novo conjunto habitacional se estende do Bairro do Cruzeiro para fora dele, dando origem a um novo bairro chamado de Novo Cruzeiro, cujas residências já começaram a ser distribuídas pela CEHAP a partir de setembro de 2013. Lidamos, portanto, com uma situação que tem como alvo famílias com perfis específicos, no caso das casas financiadas pelo programa *Minha Casa Minha Vida*, o fator renda vem acompanhado da idade média (que nos moldes ideais para o financiamento gira em torno de 22 a 42 anos) e composição familiar, este conjunto define a viabilidade ou não da aprovação do financiamento.

No entanto, laçamos mão destes dados de modo a organizar nosso quadro situacional em relação ao objeto de pesquisa, e não como demarcação teórica que pressupõe definições sociais por renda. A partir da compreensão de uma nova sociologia das classes, o escopo da análise tem sido ampliado de modo a incorporar efeitos diferenciados de padrões educacionais, gostos e estilos de vida, relações de vizinhança, dimensões emocionais e afetivas da vida social, entre outros aspectos, nas vivências de classe (HEBSON, 2009).

Compreender como o processo de mobilidade social sem correspondência com mobilidade espacial urbana desta parcela da população, a chamada “nova classe média”, colabora para a constituição do espaço urbano ao qual está conectada possibilita, seguindo GOTTDIENER (1985), compreender as dinâmicas sociais que envolvem os indivíduos de forma mais ampla:

A perspectiva proposta entende a organização sócio-espacial não como uma estrutura conceitual ultrapassada das formas espaciais baseadas na cidade, mas como uma consequência direta das relações entre processos econômicos, políticos e culturais. (GOTTDIENER, 1985, p. 196)

Ao entrevistar 20 famílias do bairro do Presidente Médici, em pesquisa de iniciação científica junto ao curso de Ciências Sociais da UFCG, no ano de 2012, descobriu-se que nos últimos dez anos as residências subiram de preço de forma relevante, chegando algumas vezes ao dobro do seu antigo valor, igualando-se ao preço de casas de bairros já estabelecidos no âmbito simbólico da cidade como de classe média, com uma *especulação imobiliária que explora o imaginário do usuário criando padrões de vida diferenciados* (FERRARA, 2010), compondo um *autorretrato* (O'DOUGHERTY, 1998) daqueles que ascendem na hierarquização social da cidade,

sendo definido por uma série de efeitos não mais apenas norteados pelo viés econômico. Em uma nova incursão a campo no ano de 2014, foi possível perceber que existe uma naturalização do custo de vida nestes locais. Os moradores, recentes ou não, quando questionados, percebem o bairro em que vivem como de classe média.

O público alvo de novas habitações construídas nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici é a Classe C. Para financiamento destas residências, é necessário que o comprador tenha uma renda mínima de pouco mais de dois salários mínimos, o que lhes enquadram categoricamente na Classe C, além de uma entrada de pelo menos 15 mil reais a ser paga à construtora. No entanto, estas condições, mesmo que relevantes, constituem um dado no cenário necessário ao investimento metodológico que pretende analisar trajetórias das famílias, de modo a acoplar às narrativas dos indivíduos a respeito das posições por eles ocupadas ao longo do tempo nas histórias das coisas (casas, móveis, etc.) que simbolizam/refletem as mudanças em suas subjetividades.

Ao adotar um enfoque sobre as trajetórias de mobilidade social que não prioriza apenas o fator renda como determinante, enfrenta-se um severo desavio metodológico, que tem como foco observar e compreender as vivências dos indivíduos em sua condição social. Figueiredo (2004) atesta a importância do estudo das trajetórias de mobilidade social e o significado de características particulares na vivência desse processo. Para Bourdieu (2007, p. 104):

(...) a posição e a trajetória individual não são, do ponto de vista estatístico, independentes na medida em que nem todas as posições de chegada são igualmente prováveis para todos os pontos de partida: eis o que implica a existência de uma correlação bastante forte entre as posições sociais e as disposições dos agentes que as ocupam ou, o que vem a dar no mesmo, as trajetórias que levaram a ocupá-las e que, por conseguinte, a *trajetória modal* faz parte integrante do sistema dos fatores constitutivos da classe (...).

Ao focar as trajetórias de mobilidade social, mapeando a diversidade de trajetórias possíveis num determinado espaço social, nos filiamos ao que Boltanski e Chiapello (2009) chamam de “estudo das variações observadas”. Estaríamos atentos também às narrativas das pessoas sobre suas vivências. Como elucidada Becker (1998, p. 84), este seria um instrumento indispensável para compreender as suas visões de mundo:

Estilos de análise narrativos concentram-se em encontrar histórias que expliquem o que Isso é, e como se deu dessa maneira. Quando um analista causal trabalha bem, o resultado é uma grande proporção de variância explicada. Quando um analista narrativo trabalha bem, o

resultado é uma história que mostra como esse processo tinha de levar a esse resultado.

Nesta dissertação, buscou-se aprofundar os investimentos sobre o tema proposto, de modo a elaborar uma perspectiva sociológica mais sensível aos “*aspectos da vida cotidiana das pessoas, que por motivações pessoais ergueram um novo quadro socioeconômico no Brasil*” (SOUZA, 2010, p. 32), contribuindo para a análise de suas trajetórias de mobilidade social ascendente relacionando-as com as novas configurações do espaço urbano.

O desenho da pesquisa

A pesquisa para elaboração desta dissertação envolveu o levantamento de dados sobre as transformações urbanas ocorridas nos bairros do Cruzeiro e do Presidente Médici e na realização de entrevistas com famílias residentes nestes bairros. Sobre os bairros, foram levantados materiais junto à CEHAP, SAB do Presidente Médici e também nas entrevistas. A opção por estas técnicas de pesquisa se deve à possibilidade de combinar uma análise das trajetórias (vivências) de mobilidade social, levantadas através de entrevistas gravadas, com a apreensão das mudanças nas formas urbanas dos bairros onde a pesquisa foi realizada, e as fotografias coletadas na pesquisa exerceram um papel importante na “materialização” destas transformações.

A seleção de famílias entrevistadas tomou como ponto de partida pesquisa anterior realizada na mesma região, em 2012, no quadro de uma experiência de iniciação científica vivida pelo autor. Neste primeiro momento, foram aplicados questionários com 20 famílias, e os dados desta pesquisa foram incorporados neste trabalho. A pesquisa para esta dissertação, porém, aprofundou a inserção inicial nos universos das famílias nos bairros através da realização de entrevistas mais aprofundadas. Foram selecionadas oito (08) famílias, considerando como elementos de escolha o tempo de moradia no bairro (superior a 10 anos) e a renda familiar atual correspondente à Classe C, mas que tivessem experimentado mobilidade social ascendente neste período.

As entrevistas foram realizadas com diferentes membros da família, em um ciclo de duas a três entrevistas com os mesmos informantes ou com informantes diferentes, gravadas nas residências ou no ambiente de trabalho⁶, com os membros que contribuem

⁶ Este foi o caso de duas famílias que possuem estabelecimentos comerciais locais, um salão de beleza e uma lanchonete. No caso do proprietário da lanchonete, as duas foram realizadas no seu ambiente de

com a renda familiar, com o objetivo de permitir uma imersão maior no universo simbólico cotidiano dessas famílias. O Quadro 1 sintetiza as características principais das famílias incluídas na pesquisa de campo.

O tempo de residência nos bairros analisados foi o ponto de partida para o mapeamento das famílias que analisadas nesta pesquisa, com um espaço de tempo de moradia que oscila entre 10 anos⁷ 24 anos de residência as famílias analisadas possuem uma renda per capita (em reais) entre 800,00 e 1.912,00.

Em um universo de 26 indivíduos⁸, oito possuem diploma de graduação, 9 concluíram ensino médio e 6 indivíduos não concluíram o ensino médio⁹. Constatou-se que em todas as habitações visitadas moravam pelo menos duas pessoas cuja renda familiar total (em reais) iria 2.400,00 à 5.000,00 mensais. A amostra analisada mostra a pluralidade da “nova classe média” nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici na cidade de Campina Grande- PB, diversos modos de vida que interagem em um mesmo espaço, o bairro, e colaboram diretamente para a modificação estrutural da paisagem urbana.

Além das entrevistas, foi aplicado um questionário base com cada família, que mapeou os principais aspectos de cada domicílio que forneceu os dados para elaboração do Quadro I.

trabalho antes do expediente. Já no caso da proprietária do salão de beleza, foram duas entrevistas realizadas em sua residência e uma em seu ambiente de trabalho.

⁷ No caso das famílias 02 e 04 o tempo de residência no bairro não é o mesmo de casamento, pois apenas um dos cônjuges mora no bairro no período descrito na tabela.

⁸ Total de indivíduos moradores das 8 famílias analisadas

⁹ O restante ou encontrasse em idade escolar (em curso) ou não estão em idade escolar ainda.

Capítulo 01

A “NOVA CLASSE MÉDIA” em questão: Um debate sobre as interpretações da mobilidade social no Brasil contemporâneo

O fenômeno da mobilidade social de caráter ascendente gera repercussões não apenas na vida cotidiana daqueles que passam por esta experiência, mas, também, nas percepções deste processo, tanto acadêmicas quanto da população em geral, principalmente quando a mobilidade afeta um grande número de pessoas num mesmo período.

No Brasil, o debate sociológico sobre a questão da mobilidade social que implicou num contingente de mais 50% de brasileiros que passam a ter uma renda média familiar entre R\$ 1.530,00 R\$ e 5.100,00, integrantes da classe C tem se voltado essencialmente para o cerne da nomeação conceitual deste fenômeno e quais jogos de valores e poder estariam associados à definição de “nova classe média”. Surgem neste debate posições antagônicas ao termo que pretendem dialogar com a ideologia por traz dos dados apresentados e a interpretação feita deles por Marcelo Cortes Neri.

Este capítulo pretende revisar as questões referentes ao debate sobre a recente mobilidade social no Brasil, com ênfase nas experiências adquiridas em suas trajetórias. Revisitando a literatura sobre o tema, nos deparamos com duas obras de Marcelo Cortes Neri, que anuncia a nova classe média como resultado da queda da desigualdade no país, partindo do pressuposto de que o maior poder de renda está diretamente associado a melhor qualidade de vida. Em contraponto ao que Neri defende, encontramos as obras de Jessé de Sousa e Marcio Pochmann com ênfase no debate sobre a pertinência do termo nova classe média para referir-se a parcela da população brasileira que passou por mobilidade social.

Buscaremos nos posicionar com relação a este debate defendendo a importância de se pensar as vivências elaboradas dentro das trajetórias de mobilidade social e particularmente pensando a especificidade da mobilidade social sem mobilidade espacial dentro da cidade.

1.1 Neri e o debate sobre a “nova classe média” no Brasil

No ano de 2008, o economista brasileiro Marcelo Cortes Neri lança *Miséria e a Nova Classe Média na Década da Igualdade*, em que o autor revisa dados quantitativos com relação à mobilidade de renda da população brasileira para elaborar uma interpretação sobre os modos de vida e as condições de existência das pessoas dentro do sistema capitalista brasileiro. Sua análise principia por dar ênfase no maior acesso ao emprego formal que garante os direitos dos trabalhadores e lhe atribui uma certa estabilidade em contraponto a outras formas de trabalho, algo, que segundo o autor, ocorre de forma exemplar a partir do ano de 2001, sendo um dos principais indicadores da redução da desigualdade. Segundo o autor, o trabalho no Brasil se tornou mais fordista e formal.

A desigualdade com relação à renda e poder de consumo que estaria estagnada entre 1970 e 2000 passa por variações relevantes. A redução da miséria enquanto insuficiência de renda e o crescimento da renda per capita são indicadores de melhorias qualitativas na vida da população, de modo que Neri (2010, p. 37) compreende que a “desigualdade de renda brasileira é resultado da interação de causas diversas, e também tem seus impactos em campos diversos da nossa vida social começando pelo crime, passando pela saúde, chegando à atividade dos mercados consumidores”.

Neri se baseia nesta obra essencialmente nos dados da PNAD do ano de 2007 e aponta este momento da economia nacional como extremamente singular e histórico para o país. Segundo Neri (2008, p.13) :

Se no futuro um historiador fosse nomear as principais mudanças ocorridas na sociedade brasileira na primeira década do terceiro milênio no Brasil, poderia chama-la de década da redução da desigualdade de renda, ou da equalização de resultados. Da mesma forma que a década de 90 foi a da conquista da estabilidade e a de 80, a da redemocratização.

Ao direcionar esforços sobre o que seria esta classe C, ou nova classe média, e qual sua importância analítica, ele afirma que:

A Classe C é a classe central, abaixo da A e B e acima da D e E. A fim de quantificar as faixas, calculamos a renda domiciliar per capita do trabalho e, depois, a expressamos em termos equivalentes de renda domiciliar total de todas as fontes. (...) A nossa classe C aufere em

média a renda média da sociedade, ou seja, é classe média no sentido estatístico. A classe C ela é a imagem mais próxima da média da sociedade brasileira. (NERI, 2008, p.35)

Isso expressa em termos de renda, datada na obra em questão, o intervalo entre R\$ 1.064,00 a R\$ 4.591,00 que expressaria o aquecimento da economia, não apenas descrito por Neri, mas por diversas formas de mídias de massa que propagandeiam a dita nova classe média brasileira, como sociedade do consumo, e as classificam também por este marcador. O acesso a bens duráveis (TV, rádio, lava-roupa, geladeira, e freezer, vídeo-cassete ou DVD) aumenta e se mantém ao longo dos anos, entre 2001 e 2008, onde já no ano de 2007 a nova classe média era 47,05% da população brasileira e no conjunto das metrópoles brasileiras era 50,35%.

Já no ano de 2010, Neri amplia sua discussão sobre a nova classe média com a publicação de sua obra *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*, em que o autor retoma os dados de sua pesquisa anterior junto com novos dados do ano de 2010, voltando a afirmar que o Brasil vem retirando gradativamente do quadro de pobreza milhões de brasileiros. Segundo Neri (2010, p.11), “após a recessão do primeiro ano do governo Lula até 2008, 19,5 milhões de pessoas saíram da pobreza adicionamos ano passado mais 1 milhão no último ano, chegamos a uma população de 28,8 milhões de pobres, um contingente ainda expressivo, sem dúvida”. Destarte, parte da população que deixa de pertencer as classes D e E compõe a nova classe C, que apenas no ano de 2010 cresceu 3,4%, e as modificações referentes a modos de vida para Neri estão mais uma vez voltadas para como e quanto consome essa nova classe C.

Uma forma alternativa de definir as classes econômicas (E,D,C,B a A) usual é pelo potencial de consumo. O Critério Brasil usa o acesso e o número de bens duráveis (TV, rádio, lava-roupa, geladeira e freezer, DVD), banheiros, empregada doméstica. Este critério estima os pesos a partir de uma equação clássica minceriana de renda e classifica as pessoas por faixas de pontos usando características mais permanentes que a renda corrente. Nossa abordagem é usar calculo similar não para definir as fronteiras entre as classes, mas para avaliar o potencial de consumo das pessoas em cada classe. (NERI, 2010, p. 25)

As duas obras em questão anunciam no Brasil a emergência da nova classe média. Neri considera que a partir dos padrões de consumo e acesso a bens poderá considerar a Classe C parte de um novo estrato social com características facilmente quantificáveis, quando na verdade essa nova parcela da população brasileira tem hábitos completamente novos, obviamente facilitados por sua nova situação econômicos, mas, a

questão é que ela não é uma continuidade da classe média tradicional, no que diz respeito a modos de vida, porém não pode deixar de ser considerada como classe média quando se leva em consideração a sua situação real na estratificação da sociedade brasileira. É necessário uma análise mais cuidadosa que leve em consideração outros fatores de sua vida social para que possamos de fato estabelecer parâmetros empíricos que justifiquem a nomeação de uma nova classe social no Brasil.

Apesar de ser um debate recente, tendo em vista que a primeira obra de Neri que versa sobre este tema mais especificamente data do ano de 2008, já existem estudos que se opõem à noção elaborada pelo autor, chamando a atenção para as condições reais de vida das pessoas que compõe o que seria a “nova classe média”. Em minha pesquisa de campo, pude perceber que ao longo de sua trajetória de mobilidade social suas estratégias de sobrevivência e de acúmulo e manutenção do capital de forma racionalizada foram personagens importantes em sua ascensão financeira, porém os dados apontados por Neri que direcionam a leitura desta mobilidade também são relevantes, porém não absolutos para que possamos compreender nosso objeto de estudo.

1.2 Os críticos do conceito de “nova classe média”

Em minha pesquisa pude de fato observar um aumento relevante na renda média familiar, em um recorte temporal de 10 anos, que colabora para a perspectiva de que nos bairros analisados houve de fato mobilidade social de caráter ascendente. Cruzeiro e Presidente Médici deixam de ser bairros habitados predominantemente por pessoas das classes E e D e passam a abrigar crescentemente famílias da Classe C.

Nesta discussão, encontra-se o trabalho do sociólogo Jessé Souza, que se opõe categoricamente à ideia de que existe uma “nova classe média” no Brasil, e sua obra de destaque com relação a esse tema é *Os batalhadores brasileiros, Nova classe média ou nova classe trabalhadora?*

É importante atentar para o fato de que os aspectos relativos ao lugar de produção das pessoas ou sua renda não constituem a ideia de classe social que este trabalho propõe e sim um conjunto de aspectos extremamente relevantes que nos possibilitam compreender alguns aspectos das relações sociais locais, agrupando-se junto a um conjunto de disposições que compõe a identidade de classe local, filiando-

nos a leitura que SOUZA (2010, p. 45) faz sobre suas premissas conceituais para elaborar a ideia de uma *nova classe trabalhadora*.

Classes sociais não são determinadas pela renda – como para os liberais – nem pelo simples lugar na produção – como para o marxismo clássico –, mas sim por uma visão de mundo “prática” que se mostra em todos os comportamentos e atitudes como esclarecida, com exemplos concretos acessíveis a todos (...).

O autor segue com uma crítica ao termo “nova classe média” e suas repercussões:

Trata-se de uma interpretação triunfalista que pretende esconder contradições e ambivalências importantes da vida desses batalhadores brasileiros e veicular a noção de um capitalismo financeiro apenas ‘bom’ e sem defeitos. A ideia que se quer veicular é a de uma sociedade brasileira de novo tipo, a caminho do Primeiro Mundo, posto que, como Alemanha, Estados Unidos ou França, passa a ter uma classe média ampla como setor mais numeroso da sociedade. (...) Essa concepção é um produto direto da dominação financeira que fincou sólida base no nosso país nas últimas décadas e que quer interpretar os seus interesses particulares como interesse de todos. Se possível, tenta-se também passar a ideia de que essa ‘nova classe média’ é produto apenas da política monetária e de privatizações do governo de FHC. (SOUZA, 2012, p.46)

Para Souza, o erro tem origem em não haver novos termos que deem conta desta nova situação econômica do Brasil. Assim, antigos termos carregados de sentidos e juízos de valor são reaproveitados para ilustrar aquilo que existe nos dias de hoje. É o caso daquilo que se pensa sobre a cultura da classe média nas décadas de 1980 e 1990, suas opções políticas e seus modos de vida na sociedade transplantados para uma nova parcela da população pelo simples fato de possuírem renda equivalente, quando na verdade a diferença crucial é que o que diferencia a classe média tradicional e a chamada “nova classe média” são suas trajetórias de mobilidade social. Novos modos de vida e visões de mundo são elaboradas por esta nova classe C em desacordo com a classe média tradicional, alguns destes aspectos foram observados por Figueira antes mesmo dos anos 2000, ao analisar as modificações nos hábitos das famílias cariocas em seu trabalho *A família de classe média atual no Rio de Janeiro: Algumas considerações*, publicado em 1992.

Segundo Souza, não existe por parte de pesquisas atuais, elaborações conceituais que falem sobre as vivências reais cotidianas das pessoas, apenas julgamentos superficiais que não dão conta da real situação em foco:

(...) o que vemos são analistas falando bem ou mal do ‘novo mundo’, utilizando-se de categorias e ideias do mundo velho. Isso é verdade, no Brasil, tanto em relação aos intelectuais políticos e formadores de opinião que ‘afirmam’ o mundo existente como (sempre) o melhor mundo possível, quanto em relação à maioria dos intelectuais, políticos e formadores de opinião que ‘criticam’ e, supostamente, pretendem modificar o mundo ‘para melhor’. SOUZA, 2012, p.20

Souza descarta a possibilidade de existir um país majoritariamente formado pela classe média. O autor (SOUZA, 2012, p.20) denuncia essa proposta midiática com relação ao Brasil em torno da ideia que o país estaria “se tornando uma Alemanha, uma França ou uns Estados Unidos, onde as ‘classes médias’, e não os pobres, os trabalhadores e os excluídos, como na periferia do capitalismo, formam o fundamento da estrutura social”. Para Souza, essa “nova classe média” seria uma nova classe trabalhadora, constituída pelo que Jessé Souza chama de *batalhadores*, brasileiros (as) que ascenderam socialmente devido a seu próprio esforço e uma série de privações para que pudessem sair da situação em que se encontravam há 10, 15 ou 20 anos, sendo portanto, a nova classe média resultado de uma trajetória de *batalhadores* brasileiros que não gozaram de privilégios de berço como a classe média tradicional, mas buscaram melhor qualidade de vida por meio de estratégias particulares de sobrevivência no capitalismo tardio.

Sua crítica ao que tem sido colocado como “nova classe média”, do ponto de vista semântico, apresenta-se desta forma:

Ainda que “classe média” seja um conceito vago (e, exatamente por conta disso, excelente para todo tipo de ilusão e violência simbólica que se passa por “ciência”), ela implica, em todos os casos, um componente “expressivo” importante, e, conseqüentemente, uma preocupação com a “distinção social”, ou seja, com um estilo de vida em todas as dimensões que permita afasta-lo dos setores populares e aproxima-la das classes dominantes. Aqui não se trata de “renda”, já que efetivamente pode-se ter uma renda relativamente alta e uma condução de vida típica das classes populares. Associar classe à renda é “falar” de classes, esquecendo-se de todo o processo de transmissão afetiva e emocional de valores, processo invisível, visto que se dá na socialização familiar, que constrói indivíduos com capacidades muito distintas, como vimos mais acima. Mas é por conta desse tipo de pseudociência que associa classe a renda, uma associação que mais encobre que explica, que é possível falar-se de “nova classe média” sem a cerimônia que se fala no Brasil. (SOUZA, 2012, p. 46)

Porém como poderíamos definir a relação que Souza coloca entre renda e estilos de vida, para que possamos afirmar que está não é uma nova classe média? Existe uma enorme carga ideológica com relação a produção deste conceito, mas, na prática existe

uma nova classe C que tem modos de vida diferenciados daqueles da classe média tradicional, porém não compõe uma total oposição a mesma, mas um substrato híbrido resultado de um conjunto de estratégias de sobrevivência, que dá a essa nova classe C o status real de nova. Novas formas de perceber a estrutura familiar, novas formas de lidar com a educação formal, uso de crédito e financiamento são modos de organizar o mundo social que as antigas classes E e D elaboraram ao longo de sua trajetória de mobilidade social. Aqueles que hoje constituem a classe C são pessoas que tiveram sucesso em suas estratégias de vida e ascenderam socialmente.

Pochmann (2012) concorda em grande medida com Souza com relação ao fato de estarmos diante de uma situação nova com relação a situação econômica dos brasileiros. Apresenta, assim como Neri, a importância do aumento do número de pessoas que tem emprego formal e a diminuição da pobreza absoluta nos últimos 10 anos. Dá ênfase em seu livro *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira* a mudanças nas condições de trabalho dos brasileiros, em especial na *base da pirâmide social*:

(...) a década de 2000 apresentou uma alteração importante no padrão de trabalho da mão de obra brasileira, marcado por forte dinamismo nas ocupações geradas e no perfil remuneratório. Do total líquido de 21 milhões de postos de trabalho criados na primeira década do século XXI, 94,8% foram com rendimento de até 1,5 salário mínimo mensal. Nas ocupações sem remuneração, houve a redução líquida de 1,1 milhão de postos de trabalho, enquanto na faixa de cinco salários mínimos mensais a queda total atingiu 4,3 milhões de ocupações. Em síntese, ocorreu o avanço das ocupações na base da pirâmide social brasileira. (POCHMANN, 2012, p. 27)

Concorda com a perspectiva de que não há uma “nova classe média” no sentido de uma continuação ou parte integrante de alguma forma da classe média tradicional brasileira, mas, sobretudo, defende que existe um grande número de trabalhadores que ascenderão socialmente devido as suas condições de relação com o trabalho, que alterou significativamente o quadro econômico do país.

1.3 “Nova classe média” e consumo

Como já foi posto nesta dissertação, a discussão sobre a “nova classe média” no Brasil é abordada por Neri com ênfase na renda e poder de consumo, de modo que este enfoque sobre a caracterização da “nova classe média” tem tomando forma de diferentes

maneiras nos telejornais, revistas impressas e no meio acadêmico, que colaboram também para a perspectiva da análise de classe com base em dados relativos ao poder de consumo.

No ano de 2010, mesmo ano em que Neri publicou *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*, o Instituto Datafolha realizou uma pesquisa na cidade de São Paulo sobre os modos de vida na “nova classe média” brasileira. Os dados desta pesquisa integraram um quadro de 6 matérias no Jornal da Record da Rede Record de Televisão, onde foram apresentados os dados da pesquisa que dialogavam com a vida de moradores da grande São Paulo.

Neste bloco de materiais a “nova classe média” é apresentada como a classe do consumo, que vai desde eletrodomésticos a viagens para o exterior, elencando estes marcadores como essenciais para que se possa compreender os modos de vida destes brasileiros, filiando-se ao que Yaccoub (2011, p.06) em sua análise, onde seria necessário, para que possamos estudar os modos de vida da “nova classe média, analisar suas formas de consumo, e como este desempenha um papel fundamental em sua relação de pertencimento a classe:

Ao me relacionar com as pessoas e adentrar em suas casas, percebi que o consumo tem um papel central para esse grupo; através da aquisição de determinados objetos, esses indivíduos se sentiam incluídos, poderosos, pois através do consumo conquistavam status, valor simbólico, prestígio. Dentro desse contexto a mulher possui um papel fundamental no campo do consumo doméstico, ela traz para si a função de ofertar conforto e sensação de bem-estar para sua família, dar tudo para os seus filhos é uma meta ou dever (muito mais que um direito), proporcionar conforto está especialmente relacionado à posse de eletroeletrônicos.

O conjunto de matérias realizado pela Jornal da Record dá ênfase a uma família paulista onde destaca-se o papel da mãe, enquanto agente organizadora do orçamento familiar, neste escopo, o consumo torna-se central na abordagem das entrevistas, de modo que, televisores de última geração, micro-ondas, computadores, peças de vestuário, entre outras aquisições são mostras do sucesso do planejamento familiar com relação a renda, onde insere-se o decisivo papel do uso dos cartões de crédito, mostrados como facilitadores do acesso ao consumo. Segundo Yaccoub (2011) este consumo é a porta de entrada para novos modos de vida, porém, o aumento na renda não está relacionado diretamente há uma nova forma de consumo do espaço urbano, onde mesmo havendo mobilidade social não existe mobilidade espacial na cidade:

O consumo é o passaporte para que sejam vistos como modelo a ser seguido, aqueles que deram certo na vida e têm de tudo; no entanto, visivelmente falta-lhes capital cultural e social, e se percebe nas conversas que os entrevistados reconhecem essa carência por informação. Outro ponto interessante é que mesmo possuindo capital econômico para residir em bairros/municípios mais nobres, com mais infraestrutura e uma ampla gama de serviços, preferem continuar em seus bairros de origem: antes "alguém" no local onde mora, do que um "qualquer" em um bairro rico. (Yaccoub, 2011,p.11)

Kerstenetzky, Uchôa e Silva (2013, p.10) defendem que a análise dos padrões consumo, no estudo sobre a “nova classe média” brasileira, colabora fortemente para a compreensão do que Bourdieu “estilo de vida”.

A sociologia de Bourdieu privilegia o marcador “estilo de vida” para entender o processo de definição de estratos sociais. Segundo este autor, as diferenças primárias entre as classes no espaço social se originam no volume global de capital econômico, cultural e social que cada uma delas detém e nas combinações que se estabelecem entre eles, mas os transcendem, na medida em que capitais e suas combinações conferem aos diferentes grupos a possibilidade de aceder a diferentes padrões de consumo e estilos de vida.

Neste enfoque o consumo não está relacionado apenas à posse de objetos de desejo do momento, como televisores de última geração, micro-ondas, computadores, peças de vestuário entre outros, mas, ao consumo distintivo que caracteriza a classe como detentora dos meios de consumo de determinados bens materiais e imateriais, que definirão “gostos” específicos de uma classe social.

Os marcadores de posição social refletem as preferências que distinguem cada classe, as quais, por sua vez, são tributárias de seus “gostos”. Estes atuam como esquemas de classificação e funcionam como mecanismos identificadores de posições. Assim, não é suficiente ocupar a posição social, é também necessário dispor dos elementos que permitam ao próprio segmento reconhecer e identificar o detentor da posição e, simultaneamente, emitir para os outros segmentos os sinais que denotem a posição ocupada.

Uma vez que todos os grupos envolvidos nos processos sociais, através da dialética da classificação e reclassificação, buscam se deslocar no mesmo sentido e com os mesmos objetivos (isto é, conquistar posições sociais desejadas), quando algum segmento consegue acessar os marcadores daquele que ocupa a posição desejada, põe-se em marcha uma estratégia de reclassificação, uma reconfiguração dos gostos, e novos sinais que assegurem a raridade distintiva ao segmento social são elaborados. Este deslocamento é observado com o consumo de massa, que torna acessíveis a muitas pessoas bens que antes eram reservados a poucos, sendo necessário então a produção de um novo sinal de diferenciação, para além do sinal emitido pela simples posse dos bens, como por exemplo,

aspectos culturais não imediatamente replicáveis (...). Na realidade, o consumo conspicuo explicaria não apenas o padrão de consumo dos ricos, mas, segundo Veblen, também o de todos os demais estratos, na medida em que cada estrato envidaria esforços para emular o padrão de consumo do estrato subsequente e com isso se diferenciar do estrato imediatamente inferior e se possível de seu próprio estrato. Na formação de preferências entrariam valores e normas sociais que remeteriam à busca de comparação e superação que caracteriza as sociedades de consumo – o padrão de decência a ser atingido sendo estipulado por referência ao que outros acima alcançaram. (Kerstenetzky, Uchôa e Silva, 2013, p.11)

Na pesquisa realizada para elaboração desta dissertação o aumento nos níveis de consumo mostrou-se presente nas 8 famílias analisadas, expressos de diferentes formas ao longo de sua trajetória de mobilidade social, novas aquisições materiais, como carros, eletrodomésticos, entre outros estavam presentes na descrição feita pelas famílias com relação a sua ascensão, porém não apenas isso, busca por melhor qualidade de vida, investimento em educação e lazer, ampliação de seus empreendimentos e especialização nas suas áreas de atuação no mercado de trabalho também faziam parte de sua trajetória de mobilidade social.

Noronha e Barbosa (2014, p.07) ao elaborarem uma releitura de Lamounier e Souza (2010) apontam que a o consumo não deve ocupar um papel central na análise da “nova classe média”, onde o trabalho que promove os meios para o consumo da dita classe trabalhadora deveria ser mantido como centro da discussão:

Para nós, não há como o trabalho ser subordinado e o consumo ser dominante para a nova classe média. Se essa parte da população passou a ter acesso a bens materiais e imateriais que antes lhes eram negados, isso é fruto de trabalho árduo, jornadas exaustivas, sacrifícios pessoais e muita força de vontade. Então, como o trabalho perde sua centralidade?

Lamounier e Souza (2010) explicam que a sustentabilidade desta ascensão social depende do crescimento do país com estabilidade e distribuição, da renda e do consumo, da educação e da mobilidade, do empreendedorismo, do capital social e projetos de vida, além de atitudes políticas democráticas. Percebam que o trabalho é ignorado como artefato formador da classe social. Não faz sentido nos mostrar vários gráficos que mostrem o aumento do consumo de eletrodomésticos, casas e automóveis, de melhores índices educacionais, de abertura de novos pequenos negócios, se esses números não refletirem na real mudança de desigualdade social.

Em entrevista concedida no ano de 2013 ao Instituto Humanitas Unisinos, Souza propõe a descentralização do consumo na análise do que ele chama de “nova classe trabalhadora”, quando afirma que não é o aumento da renda que condiciona ao consumo, o autor afirma:

É claro – mais uma vez as meias-verdades – que um acesso a uma renda maior pode nos fazer ir ao espaço se gostamos de aventuras perigosas. Mas o “gosto por aventuras perigosas”, que é o único fator importante aqui (afinal, é o que, junto de outros fatores, singulariza a pessoa da qual falamos), não é “criado” pelo acesso à renda. O indivíduo do “economicismo” é o “consumista desejante”, supostamente o que nós todos somos, com gostos semelhantes e que vê a vida do mesmo modo.

Ainda sobre o consumo na “nova classe média” Souza (2013) afirma que não existe um planejamento efetivo com relação a projeção de gastos, nem mesmo com relação a projetos de vida, para o autor a “nova classe média” vive o apenas o presente sem planejar o futuro:

É uma classe que vive o “aqui e o agora” e, portanto, não desenvolve o pensamento prospectivo, ou seja, não percebe o futuro como mais importante que o presente. Quem não pensa no futuro e não o planeja literalmente “não tem futuro”. Essa mesma classe, por falta de exemplos e estímulos, em boa parte pelo menos, também não desenvolve a faculdade da “concentração” na escola, como inúmeras entrevistas nos mostraram, faculdade esta que imaginamos tão “natural” quanto a de andar e respirar.

A pesquisa realizada para a elaboração desta dissertação mostra justamente o contrário, tanto com relação a importância da centralidade do consumo na análise da “nova classe média” defendida por Yaccoub (2011) quando com relação ao não planejamento de seus projetos de vida e o foco no presente ressaltado por Souza (2013).

Com relação ao não planejamento dos gastos familiares foi possível verificar que há sim um rigor com relação a não obtenção de dívidas, de modo que, das 8 famílias analisadas nenhum membro com atividade remunerada, encontrava-se com o nome negativado no SPC Serasa, e neste universo 3 famílias¹⁰ participavam de programas de microcréditos e visavam ampliar seus empreendimentos.

Quando questionados sobre seus objetos e planos para o futuro os entrevistados buscavam no presente formas para melhorias nas condições de vida no futuro, afinal ao analisar sua trajetória de mobilidade social percebemos que estes indivíduos acenderam

¹⁰ Todas as famílias utilizavam o microcrédito para pequenos e médios empreendedores, sendo que duas delas usavam uma modalidade de microcrédito chamada de crediamigo, onde existe uma rede de solidariedade em um grupo de amigos que pedem em conjunto o crédito ao banco, onde um acaba sendo viador do outro. Para que este grupo se perpetue é necessário que não exista atraso no pagamento das parcelas por parte de nenhum dos membros, e um dos dois grupos do credamigo já se mantém com a mesma formação a cerca de 5 anos.

socialmente em grande medida devido a suas estratégias de gestão cotidiana, abrindo seus próprios negócios, especializando-se, investindo na educação de seus filhos etc. De todo modo, analisar a “nova classe média” unicamente pelo viés do consumo encobriria diversas características de classe deste contingente de brasileiros, aspectos estes que apenas podem ser evidenciados através da análise de suas trajetórias de mobilidade social, que permite a observação das transformações nos modos vida e como se construiu as vivências de classe da “nova classe média” brasileira.

Para Kapp (2012), essa mobilidade social significou apenas uma ampliação do mercado de consumo, no mais amplo sentido do termo, não havendo de fato uma modificação clara na estrutura de distribuição do capital no país.

Por outro lado – e esse é, sem dúvida, o aspecto mais importante – o nexo direto entre consumo e mobilidade social põe o critério dos recursos econômicos como principal definidor da estrutura de classes, deixando em segundo plano recursos (ou capitais, no sentido de Bourdieu) culturais, sociais e políticos. Mas se, na ordem do crescimento econômico brasileiro recente, os pobres são bem vindos como mão de obra (de preferência qualificada nos moldes do capitalismo flexível), como consumidores (inclusive de serviços de educação, como os muitos cursos universitários) e até mesmo como produtores de cultura popular (do Carnaval a programas de TV), não são bem vindos como agentes políticos de peso, como transformadores da cultura dominante ou como partícipes das prestigiosas redes de pertencimento pessoal. (Kapp, 2012, p31)

A ampliação do poder de consumo é um fenômeno inevitável, o acesso a novas experiências proporcionadas por esta mobilidade assim como a exploração disso por parte do capital também o são. O fato é que passam a existir novas dinâmicas nos modos de vida das pessoas e em especial, dentro deste processo, tenciono observar como esta mobilidade social também se relaciona com o espaço urbano, já que alguns estudos associam mobilidade social à mobilidade espacial, em casos onde os locais de moradia não correspondem a renda que as pessoas possuem, porém não deixam de ser espaços em transição que se relacionam diretamente com os modos de vida das pessoas.

Ainda com foco na crítica a perspectiva de classificação de classe diretamente relacionada ao nível de consumo Scalón e Salata (2012, p.388) apontam que “o aumento da renda e do consumo não retrata, necessariamente, mudanças na composição das classes, muito menos no que diz respeito às desigualdades nas chances de vida”, certamente não há uma modificação no quadro da desigualdade nas chances de vida, existe um esforço para contornar estas desigualdades a partir de estratégias de manutenção da vida cotidiana.

Capítulo II

Trajetórias de mobilidade social nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici na década de 2000

Os bairros do Cruzeiro e Presidente Médici surgem na cidade de Campina Grande como bairros destinados às classes populares; carentes, em sua fundação, de infraestrutura urbana e de serviços públicos como saúde e transporte e sem acesso regular a saneamento básico. Neste contexto, a decisão de morar nestes bairros, no passado, era percebida mais como uma necessidade do que como uma escolha, como relatou Luzia, professora de uma escola estadual local, membro da família 1:

Aqui era mais próximo do trabalho, não tinha como agente assumir ai no Raul [Escola estadual situada no bairro do Presidente Médici] se morássemos longe, pois não tinha como ficar gastando com transporte e também não podíamos deixar nosso emprego. Então foi o jeito vir morar aqui mesmo, não foi fácil, pois, era um bairro muito perigoso, e como não passava ônibus aqui perto a gente achava que estávamos longe de tudo, afinal aqui era como se fosse uma favela. (Luzia, Família 01, entrevista realizada em setembro de 2014)

Hoje, as transformações urbanas vivenciadas nestas áreas mudaram o status destes bairros, que apresentam ruas pavimentadas e maior acesso ao consumo de bens e serviços. Os novos investimentos imobiliários realizados nos últimos anos, com a construção de condomínios residenciais e de novas moradias, completam o feixe de intervenções que têm modificado a feição urbana local. Neste capítulo, busca-se responder duas questões principais: quais trajetórias de mobilidade social foram encontradas na pesquisa de campo? E como estas trajetórias conectam vivências individuais e experiências coletivas num dado espaço urbano? E, assim, avançar numa perspectiva de análise da mobilidade social que considere não apenas a mudança de posição numa certa estrutura de estratificação social, mas que procure apreender – a partir da pesquisa sobre as diferentes trajetórias de mobilidade – as maneiras pelas quais essa mobilidade se realiza.

Se a mobilidade social se define a princípio em termos econômicos, uma perspectiva sociológica não pode se fundamentar unicamente em aspectos como renda ou consumo, nem se esgota em considerações sobre diferenças de capital cultural realizadas numa perspectiva não processual. Em *A distinção* (2007), Bourdieu enfatiza a importância de se considerar a trajetória dos indivíduos num determinado espaço social,

trajetória que é um elemento importante na compreensão das variações entre membros de uma mesma fração de classe.

A incorporação de uma perspectiva que leve em conta a trajetória de mobilidade social nesta dissertação busca conectar presente e passado, permitir uma apreciação do tema da mobilidade e das classes a partir das vivências individuais em um campo que expressa os constrangimentos sociais que operam num determinado tempo e espaço.

Mas há ainda um outro motivo para a ênfase nas trajetórias de mobilidade social. O debate sobre o tema da emergência da chamada “nova classe média” no Brasil tem girado, como já dito anteriormente, em torno de dois tópicos recorrentes: o problema da classificação e o problema do consumo. Ou seja, questiona-se: trata-se mesmo de uma nova classe média? Esta nova classe média se define fundamentalmente pelo consumo? Ao se debruçar sobre trajetórias de mobilidade social, busca-se escapar a estas questões. Ou, dito de maneira mais precisa, contorná-las, para que sejam retomadas a seguir numa perspectiva renovada. Qualquer classificação que não considere aspectos processuais da vida social e os novos significados que são dados a diferentes aspectos de nossas vivências coletivas é sempre problemática. No limite, porém, novos contingentes de pessoas não precisam experimentar certos eventos (e muitas vezes não têm como fazê-lo) da mesma maneira que foram experimentados no passado, e, assim, não é incorreto, a princípio, falar da emergência de uma nova classe média no Brasil, querendo dizer que estes indivíduos que experimentam mobilidade social não possuem as mesmas experiências de mobilidade vivenciadas no passado.

Talvez seja menos arbitrário chamar este grupo social de nova classe média (considerando a diversidade de ocupações a que se dedicam seus membros) do que de nova classe trabalhadora. Mas se alguém deseja recorrer a ideia de nova classe média para indicar mudança no quadro de desigualdade no Brasil, seria um uso inadequado e politicamente perigoso, pois as distâncias sociais no Brasil persistem e se renovam. Por outro lado, são claramente preconceituosas as tentativas de definir a chamada “nova classe média” por algum tipo de consumo distintivo ou por uma certa fixação no consumo. Como ensinam Mary Douglas e Baron Isherwood (2004), todos os indivíduos se definem e definem aos outros pelo consumo. É pelo consumo de bens (e não na sua produção) que efetivamente operamos classificações. Toma-se “consciência” de quem é na relação com os bens consumidos. O consumo é o meio principal de integração social, nesta perspectiva. Pobreza é justamente a imposição de fortes limitações ao consumo, que é o mesmo que a imposição de fortes limitações à troca de informações entre

indivíduos que enfrentam pesados constrangimentos ao consumo de bens. Nas vivências de mobilidade social, porém, o consumo só ganha significado sociológico quando considerado nas trajetórias vividas.

Neste capítulo busca-se apreender a diversidade de trajetórias de mobilidade social num quadro comum de experiências: quando a mobilidade social ocorre sem estar acompanhada de mobilidade espacial. Esse recorte não dá conta da diversidade de situações sociais encontráveis na análise da mobilidade social no Brasil contemporâneo. Mas, defende-se aqui, parece ser um padrão importante para compreensão dessa mobilidade e dos grupos sociais que mudam de posição no espaço social brasileiro.

2.1 Trajetórias de mobilidade social: definindo pontos de partida

Esta dissertação busca tornar operacional a noção de trajetórias de mobilidade social. Neste sentido é importante definir, mesmo que sinteticamente, os pontos de partida que justificam as escolhas metodológicas realizadas. A noção de trajetória emerge dos desafios envolvidos no estabelecimento de relações entre as subjetividades individuais e o mundo real e concreto das relações humanas, envolvidos nas pesquisas empíricas que se debruçam sobre materiais biográficos (MONTAGNER, 2007).

Inspirado na obra de Bourdieu, Montagner (2007) defende a opção pela realização de estudos de trajetórias individuais e de grupos, e essa é a orientação geral adotada neste trabalho. Sem adotar uma perspectiva rigorosamente bourdieusiana, que articule todos os conceitos operados pelo sociólogo francês, optou-se neste capítulo pela análise das trajetórias de indivíduos pertencentes a oito famílias residentes nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici, com o intuito de oferecer uma perspectiva das trajetórias de mobilidade social vivenciadas por um grupo social que compartilha experiências de mobilidade social sem mobilidade espacial.

Para Mills (apud Montagner, 2007, p. 247-248):

A ciência social trata de problemas de biografia, de história e de seus contatos dentro das estruturas sociais. São estes os três – biografia, história e sociedade – pontos coordenados do estudo adequado do homem (...). Os problemas de nosso tempo – que incluem o problema da natureza mesma do homem – não podem ser formulados adequadamente sem aceitarmos na prática a opinião de que a história é a medula do estudo social, e reconhecemos a necessidade de desenvolver mais uma psicologia do homem que seja sociologicamente fundamentada e historicamente relevante. Sem o uso da história e sem o sentido histórico das questões psicológicas, o

cientista social não pode, adequadamente, formular os tipos de problemas que devem ser, agora, os pontos cardeais de seus estudos.

Para Bourdieu, as trajetórias seriam:

“o resultado construído de um sistema dos traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias. Precisando mais o conceito, Bourdieu aponta que uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Essa objetivação resulta em uma trajetória, que diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente [...] em estados sucessivos do campo” (Montagner, 2007, p. 254).

Montagner (2007) destaca que a trajetória social é o movimento dentro de um campo de possíveis definido estruturalmente e que toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social.

O uso da noção de trajetória aqui, porém, não tem como objetivo produzir uma reconstrução sistemática de padrões ou regularidades sociais. Optou-se por privilegiar recortes significativos das vivências de mobilidade, apresentadas com a preocupação de demarcar experiências ou percepções que informam a mobilidade social nas famílias incluídas na pesquisa de campo.

Na análise das trajetórias de mobilidade social que se realiza a seguir, buscou-se reconstituir estas trajetórias tendo como referência as vivências num determinado espaço urbano, no caso, os bairros do Cruzeiro e Presidente Médici, na cidade de Campina Grande (PB).

2.2. Diversidade de trajetórias de mobilidade social sem mobilidade espacial

A pesquisa sobre as trajetórias de mobilidade social das famílias dos bairros do Cruzeiro e do Presidente Médici, realizada com oito famílias residentes no local há mais de 10 anos, revelou que há afinidades e diferenças nas formas pelas quais vivenciaram melhorias em suas condições de vida, diretamente relacionados com aumento da renda familiar. As trajetórias foram reconstituídas através de entrevistas realizadas com pelo menos dois membros de cada família, para que fosse possível perceber o que não era dito nas pesquisas estatísticas com relação aos modos pelos quais os indivíduos alcançaram ascensão para a chamada “nova classe média”. De acordo com Sousa (2012):

É sempre difícil definir um fenômeno social que está se constituindo “em ato” defronte de nossos olhos. Esse foi, inclusive, o maior desafio tanto teórico quanto empírico do livro que fizemos. No decorrer do trabalho com as entrevistas, percebemos se tratar de fenômeno distinto do que o anunciado com certo triunfalismo nos jornais. Procuramos primeiro separar este estrato da classe média estabelecida. Não se consegue fazer isso apenas com a variável renda, que é, no entanto, infelizmente, o que se faz sempre.

A análise das ocupações dos membros das famílias incluídas na pesquisa mostra que a chamada “nova classe média” não se constitui como um grupo homogêneo, passível de ser enquadrada em terminologias como as propostas por Jessé Souza (2012), “batalhadores” e “nova classe trabalhadora”. São professores, trabalhadores especializados, empreendedores e também trabalhadores não especializados, coexistindo em um mesmo espaço urbano, os bairros do Cruzeiro e do Presidente Médici, na cidade de Campina Grande (PB).

Luzia, membro da família número 1, é professora da rede pública de ensino há mais de 15 anos. Saiu do bairro do José Pinheiro, junto com seu marido Aldo, que também é professor, para morarem no bairro do Cruzeiro, pois ambos iriam passar a atuar na E.E.E.F.M. Prof. Raul Córdula. Recém-casados e com uma filha de 4 anos, Luzia conta que a vida no bairro era difícil, e para que ela e o marido pudessem pagar o empréstimo que tinham feito com um agiota¹¹ para comprar a casa onde moram até hoje e custear suas despesas familiares ambos trabalhavam em mais de uma escola, tanto na E.E.E.F.M. Prof. Raul Córdula quanto na rede particular de ensino. Segundo ela:

Nós trabalhávamos muito, eu e Aldo. Dávamos aula aqui no Raul, no Djanira [Escola da rede privada local] e lá no nossa Senhora do Carmo [Escola da rede privada local] que hoje nem existe. Era de manhã, de tarde e de noite. Minha menina mais velha, que na época era uma pirralhinha, ficava aqui com uma vizinha que morava aqui. Ela tinha tipo um berçário, era o jeito que agente tinha para se virar. (Luzia, Família 01, entrevista realizada em setembro de 2014)

Luzia conta que veio morar no bairro justamente por ficar próximo a seu trabalho, pois segundo ela com o salário que recebia não compensaria pagar transporte. A insatisfação de Luzia não era apenas com as condições de trabalho, mas também com o bairro em si. Para ela, morar em um bairro considerado de “pobre” era um sinal de seu insucesso profissional, junto ao fato de não ter feito uma pós-graduação, pois seus planos não eram ficar no bairro.

¹¹ A casa que Luzia mora até hoje custou na época de sua compra R\$ 12.000,00. Luzia, não tendo posse do dinheiro completo para comprar a casa, pediu R\$ 4.500,00 em forma de empréstimo com um agiota de seu antigo bairro.

Eu queria vir pra cá porque [estando] próximo do trabalho eu pensei que ia ter mais tempo para estudar, para me especializar, eu queria ter seguido a carreira acadêmica. Aldo não pensava muito nisso, mas eu sim. Queria ter feito especialização, mestrado, doutorado, ter conseguido um emprego melhor, em uma faculdade e ter saído daqui, mas Deus não quis assim. (Luzia, Família 01, entrevista realizada em setembro de 2014)

Ao longo dos anos, Luzia percebe as modificações no espaço físico do bairro. Entre os anos de 1999 e 2000, sua rua foi calçada e seus vizinhos passaram a reformar as fachadas de suas casas e de forma instantânea Luzia sente a necessidade de investir em sua residência.

Quando chegamos aqui essa casa não era uma das piores, tinham muitas casas aqui sem muro, caindo os pedaços. Aqui já era mais arrumadinho, tinha muro, tinha portão, mas a gente nunca se importou em ficar reformando ou fazer essas coisas aqui em casa, mas depois que calçaram aqui a rua eu me lembro que o pessoal todo começou a arrumar as casas, colocar grade, ajeitar as calçadas. Ai a gente aqui já que ia ficar aqui mesmo começou a arrumar nossa casa também. Mas a gente fez logo tudo quase de uma vez. Pegamos um empréstimo no banco, pelo menos isso não foi difícil pra nós já que trabalhávamos nos Estado (risos). Aí reformamos boa parte da casa, levantamos o telhado, que era a maior moda na época; fizemos uma suíte no meu quarto; fizemos um monte de coisa. Depois ficaram descontando no nosso salário aos poucos. (Luzia, Família 01, entrevista realizada em setembro de 2014)

O fato de Luzia trabalhar como professora na rede pública estadual de ensino facilitou, em sua percepção, seu acesso ao empréstimo para reforma da casa. Neste ponto, com relação à reforma de sua casa, é possível perceber como o evento do calçamento da rua, que para a entrevistada significava uma mudança de status do bairro, mobilizou-a a modificar também a estrutura de sua casa, já que como ela mesma afirma não teria condições de se deslocar para outro bairro.

Mesmo Luzia e seu marido tendo um curso superior, Luzia diz ter desencorajado sua filha a seguir a carreira do magistério. Aos 19 anos, Maria, filha de Luzia, concorreu a uma vaga para o curso de Engenharia Civil. A professora diz ter investido na educação da filha, pois não gostaria que ela não tivesse escolha com relação à profissão que desejasse, por este motivo a colocou nos melhores colégios privados da cidade. Maria não obteve sucesso na sua primeira tentativa para ingressar na universidade e decidiu fazer cursinho preparatório para uma nova tentativa de ingresso na universidade. Optou por estudar em casa para fazer um concurso público e hoje trabalha como atendente de telemarketing em uma empresa que se instalou no bairro.

Eu achei melhor tentar logo um concurso para que eu possa ficar independente. Depois eu penso nessa coisa de faculdade. O povo tem essa coisa com fazer um curso na universidade mas o que eu mais vejo por ai é gente formada e desempregada e eu não posso ficar sem dinheiro; não posso depender dos meus pais, aí eu trabalho na AeC [empresa de telemarketing local] para ir ajudando a pagar alguma coisa em casa e ir me sustentando também. Quando eu passar em um concurso, eu vejo o que eu quero, mas o importante é passar e ter uma estabilidade, pois hoje em dia se você não tiver um concurso você não pode fazer muita coisa. (Maria, Família 01, entrevista realizada em setembro de 2014)

A empresa que Maria trabalha instalou-se no bairro em abril de 2012, em um acordo feito com a Prefeitura Municipal para redução de impostos e doação do terreno onde a empresa foi construída, afim de gerar emprego e renda. O fato é que esta promoveu também alterações nas dinâmicas e na paisagem local do bairro. Algumas rotas de ônibus que atendem os bairros do Presidente Médici e Cruzeiro foram ampliadas nos últimos três anos em decorrência da instalação desta empresa e novas rotas foram criadas para atender a demanda dos trabalhadores, que têm turnos na madrugada.

Antes da vinda do Call Center para Campina Grande, o local de sua construção era uma construção abandonada do antigo Forrock, local que promovia shows na cidade, como relata o site *Relatos históricos de Campina*:

Num primeiro momento, a casa de Shows "Forrock" foi muito importante na consolidação do evento "Maior São João do Mundo". Até sua criação em 1985, Campina Grande não tinha um local para grandes shows, sendo alguns realizados em clubes, alguns pequenos e sem a acomodação adequada para o público. O prédio do (Antigo) Forrock estava edificado na Av. Almirante Barroso, no Bairro do Presidente Médici em Campina Grande / PB. Foi a partir deste empreendimento do visionário empresário João Gregório, que a cidade campinense e mesmo a Paraíba como um todo, vislumbraram a possibilidade de se ter grandes empreendimentos na área de eventos, pois isso atraía um interessante público, que gerava dividendos e conseqüentemente, empregos diretos e indiretos. O Forrock, de certa forma, ajudou a alavancar não só o evento São João mas também o turismo local que no ano seguinte a sua estreia, surgiria o Parque do Povo, o palco principal de nossa mais popular festa.



Figura 01 – A primeira imagem no canto superior da figura é o antigo Forrock no ano de 1986. A segunda imagem é o prédio do antigo Forrock abandonado no ano de 2010 e a última imagem é da empresa AeC que foi construída no ano de 2012.

Em 1995, a casa de show foi desativada e abandonada. O local era temido pelos moradores por ser ponto de encontro de usuários de drogas. Em 2012, junto a modificações no espaço urbano que vinham acontecendo no bairro, o antigo prédio foi derrubado e em seu lugar foram erguidas as instalações do Call Center.

Assim como outros moradores do bairro, Maria passa a trabalhar em uma modalidade de emprego que ganha atenção especial na obra de Sousa (2012), *Os batalhadores brasileiros, nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Por meio do texto do colaborador Ricardo Visser, no capítulo um do livro intitulado *A formalidade precária: Os batalhadores do telemarketing*. Visser (2012, p. 63) relata a história do trabalho de Rodolfo, que não diferente daquele realizado por Maria, com relação a escolha do trabalho como algo provisório:

Rodolfo é um rapaz de 21 anos, com cabelos longos de roqueiro e aparência cansada, mas jovial, e, acima de tudo, perspicaz. É um rapaz educado, apesar de não ter medo de falar dos difíceis obstáculos diários enfrentados pelos atendentes de telemarketing. No emprego há quase dois anos, ele resolveu entrar para o telemarketing por falta de alternativa nos estudos, até que ele conseguisse se firmar em algo mais estável.

Luzia não vê com bons olhos a escolha de Maria. Acredita que ela está perdendo seu tempo e deveria se concentrar para ingressar na universidade o quanto antes, pois, segundo ela, algumas colegas de Maria conseguiram entrar em “bons” cursos das universidades públicas da cidade:

Eu não gosto desse emprego dela. Ela deveria se concentrar em entrar na universidade, depois conseguir um bom emprego e mudar de vida. Uma colega dela que estudou com ela aqui, que mora nessa rua, já está quase se formando. Conseguiu um estágio e esta é bem. Já alugou um apartamento e saiu daí. Esta só ajudando a mãe agora, ai sim! Eu não peço que ela ajude aqui em casa nem nada é por que ela quer o dinheiro para outras coisas. Por isso que eu digo a esse aqui [Luzia refere-se ao seu filho mais jovem, Pedro, de 14 anos, que cursa o primeiro ano do ensino médio] para ele abrir do olho e não brincar na escola que eu não tenho mais saúde para ficar a vida toda mostrando o caminho a eles não. (Luzia, Família 01, entrevista realizada em setembro de 2014)

No período do nascimento de seu segundo filho, Luzia afirma não estar nas mesmas condições em que chegou ao bairro. Tanto ela como seu marido acumulavam alguns anos na escola pública, o que lhes dava um acréscimo salarial, além disso, já haviam deixado de dar aula na rede privada, lecionando apenas na rede pública, porém fazendo o que eles chamaram de *dobra*, em que algumas aulas extras eram ministrada

para cobrir a ausência de professores no quadro da escola. Fato que contribuiu para o aumento da renda familiar. A mobilidade social de Luzia é resultado de um aumento na renda do salário. Na última década, o piso salarial dos professores do ensino fundamental e médio passou de R\$ 1.024,67 no ano de 2006 para R\$ 1.918,16 no ano de 2015, com uma carga horária de 40 horas semanais.

Na trajetória da família de Luzia, a mobilidade social e as gradativas modificações no bairro se combinam, acentuando que o foco da análise desta dissertação foi direcionado para as trajetórias de mobilidade social, e dentre todos os aspectos que esta mobilidade possa ter deu-se ênfase na conexão deste processo com a não mobilidade espacial dentro da cidade, característica específica da amostra analisada. Os dois bairros em questão foram ocupados inicialmente por pessoas das classes populares, porém dentre os dois, o bairro do Cruzeiro emerge de forma mais estigmatizada como bairro das classes D e E e é importante fazer essa diferenciação em relação ao bairro do Presidente Médici antes de prosseguir.

No bairro do Cruzeiro, não havia uma padronização nos tamanhos e locais dos terrenos que foram vendidos. As aquisições aconteciam por meio de venda ou troca, através, na maioria dos casos, pelos chamados “contratos de gaveta”¹².

Os moradores afirmam que sua principal preocupação na época era ocupar o terreno e demarcar sua posse no local, pois haviam diversas ocupações irregulares no bairro. Pessoas vindas de outros bairros ocupavam os terrenos e começavam a construir suas casas sem nenhuma forma de negociação com o dono do mesmo. O fato das casas não possuírem escritura pública também desvalorizava as residências no momento da venda, e este é um dos motivos elencados pelos moradores do Cruzeiro para a permanência no bairro.

Não valia a pena vender essas casas aqui antigamente não. A minha mesmo teve um tempo que eu estava desesperada para vender por R\$ 3.500,00 para comprar uma casa ali no Rocha [bairro próximo ao Cruzeiro], mas ninguém queria dar, só me aparecia R\$ 2.000,00, R\$ 2.500,00, ai acabou que eu não vendi mais, fui investindo, investindo, ajeitando uma coisa aqui uma coisa ali hoje eu não dou essa casa nem por R\$ 150.000,00, por que já apareceu gente aqui querendo comprar e eu não vendi. (Cícero, entrevista realizada em outubro de 2014)

¹² O contrato de gaveta é um acordo, uma combinação verbal ou mesmo um contrato particular, onde um contrato entre as partes afirma o pagamento e o recebimento da posse do imóvel. Esta modalidade de compra foi criada na década de 1980, é um contrato de alto risco, que depende de extrema confiança entre as partes, pois não há de fato um amparo legal com relação à negociação.

Os motivos para a venda das casas por pessoas que estavam presentes desde a fundação foram vários, no caso de Cícero o motivo da procura por um comprador para sua casa era a necessidade de quitação de dívidas outras que ela tinha adquirido e não pelo fato de não querer mais morar no bairro em questão. Porém, para Luzia, morar no bairro do Cruzeiro era mais que uma necessidade, configurava-se como uma situação desagradável que ela buscou sair, porém não obteve sucesso.

É, nós não queríamos ficar aqui, mas ficava ai pertinho do trabalho... Ai agente foi ficando, ficando, e hoje estamos aqui, não há nada o que se fazer, eu acho que as coisas poderiam ter sido melhores, mas deus quis assim... Pelo menos eu tenho uma casa própria e quando eu fechar os olhos meus filhos têm onde morar e não irão ficar dependendo de aluguel, não deixa de ser um patrimônio. (Luzia, Família 01, setembro de 2014)

Segundo os moradores, um fato que os preocupava era a proximidade com bairros que eles consideravam perigosos, que seriam os bairros da Ressureição e Velame. Os assaltos eram constantes na região e os moradores entrevistados atribuíam isso a proximidade dos bairros anteriormente citados.

Aqui agente comprou barato porque o pessoal tinha medo de morar aqui. Meu pai comprou esse terreno aqui. Na época foi R\$ 20.000,00 [a entrevistada refere-se ao terreno em que hoje esta construído um mercadinho e uma academia de ginastica na avenida Juscelino-Kubitschek] por que aqui era um bairro muito perigoso, ainda mais por que é perto daí da ressurreição não é, e também aqui na época, há uns 10 anos, era tudo mato, aqui mesmo onde está a academia era uma plantação de macaxeira de painho, mas a gente foi ficando, ficando, e ai deu tudo certo. (Bianca, moradora do bairro do Presidente Médici, Janeiro de 2015)

No bairro do Presidente Médici a situação de fundação passa por algumas variações com relação ao bairro do Cruzeiro. Em 1988, foram entregues aos moradores as chaves das novas casas no bairro, de modo que todas elas seguiam o padrão de embrião¹³, não havia muros que dividissem as casas e problemas como falta de água eram constantes.

Ana Maria conta que no início muitas pessoas que foram contempladas com as casas as passaram para outras pessoas por não quererem morar no bairro, principalmente por ser próximo ao bairro do Cruzeiro, que carregava o estigma de ser um bairro para “pobres”. Havia casos também de pessoas que conseguiam duas ou mais

¹³ Casas sem quartos, apenas sala, cozinha e banheiro

residências no bairro, resultado de acordos políticos, e faziam das demais casas que não ocupavam fonte de renda por meio de aluguel:

Logo quando eu cheguei aqui tinha muita gente vendendo casa, fazendo qualquer negócio, algumas não tinham gostado do lugar, outras já tinham casas em outro canto e pegaram essa só para vender mesmo.

Teve muita gente aqui que conseguiu mais de uma casa, aí deixava alugada, mas pararam mais de alugar na época por que o pessoal que ficava na casa depois queria tomar a casa, por que não era permitido alugar ou fazer assim com as casas. (Ana Maria, família 5, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

Sempre houve interação entre os moradores dos dois bairros, pois compartilhavam serviços públicos e privados. Neste ponto, é possível perceber o motivo pelo qual foram escolhidos estes dois bairros em específico, suas histórias se cruzam no espaço físico da cidade, assim como as trajetórias de mobilidade social ascendente das famílias residentes, aspectos que mantêm profundas relações com as modificações nas formas urbanas dos dois bairros analisados. Para GOTTDIENER (2010. p.196), é preciso verificar as relações que são socialmente produzidas dentro da cidade para além de sua composição física e estrutural, percebendo a produção do espaço urbano de forma mais ampla, de modo a incorporar diversos fatores das relações sociais em sua análise:

A perspectiva proposta entende a organização sócio-espacial não como uma estrutural conceitual ultrapassadas das formas espaciais baseadas na cidade, mas como uma consequência direta das relações entre processos econômicos, políticos e culturais, na medida em que se vinculam a geografia regional de áreas metropolitanas. (...) Consequentemente a visão sintética da produção do espaço urbano requer um entendimento integrado tanto da natureza tridimensional da organização sócio espacial na medida em que desenvolve ligações hierárquicas com lugares, quanto das relações contextuais ou interativas, como as que promovem a aglomeração. Além disso, esse arranjo tridimensional, a matriz espaciotemporal de atividades sociais que circunda os lugares, implica um entrosamento inter-relacionado de forças culturais, políticas e econômicas.

Fluxos de trabalho e de lazer, fragmentação de locais de consumo em detrimento do poder financeiro e as rotas migratórias urbanas cravadas por processos de ascensão financeira ou de gentrificação, são elementos contundentes da estreita relação entre mobilidade social e organização do espaço urbano, que colaboram com nosso argumento de análise em prol do estudo da mobilidade social que impacta características do espaço urbano. Existe uma expressiva elaboração de espaços de produção simbólica diferenciada, associados à estratificação do espaço social, que para

Mônica, atual esposa de Carlos, passou a trabalhar no mercado em que Carlos também trabalhava como entregador, na função de repositora e logo ambos passaram para uma casa maior situada na Avenida Juscelino Kubitschek. O aluguel da nova casa custava mais que o dobro do valor da residência anterior em que Carlos morava, isso já em decorrência das modificações que aconteceram gradativamente na avenida nos últimos dez anos. Com as exigências para regulamentação nas motos que faziam entregas similares a que Carlos fazia em seu trabalho, o mesmo decidiu investir na compra de um carro, que aumentaria o número de entregas. Com o contrato em mãos que tinha com o dono do mercado para quem trabalhava, Carlos financiou um carro usado, um FIAT UNO ano 2000. Depois disso, ele pôde trabalhar mais, além do fato de que o carro abriu o leque de opções de lazer dentro e fora da cidade:

Depois que eu comprei esse carro eu consegui entregar mais feiras e o negócio foi melhorando. Também eu viajei muito com Mônica. Todo feriado a gente ia pra praia, era só fazer uma revisãozinha no carro e estava de boa para viajar. (Carlos, família 2, entrevista realizada em setembro de 2014)

Pouco tempo depois, após ter quitado o empréstimo do primeiro carro, Carlos comprou outro. Carlos fechou, em decorrência da compra do novo veículo, um novo contrato com o dono do mercado, e passou a pagar um salário para outro entregador. Este fato permitiu a Carlos a “regalia” de folgar nos finais de semana:

Eu trabalhava a semana toda, de segunda a domingo. Não tinha descanso de nada. Essa ideia de comprar o outro carro e colocar alguém para trabalhar comigo me ajudou muito, pois agora eu folgo todo final de semana, apesar de trabalhar até mais tarde na sexta. Então fico em casa com meus amigos ou então a gente sai para algum lugar. É bom poder contar com esse tempo livre. (Carlos, família 2, entrevista realizada em outubro de 2014)

Com isso, Carlos mudou-se novamente, para outra casa no mesmo bairro, maior do que a casa que ele morava na Avenida Juscelino Kubitschek. Carlos diz ter pensado em financiar uma casa, mas não via isso como um aspecto positivo, já que passaria muitos anos pagando por uma casa menor e, além disso, a atual residência de Carlos foi escolhida por ser maior, na medida em que Carlos quer proporcionar um lugar mais amplo de lazer para seus amigos que visitam sua casa semanalmente por conta de um estúdio musical que ele criou em casa como forma de lazer para si e para os amigos.

Eu pensei em comprar uma casa, mas a pessoa para um dinheiro grande de entrada e depois passa mais 30 anos pagando! Além disso, é uma casa pequena, com dois quartos, pois as casas com três quartos hoje são uma fortuna. Eu escolhi essa casa aqui porque ela é grande e eu posso chamar meus amigos aqui para o final de semana, eles ensaiam aqui em casa depois a gente fica ouvindo som e conversando aqui. Meu lazer é esse, eu não saí muito, mas todo sábado a gente se reúne aqui. (Carlos, família 2, entrevista realizada em outubro de 2014)

A escolha por uma casa maior aumentou as despesas mensais de Carlos, com relação ao aluguel da casa, porém essa não foi uma escolha relacionada a status, como mostram diversas pesquisas que buscam analisar a “nova classe média” pela chave do consumo. Carlos buscou mais conforto e melhoria de suas condições de vida com a mudança para a casa nova, o mesmo aconteceu com relação a aquisição dos dois carros que ele possui, sendo este um quadro recorrente, com relação a busca de uma vida melhor, por parte dessa parcela da população.

Membro da família três, Washington herdou a casa onde mora de sua mãe, quando de seu falecimento há mais de 15 anos. Sua família tem origem no bairro do Alto Branco, onde Washington trabalhou desde os 12 anos de idade em uma padaria local e onde gradativamente foi aprendendo novas tarefas e subindo de posição em seu emprego. Cursou o ensino médio em uma escola pública local e quando tinha 19 anos sua mãe mudou-se com seu pai para o bairro do Presidente Médici. Como já era independente financeiramente, decidiu continuar morando no bairro do Alto Branco, próximo ao seu emprego, na casa de uma tia. Com o falecimento de sua mãe, passou a morar no bairro do Presidente Médici, pois já estava casado e morando de aluguel ainda no bairro do Alto Branco.

Ir morar no Presidente Médici foi um passo decisivo na vida de Washington, pois, segundo ele, sem a despesa do aluguel, e com algum dinheiro que sua mãe tinha lhe deixado, investiu na compra de um carro e passou a distribuir pela cidade produtos produzidos na panificadora onde trabalhou sua vida toda. Quando a panificadora faliu, Washington e dois amigos compraram o maquinário de produção da padaria e abriram seu próprio negócio, não no mesmo formato da antiga panificadora, mas como agentes de distribuição de alimentos. Washington percebeu então que o empreendedorismo era a chave para sua mobilidade social e decidiu investir em algo para sua esposa também.

Aqui a gente sempre batalhou muito. Quando a panificadora em que eu trabalhava fechou, a gente arriscou um dinheirinho que a gente tinha, se juntou com uns amigos e compramos as máquinas que faziam pães, doces, salgados, essas coisas. Graças a Deus deu tudo certo, pois

hoje eu sei que não tem coisa melhor que trabalhar para você mesmo, quando se trabalha para os outros só se dá dinheiro aos outros e você não sai do canto. A gente pensou em investir também em outro negocio, já que Maciel [filho do casal] já estava grandinho, dava para Regina trabalhar também. Estava naquela do pessoal ir para Santa Cruz e Toritama comprar roupa para vender lá nos camelôs aí agente decidiu ir também. Foi quando Regina começou a trabalhar vendendo roupas. (Washington, família 3, entrevista realizada em outubro de 2014)

Ambos passaram a viajar para um polo de vendas de roupa no estado de Pernambuco e Regina, esposa de Washington, passou a vender roupas de porta em porta pelo bairro. Segundo ela, o dinheiro, além de ajudar nas despesas de casa, permitiu investir na educação do filho Maciel, hoje com 23 anos, pois aquela era uma vida de muito trabalho e privações e ela não queria o mesmo para o seu filho.

Eu nunca ganhei muito, mas era um dinheiro muito abençoado. Eu ia fazendo a feira da semana, pagava uma água, uma luz, e a escola de Maciel, até ele terminar o terceiro ano, graças a Deus. Depois ele entrou na universidade e foi uma alegria. Foi com esse dinheirinho também que ia ajudando a sobrar alguma coisa no final do mês para a gente trocar de carro; ir ajeitando as coisas aqui em casa. (Regina, família 3, entrevista realizada em outubro de 2014)

Maciel não pensa em continuar o trabalho do pai, apesar de eventualmente ajudá-lo com entregas fora da cidade. Formado em Administração, pensa, assim como Maria (Família 1), em fazer um concurso público para ter estabilidade financeira.

Na família quatro, encontramos Roger, natural da cidade de Caruaru, no estado de Pernambuco, formou-se em Sistemas de Informação em uma faculdade privada local, há pouco mais de 10 anos, quando casou-se com Magda. Decidiu vir morar em Campina Grande em decorrência de uma emprego que tinha conseguido em uma empresa da cidade. Roger viveu uma situação diferente dos moradores anteriores citados nesta pesquisa. Ele chega ao bairro do Cruzeiro quando este já tem uma estrutura urbana estabelecida. Sua casa foi financiada por uma imobiliária em um conjunto de novas residências no bairro do Cruzeiro, e a escolha pelo local já foi indicação de alguns amigos que falaram sobre as qualidades do bairro:

Algumas pessoas que moravam aqui em Campina, que eu conheci no trabalho, falaram que o bairro aqui era muito bom, pertinho do centro e tranquilo, por isso eu vim olhar umas casas por aqui e acabei fechando negócio. E realmente eu não tenho do que reclamar. As casas aqui são muito valorizadas. Essa minha mesmo na época eu financiei por R\$ 60.000,00 e hoje se eu for vender pego pelo menos uns R\$ 130.000,00. Casas como essa minha a caixa não constrói mais,

essa não é conjugada e tem três quartos grandes. (Roger, família 4, entrevista realizada em outubro de 2014)

Ele pretende retomar os estudos ao longo de 2015 e fazer uma pós-graduação *stricto sensu* na Universidade Federal de Campina Grande, onde estuda Magda, sua esposa, que divide o tempo livre do trabalho em uma farmácia com o curso de letras. Desde que comprou a casa, Roger, que possuía uma moto, passou a economizar para comprar o seu primeiro carro, e após pouco mais de um ano que passou a morar no bairro do Cruzeiro comprou o seu primeiro carro novo. Roger justifica a escolha pelo carro novo por conta dos menores gastos com relação à manutenção do veículo.

Eu comprei o carro novo por que eu não teria que gastar com manutenção por um bom tempo, isso já era um jeito de economizar também, não foi nem por luxo. A gente precisava muito de um carro por que eu já tinha sofrido um acidente de moto em Caruaru e prometi a mim mesmo que na primeira oportunidade eu iria deixar esse negócio de moto de lado e comprar um carro. (Roger, família 4, entrevista realizada em outubro de 2014)

Assim como outros indivíduos dessa pesquisa, o consumo de bens como o carro não são percebidos como meio de elevação de status, como propõe Yaccoub (2011) ao dialogar com os ditos bens de consumo da “nova classe média” como uma forma de acessão e obtenção de prestígio relacionado à outra camada social:

Os bens eleitos mais prestigiosos são os mais caros, que recebem mais notoriedade, sucesso, valores agregados, status, etc. Com a posse desses bens, os indivíduos são categorizados (a elite local moradora do “pedaço bom”, por exemplo), assim como os próprios objetos que possuem, recebendo dentro de seus contextos sociais privilégios, popularidade, sucesso, melhora de vida. (YACCOUB, 2011, p. 231)

Ana Maria, a moradora que há mais tempo reside no local entre as famílias incluídas nesta pesquisa, residente no bairro do Presidente Médici, diz que passou alguns anos sem poder comprar um carro, pois seu marido, que trabalha fora dos limites do bairro, tinha um veículo a sua disposição para a condução ao local de trabalho. Ela diz que sua maior preocupação, já que fala de um lugar-tempo diferenciado daquele que fala Roger, era com relação à segurança.

Olhe, quando a gente chegou, era bem perigoso sim, eu não estou reclamando não, nem posso, vir morar aqui foi uma luz de deus na minha vida, mas verdade seja dita tinham muitos assaltos, arrombamento de casa, roubo de tudo que você imaginar. Aos poucos as coisas foram melhorando, muita gente que ganhou casa vendeu e foi morar em outro lugar, o

pessoal aqui da invasão [a entrevistada refere-se a um terreno que no início do bairro do Presidente Médici foi invadido] também venderam as casas, outros a prefeitura veio e derrubou para fazer o Maria Emília [escola municipal local] e assim foi dando certo. Hoje você vê, aqui é um lugar muito bom de se viver, agente nunca escuta falar em assalto, as vezes até tem esses caras de moto roubado, mas aqui eles não vem por que sabem que a policia vai atrás e pega. (Ana Maria, família 5, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

Gradativamente o maior poder de renda fez com que os moradores pudessem modificar o interior e o exterior de suas residências este seria um primeiro indicador de modificação no espaço urbano local. Ana Maria conta que em certo momento de sua trajetória no bairro ocorreu o fenômeno da reforma da igreja da Assembleia de Deus local, apesar de não saber com precisão quanto foi gasto, Ana Maria afirma que a igreja dobrou o seu tamanho e em decorrência disso muitos fiéis locais aproveitaram o ensejo para reivindicar o calçamento da rua da igreja. O fato é que este fenômeno mobilizou as pessoas para fazer o mesmo em outras ruas locais.

Teve um tempo aqui que essa igreja passou uma por uma reforma grande, ela era pequena, mas então ampliaram tudo, ela e ficou eu acho que com o dobro do tamanho. Mas, essa rua [rua na lateral da sua casa onde fica situada a igreja] era de terra e quando chovia a lama comia solta, ficava feio pra rua não é? Ai eu sei que um monte de crente se juntou e foi pedir a associação dos amigos do bairro para falar com o prefeito para calçar a rua, ai agente pegou e entrou na onda também, fizemos um abaixo assinado tudo e depois de um tempo eles calçaram. Depois disso agente sempre se juntou para falar sobre uma coisa ou outra, até que eles nos deram atenção e não precisou mais, pois sempre eles estão fazendo uma coisa ou outra aqui no bairro. (Ana Maria, família 5, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

Ana Maria viu no bairro uma oportunidade de investimento, pois em diversas situações pessoas lhe procuravam perguntando se ela tinha informações sobre alguém que tinha interesse em comprar casas no local. Então ela decidiu investir, comprou uma casa na Rua João Cavalcante onde construiu um salão de beleza e passou a trabalhar por conta própria. Com ajuda do marido, servidor público da prefeitura municipal, ela comprou equipamentos e reformou a fachada do local. Logo conseguiu freguesia e com o dinheiro que ganhou no salão comprou um terreno que ficava vizinho ao seu estabelecimento. Os planos eram que esse terreno servisse de patrimônio para um de seus três filhos.

Eu pensei assim, que eu poderia comprar três terrenos e construir uma casa para cada um para que eles não dependessem de aluguel. Então, assim que soube que o terreno ao lado do salão estava para vender, eu falei com seu José [proprietário de um mercadinho local, dono também de muitos terrenos nos início do bairro] e negocieei com ele. Eu paguei logo uma parte e combinei com ele de ficar pagando o resto, assim à prestação. Passei ainda um ano, um ano e pouco pagando a ele. Eu saía do salão tarde da noite trabalhando para pagar o terreno, mas deu certo, valeu a pena graças a Deus. (Ana Maria, família 5, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

Os planos de construir uma casa no local não se concretizaram. Depois de finalizar o pagamento do terreno, Ana Maria começou a economizar para levantar um muro e as paredes do que depois seria uma casa e nesse contexto apareceram pessoas interessadas em alugar o local para usar como estabelecimento comercial, já que o ponto de Ana Maria não era o único na Rua João Cavalcante e isso chamava a atenção de muitas pessoas que queriam investir em um negócio próprio. Então ela propôs que ao invés de pagar o aluguel do local a pessoa interessada deveria concluir a construção e assim teria um determinado número de meses de alugueis pagos.

Esse tipo de negociação era uma prática relativamente comum neste momento do bairro. Nesta mesma rua pude encontrar mais duas pessoas que me relataram que fizeram o mesmo tipo de negociação. O interesse por investir em empreendimentos comerciais tornou-se comum na rua, as garagens das casas davam lugar a novos pontos comerciais em potencial e ficavam a disposição para quem os quisesse alugar.

Inácio membro da família 8, também passou por mobilidade social devido a um investimento feito na Rua João Cavalcante. Após ficar desempregado, ele decidiu vender frutas e verduras pelo bairro, até que encontrou um ponto para ser alugado na Rua João Cavalcante e a proposta que lhe foi feita com relação ao pagamento do aluguel foi parecida com a experiência da Ana Maria. Ele ficou responsável pela reforma do estabelecimento que na verdade era um pequeno galpão, assim ganhava alguns meses de aluguel.

Assim como Ana Maria, Inácio empenhou-se em fazer com que seu investimento tivesse sucesso. Pediu dinheiro emprestado de um amigo de uma mesma comunidade evangélica, que não lhe cobrou juros, para que ele tivesse condições de fazer os reparos necessários em seu novo local de trabalho.

Eu devo muito disso aqui a um irmão da igreja que me deu a mão quando eu precisei e me emprestou o dinheiro para que eu pudesse ajeitar isso aqui tudo. Coisas de Deus mesmo, quando a gente mais precisa aparecem as oportunidades. Porque eu não passei muito tempo

não vendendo minhas mercadorias pelo bairro, logo esse ponto e as coisas começaram a dar certo na minha vida, graças a Deus. (Inácio, família 8, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

Inácio conta que devido as dificuldades financeiras que passou no início de seu casamento, quando sua primeira filha nasceu, sua maior preocupação sempre foi prover o sustento que ele considera digno para sua família. O investimento em uma escola privada para seus filhos, por exemplo, não é algo que ele considera relevante, pois em sua visão de mundo existem aspectos mais importantes que devem ser aprendidos na vida cotidiana.

Como servo de Deus, minha preocupação sempre foi minha família, pois ela é a base da vida do homem, e manter minha família com dignidade é meu dever, ensinando o caminho certo para minha filha, lhe dando uma boa educação e mostrando o valor do trabalho. Eu acho que o que eles podem aprender na escola paga eles aprendem na pública. O que importa é a vontade deles de aprender, e também se não quiserem estudar, tem que escolher um rumo para tomar na vida, o que eles não podem é ir por um caminho errado, pois existem certas coisas na vida que não tem volta, que são caminhos de perdição. (Inácio, família 8, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

Ana Maria e seu marido (da família 05) veem essa questão de uma forma diferenciada. Ambos possuem ensino superior, em cursos de licenciatura, e mesmo não atuando na área, eles sempre buscaram mostrar aos seus filhos que possuir um curso superior era algo imprescindível.

Eu sempre quis que meus filhos se formassem, seja em que curso for. Para mim, o importante era que eles escolhessem algo que lhes fizessem felizes. Não vejo como eles possam ter um bom futuro sem ter uma formação superior, eles não podem arriscar como eu arrisquei. (Ana Maria, família 05, entrevista realizada em Dezembro de 2014)

Assim como Inácio, Kelly, membro da família 7, promotora de vendas, também pertence a uma comunidade evangélica. Casou-se com seu primeiro namorado, João, que trabalha como técnico em segurança do trabalho em uma empresa local. Apesar de terem nascido no bairro, filhos de antigos moradores locais, estão casados há pouco mais de 10 anos, e hoje moram em uma casa da CEHAP que conseguiram com um amigo da comunidade evangélica que facilitou todo processo para eles.

Essa casa aqui foi um presente de Deus. Quando a gente se casou, alugou um quatinho, pois eu não aguentava mais morar na casa da minha tia. E João correu atrás de ver como era o procedimento para conseguir uma casa dessas aqui. Se não fosse um irmão da igreja dar um empurrãozinho lá com os conhecimentos dele, a gente poderia estar esperando até hoje ser contemplado, mas graças a Deus estamos aqui. (Kelly, família 07, entrevista realizada em Agosto de 2014)

Tanto Kelly como João também devem seu emprego à solidariedade dentro da comunidade evangélica do bairro do Cruzeiro. João, quando adolescente, converteu-se e não conseguia emprego na cidade. Neste momento, um amigo da igreja que trabalhava como engenheiro em uma indústria local lhe conseguiu um emprego. Passados alguns anos neste trabalho, João decidiu se especializar, pois realizava um trabalho braçal que segundo ele era muito desgastante.

O meu trabalho era o que tinha o nível de risco maior na empresa. Eu trabalhava direto com as fornalhas, por isso eu ganhava um pouco mais, apesar de ser um emprego de nível médio e eu sabia que com isso eu não ganharia aquilo que eu ganhava lá em lugar nenhum aqui em Campina. Então eu pensei que a única forma de eu sair daquela situação era fazer um curso em que eu pudesse continuar trabalhando na mesma empresa, só que em outra função. Foi então que eles ofereceram um curso de técnico em segurança do trabalho.

Eu fiz o curso e depois de um tempo abriu uma vaga para essa função e eu me inscrevi. O meu salário não aumentou muito por que o risco nessa função é bem menor, apesar de agora eu ter mais responsabilidades. Mas só em eu não esta mais na função que eu estava antes já é um lucro. (João, família 07, entrevista realizada em Agosto de 2014)

2.3. Elementos para pensar trajetórias de mobilidade grupal

A composição com relação à posse de um capital cultural legítimo por parte da amostra desta pesquisa é bastante heterogênea. Não se pode afirmar que não a possuem ou que são desprovidos destas. Existem estratégias e anseios diferenciados com relação a economia simbólica de seu capital cultural. Aspectos como estes geram debates em torno da caracterização do que se vem chamando de “nova classe média” brasileira, de modo que não existe uma possibilidade de se afirmar algo efetivamente sobre suas formas de experienciar sua nova condição econômica. Podemos, no entanto, reter da análise de suas trajetórias de mobilidade social que indivíduos mobilizados por esta pesquisa têm em comum a busca por melhores condições de vida, a busca por mobilidade, ainda que por diferentes meios.

Souza (2011) faz uma tentativa de definir padrões gerais de mobilidade social entre aqueles que chamam de batalhadores:

Os batalhadores, em sua esmagadora maioria, precisam começar a trabalhar cedo e estudam em escolas públicas muitas vezes de baixa qualidade. Como lhes faltam tanto capital cultural altamente valorizado das classes médias quando o capital econômico das classes altas eles compensam essa falta com extraordinário esforço pessoal, dupla jornada de trabalho e aceitação de todo tipo de superexploração

da mão de obra. Essa é uma condição de vida típica das classes trabalhadoras, daí nossa hipótese de trabalho desenvolvida no livro que nega e critica o conceito de “nova classe média”. No estudo dos batalhadores, o que impressionou foi o extraordinário esforço de superação de condições efetivamente adversas, todas contribuindo antes ao desânimo e ao desespero do que ao enfrentamento corajoso das condições negativas ao sucesso social e econômico. O título do livro foi uma homenagem à luta cotidiana e silenciosa desses brasileiros. Este termo “batalhadores” sinaliza o fato de que o que perfaz o cotidiano dessas pessoas é a necessidade de “matar um leão por dia” como forma de vida de toda uma classe social que tem que lutar diariamente contra o peso da própria origem.

Porém, esta pesquisa mostra que além do esforço pessoal dos indivíduos exaltado por Souza, existe também a colaboração em grande medida de forças públicas para que esse processo de mobilidade social ganhasse viabilidade. O programa de facilitação ao acesso de moradia que deu início ao bairro do Presidente Médici para os moradores mais antigos é um destes condicionantes, assim como o subsídio do governo para comprar de novas casas para os moradores mais recentes, e por fim o programa de microcrédito oferecido pelos bancos do Brasil e do Nordeste, que foram citados em todas as entrevistas feitas com empreendedores locais.

Clara, membro da família 6, é uma das beneficiadas pelo programa de microcrédito do Banco do Nordeste. Ela relata que trabalha desde adolescente para ajudar seus pais e por este motivo não teve tempo para investir em seus estudos.

É moradora do bairro do Cruzeiro desde o período de sua fundação. Empenhou-se em juntar dinheiro para comprar uma casa e sair do aluguel. Esse sempre foi o seu maior objetivo. Teve três filhos, de três relacionamentos diferentes e foi com seu atual marido, com quem mora há mais de 10 anos, que ela conseguiu comprar uma casa no bairro do Cruzeiro. Há quatro anos faz parte de um grupo de pessoas que toma empréstimo no Banco do Nordeste em uma modalidade chamada Crediamigo, um sistema que funciona com um grupo de amigos que toma emprestado um determinado valor, que é dividido pelo número de pessoas que participam do grupo. Este processo funciona com base em uma vigilância mútua entre os interessados, pois, quando uma pessoa deixa de pagar o valor daquela mensalidade que ela era responsável será dividida entre as demais, e provavelmente após a quitação do empréstimo ela será eliminada do grupo, que elegerá um novo membro e tomará um novo empréstimo.

Animada, Clara mostra o boleto de pagamento. No mês de novembro de 2015, ela havia quitado a quinta parcela de um número total de seis, e esperava o próximo

empréstimo para pegar um valor maior e poder comprar um fogão industrial, pois desde que pegou o seu primeiro empréstimo que ela passou a investir em um emprego paralelo ao seu trabalho formal como balconista de um bar no centro da cidade, que é vender quentinhas em sua casa para os moradores do bairro. Segundo ela, com esta atividade complementa sua renda. Foram os empréstimos do Crediamigo que lhe possibilitaram comprar os materiais necessários para dar início ao seu negócio.

Esse aqui é o boleto desse empréstimo que a gente pega que eu te falei. Cada um do grupo pega uma parte e assim quando a gente termina de pagar esse, podemos pegar um valor um pouco maior. O bom é que os juros são muito baixos, quase nada, então isso nos ajuda muito. No próximo agora eu vou comprar um fogão daquele industrial, aquele fogão grandão, vai me ajudar muito, pois eu posso por mais panelas e tudo e vou poder fazer mais comida, por que aqui eu corro doida para fazer essas quentinhas com esse meu fogão. Tem dia que não vende muito, mas tem dia que é um monte de gente ai nesse portão atrás de comida... Se não fosse esses empréstimos aqui eu não tinha tido condições de começar a fazer isso. (Clara, entrevista realizada em novembro de 2014)

Ela conta também que não foi fácil economizar a quantia necessária para comprar sua casa e diz que o fato de tê-la comprado sem uma documentação regular facilitou o processo:

A gente foi juntando, juntando até conseguir uma quantia boa, então fomos procurar uma casa para vender e encontramos essa aqui. A sorte é que essas casas são todas com escritura particular, ai o preço caiu para mais da metade e também ninguém queria morar aqui, aqui era um beco. Hoje a rua já esta calçada tudo, mas se eu for pensar em vender, mesmo hoje, eu não pego dinheiro que dê para eu comprar uma casa em outro lugar, por causa desse negócio da escritura da casa ser particular. Caso eu quisesse fazer uma escritura pública eu até teria direito pelo tanto de tempo que eu já moro aqui, mas ai ia ter que gastar meio mundo de dinheiro com advogado e tudo, dinheiro que eu não tenho então deixa para lá. (Clara, entrevista realizada em novembro de 2014)

A entrevistada diz que em 2012 tentou vender sua casa, pois gostaria de usar o dinheiro para abrir um restaurante, mesmo que isso lhe custasse ter que morar de aluguel, porém desistiu depois que as ofertas de preço foram muito baixas. Seu marido, trabalhador da construção civil, nunca concordou com a ideia de vender a casa, pois ele planeja sair do emprego e investir em um empreendimento próprio também, porém construído em sua própria residência.

Esse meu trabalho é muito desgastante, paga bem lá, mas acaba muito a pessoa. Como eu trabalho nessa firma de carteira assinada a minha ideia é que quando eu sair eu monte uma lanchonete aqui para mim e para Clara tomar conta, por que aqui é um lugar bom para isso. Esse mineiro ai [o entrevistado refere-se ao dono de trailer que vende lanches recém- inaugurado próximo a sua casa] colocou o ponto um dia desse e só vive lotado, e é que ele ai vende apenas pastel, mas eu não, eu quero vender de tudo.

O “mineiro” a quem o marido de Clara se refere é o senhor Jair, que apesar de não fazer parte de uma das famílias desta pesquisa, também foi entrevistado e é mais um exemplo de empreendedor local. Vindo do interior do estado de Minas Gerais, mora no bairro do Presidente Médici há pouco mais de 6 anos. Trabalhou por dois anos na área de serviços gerais de um shopping da cidade, após passar pouco mais de uma ano desempregado. Neste momento, alugava um pequeno apartamento que dividia com um colega de trabalho no bairro do Cruzeiro, onde conseguiu o seu próximo emprego como chefe de serviços gerais por pouco mais de dois anos.

Após sair do seu último emprego, ele resolveu investir em um negocio próprio. Alugou um pequeno trailer no bairro do Presidente Médici, reformou-o e desde novembro de 2014 esta trabalhando vendendo pastéis no bairro.

Esta pesquisa buscou captar elementos em transformação dos modos de vida dos indivíduos no curso de suas trajetórias de mobilidade social ascendente e inevitavelmente somos guiados a mencionar o debate em voga sobre a chamada “nova classe média”, debate este que mantém inúmeras repercussões e pontos de vistas diferenciados, como por exemplo, com relação à pertinência ou não do termo “nova classe média”, que surge na última década, denunciado também o espaço-tempo utilizado nesta pesquisa.

Desde 2001, o índice Gini, uma das medidas mais tradicionais de desigualdade de renda, vem caindo continuamente, alcançando os menores valores das últimas três décadas. Nos últimos anos, a renda dos mais pobres cresceu de forma substantiva, acarretando um declínio dos níveis de pobreza e miséria.

Seja do ponto de vista da distribuição de renda, da diminuição de pobreza, ou do crescimento do emprego e da formalidade no mercado de trabalho, a última década trouxe melhorias significativas para uma grande parte da população brasileira. Diante de dados como esses, como já tivemos a oportunidade de mostrar, alguns autores vêm defendendo a ideia de que estaria se desenvolvendo no Brasil, como resultado dessas melhoras, uma expansão da classe média. (Scalon & Salata, 2012)

No entanto, mesmo que estudemos uma amostra que esteja dentro da faixa de renda que se tem determinado como “nova classe média”, o interesse em questão é outro. Tenciono perceber quais os efeitos da modificação da renda de forma mais ampla em um espaço de tempo de pelo menos dez anos, compreendendo que neste período o acesso a uma renda maior desencadeou ou uma série de mudanças nas vidas das pessoas.

Não cabe a esta pesquisa julgamentos de valor com relação a tais mudanças, para dizer se houve ou não de fato uma mobilidade social, como afirma Sousa (2012) que “sem cultura, não há ascensão social”, mas, quem define o que é ascensão social? Obviamente, não sejamos ingênuos para que não percebamos o papel ideológico de posicionamentos que elevam a “nova classe média” como um marco de quebra da desigualdade social brasileira, porém ao usar os olhos da amostra desta pesquisa, ao questionar empiricamente se eles consideram que melhoraram suas condições de vida, segundo seus próprios juízos de valor sobre aquilo que lhes parece melhor ou pior, a resposta é sim, houve mobilidade social.

De fato, classes sociais não se definem apenas pelo viés econômico, como afirma Souza (2012), quando denuncia o termo “nova classe média” com sendo incoerente conceitualmente. Para o autor, o “conceito está inserido na cegueira de pensar que as classes sociais se reproduzem apenas pelo viés econômico”, porém essa nova parcela da população brasileira mostra aspectos novos, que possivelmente não poderiam ter existido em outro tempo histórico, pois são geradas em um determinado tempo e espaço com condições específicas da última década.

Existe um ponto de acordo em todas as pesquisas sobre o tema, não apenas com relação à situação brasileira, mas com relação também a outros países que experimentam mobilidade, que é o fato de que vem surgindo há pelo menos dez anos um processo crescente de mobilidade social, obviamente com variáveis e condicionantes diferenciados, e esta pesquisa filia-se a este ponto de vista.

Valadares (2004) argumenta com relação a produção do espaço dentro das favelas:

Em média, as favelas correspondem às áreas mais pobres, porém não uniformemente. Não são, porém as únicas aglomerações do Rio de Janeiro com essas características. Nem reúnem a maioria dos pobres, nem os espaços mais carentes. E muito menos se pode dizer que nelas só moram pobres. Elas também abrigam categorias populares modestas, mas não miseráveis, além de categorias mé- dias, revelando

uma estrutura social diversificada e, sem dúvida alguma, processos de mobilidade social consideráveis. (Valladares, 2004, p.132)

O autor mostra em certa medida que o Brasil de hoje não está mais dividido, no que diz respeito ao espaço urbano, por um espaço de distinção das classes sociais, pelo menos no que diz respeito à classe média, e esta dissertação busca mostrar que além disso a mobilidade social também interfere no espaço de vivência dos indivíduos alterando os estatutos simbólicos com relação ao status de classe social no espaço urbano.

Kapp (2012, p.32) argumenta que “em suma, o simples aumento da renda não deveria ser chamado de mobilidade social porque não move o indivíduo de sua posição de dominado”, porém é preciso perceber que existe uma mobilização de modos de vida, uma transformação de perspectivas e planos para o futuro, focados no investimento de maior bem-estar. Empiricamente essa mobilidade social acontece quando os indivíduos analisados historicamente modificam estruturais nos seus modos de vida e enxergam a possibilidade da ampliação com relação à qualidade de suas condições atuais de existência. Não há o que se argumentar com relação à heterogeneidade do fenômeno de mobilidade social no Brasil, e em igual medida como ele foi experimentado pelos brasileiros de formas diferentes e em condições diferentes.

No espaço específico desta pesquisa notou-se que a mobilidade social associada à não mobilidade espacial promoveu significativas mudanças nos bairros analisados, criando modos de percepção sobre estratégias de mobilidade, como é o caso dos moradores que realizaram empreendimentos particulares. Em um universo de 17 indivíduos distribuídos entre as 8 famílias¹⁴, 7 indivíduos tornaram-se empreendedores, aproveitando as condições oferecidas pelo bairro e modificando gradativamente a paisagem e as dinâmicas locais.

Esta análise colabora para uma perspectiva mais de mobilidade estrutural da feição urbana em áreas que surgem sem um planejamento efetivo, ou, como é o caso do Presidente Médici, é direcionada à comunidade pobre da cidade e em decorrência disso sofre com a ausência da assistência do estado. Falamos sobre a modificação de status deste tipo de segmento urbano, que pelo mundo toma várias formas, favelas, periferias ou *suburbs* (Sechi, 2009) fazem parte da história do desenvolvimento de diversas metrópoles, com seus condicionantes particulares como demonstra Sechi ao descrever um pouco da história dos subúrbios americanos:

¹⁴ Em uma contagem que engloba apenas os indivíduos com renda

Estimulado por uma forte tradição antiurbana, o *suburbs*, tem como raízes o crescimento da cidade industrial e portuária, a densidade, a insalubridade e a diversidade social e racial, caracterizando-a cada vez mais. A ela vem atribuídos o agravar contínuo das condições de vida na *inner city* e a explosão das subversões dos anos 60 do século vinte. Mas as raízes dos subúrbios são também e, talvez, e principalmente as diversas dimensões do *american dream*, do sonho de uma casa individual, de um jardim, de uma vida em uma comunidade de vizinhos socialmente homogêneos, isto é brancos e pertencentes a classe média. (...) durante sua longa história, o subúrbio americano mudou tanto em suas em suas características fundamentações como em sua extensão; de maneira análoga mudaram os principais atores envolvidos, seja do lado da demanda, seja daquele da produção e suas motivações e aquilo que determinou situações bem diferentes entre si que não reconduzem a um único modelo. (Sechi, 2009, p.54)

Para muitos moradores dos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici vir para o bairro significou não apenas a conquista da casa própria, mas também a possibilidade de mudar de vida. Assim como os subúrbios americanos a trajetória dos bairros desta pesquisa mostra que houve uma modificação gradativa no quadro geral das percepções dentro do bairro e com relação ao bairro, onde apesar de alguns moradores relatarem que no início de sua relação com o local quiseram sair e ir para outro espaço da cidade, hoje a opinião com relação a não mobilidade espacial é praticamente unânime. Considerar as trajetórias de mobilidade social é da ênfase a análise do que Sztompka (1998), em sua obra *A sociologia da mudança social*, chama de a *dimensão temporal da sociedade, ou tempo social*, percebendo que ao longo do tempo em um mesmo espaço social, que em nossa pesquisa é caracterizado pelo bairro, as pessoas modificam suas visões de mundo em decorrência de sua relação temporal com o lugar. Modificou-se também suas relações com o modos de produção de existência, que contradições as teses de que estaríamos falando sobre uma parcela majoritariamente constituída pela classe trabalhadora.

Acordamos, por tanto, com relação a três tipos de trajetórias de mobilidade social diferenciadas nesta pesquisa: Investimento em qualificação profissional especializada, empreendedorismo e aumento da renda do salário. É possível perceber nos discursos das famílias analisadas que apesar de existir um ponto comum com relação a permanência dos moradores nos bairros existem percepções e planos com relação ao futuro diferenciados em decorrência aos modos condicionantes de suas trajetórias de mobilidade social, mesmo que continuem a viver no mesmo espaço social, e compartilhem da similitude de diversos condicionantes que na revisão de

O'Dougherty (1998) com relação ao que seria a classe média no Brasil esse quadro seria completamente inviável.

Pesquisas históricas chegaram perto de concluir que a classe média no Brasil tem sido modelada e definida pelo consumo. Em seu estudo sobre as classes médias no Rio de Janeiro e em São Paulo, antes de 1950, Owensby (1994) ressalta que as identidades de classe média se forjavam principalmente em oposição à classe operária, e que as distinções de classe se baseavam não apenas no exercício do trabalho não manual, mas também na educação e nas práticas de consumo (inclusive diferenças no tamanho das residências, no número de empregados domésticos e no modo de vestir).

Essa pluralidade de formas de existir no espaço urbano e se relacionar com seus modos de vida gera efetivamente dificuldades de interpretação daquilo que se tem chamado de “nova classe média”, que não se encaixam em um modelo explicativo tradicional de classes.

Uma das grandes dificuldades, principalmente dentro do campo marxista, para lidar com as chamadas novas classes médias, é o fato de seus integrantes não serem proprietários, mas ao mesmo tempo administrarem os negócios, fazerem trabalhos não manuais, supervisionarem os trabalhadores ou possuírem habilidades e *status* que os distinguem dos demais não proprietários. (Scalon & Salata, 2012)

Efeito historicamente recente de um processo de mobilidade social ascendente que já vem sendo problematizado por autores como Jannuzzi (2002), Gomes (1982), Pastore e Zylberstajam (2000), Scalon (1999) que mostram as formas de mobilidade social de cada período histórico do Brasil e seus impactos para a sociedade, cabe ao bojo de pesquisas atuais investigar aspectos relativos as transformações efetivadas com relação a “nova classe média”. Nesta pesquisa evidenciou-se a constituição de formas de se relacionar com o espaço social comuns, aspecto este que para Pereira e Catani (2002) são condicionantes importantes para que se possa definir, com foco em uma nova sociologia das classes, o que seria classe social.

Todos os agentes ocupando posições próximas no espaço social são proprietários de volumes iguais de capital (ou apresentam entre si diferenciais de capitais relativamente pequenos), estão propensos às mesmas práticas, têm elevada probabilidade de encontros físicos e afinidades simbólicas. Esses agentes, apresentando a mesma classe de habitus, constituem recortes sociais que se pode chamar de classes. Proximidade no espaço social significa o intercâmbio das mesmas práticas (escolha das mesmas escolas, gosto pelas mesmas bebidas, mesmos esportes) e afastamento significa práticas distintas (escola pública ou privada, aguardente ou whisky, truco ou bridge, entre outros). Ou seja, verifica-se uma rigorosa homologia entre o espaço

social, conjunto de posições mutuamente exteriores, e o espaço simbólico, conjunto de práticas e preferências constituidoras dos “signos distintivos” por meio dos quais os agentes sociais se reconhecem.

(Pereira & Catani, 2002, p.112)

Pode-se perceber também certa regularidade com relação aos modos de trabalho, obviamente divididos em categorias distintas dentro de um mesmo estrato, assim, como na pesquisa de Pastore e Valle Silva (1996) onde eram consideradas as modificações nos postos de trabalho para que fosse possível estabelecer uma conexão com a modificação de status de classe, nesta pesquisa foi possível indicar também este processo de modificação, ou aperfeiçoamentos, com relação aos modos de trabalho como indicadores de mobilidade social, porém, com um condicionalmente particular que irá compor o próximo tópico desta dissertação que o fato de que mesmo havendo não apenas uma modificação no que diz respeito aos modos de trabalho, renda e estrutura física do bairro, a amostra desta pesquisa não se percebe como de um status diferenciado daquele da origem de sua mobilidade social, a sensação de “ser pobre” é presente nos discursos dos entrevistados.

Capítulo III

“A gente é pobre, mas a gente vive bem”: mudanças nas posições sociais e transformações urbanas

O capítulo anterior buscou historiar as trajetórias de mobilidade social dos moradores dos bairros analisados, com ênfase nas experiências das oito famílias que colaboraram durante o trabalho de pesquisa, o que não impossibilitou a iniciativa do diálogo com outros moradores não pertencentes às famílias em questão, de modo que estes também colaboraram para a compreensão das transformações nos modos de vida dos indivíduos.

É preciso perceber como estas trajetórias de mobilidade social resultaram em condições sociais e vivências experienciadas na atualidade, para que assim possamos finalizar o quadro de análise das trajetórias de mobilidade social e das transformações dos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici em espaços urbanos do que se tem chamado de “nova classe média”.

Os modos de percepção sobre aspectos condicionantes da vida social, tais como educação, lazer, política ou religião, são muito particulares em cada família analisada nesta pesquisa. Entre consensos e dissensos, busquei analisar as percepções sobre a posição social que ocupam na estrutura social mais geral, marcadas pela recusa em se definir como sendo de classe média. O título deste capítulo refere-se à fala de Ana Maria, ao definir sua situação social atual, considerando o contexto dela como emissora do discurso com relação a sua mobilidade social, neste sentido ao invés de partirmos de classificações impostas pelos pesquisadores tentamos apreender quais classificações são colocadas em jogo pelos entrevistados para definir sua posição social. É claro que todo sistema posições se define em termos relacionais, de modo que as categorias utilizadas expressam fronteiras entre diferentes grupos. A questão, neste sentido, não é dizer que eles não percebem que passaram por mobilidade social, mas, que termos eles usaram, e como classificam, sua mobilidade social.

A ideia de “viver bem” parece fundamental nesta classificação, enquanto que o problema das distinções sociais é retratado na fala do “a gente é pobre”. Essa demarcação não é econômica e sim cultural nos termos de Bourdieu.

Em contrapartida, as modificações no espaço urbano são percebidas como forte indicador de modificação de status do bairro, que no discurso dos indivíduos passa a ser um local diferente nos últimos dez anos, e aspectos como segurança pública e valorização imobiliária são indicadores destas transformações.

3.1 – Mobilidade social é viver melhor

A porta de entrada desta pesquisa foi a aplicação de dois questionários. O primeiro deles tinha como objetivo levantar as características gerais das famílias, através da coleta de dados sobre renda, escolaridade e número de membros de cada residência. O segundo questionário buscava captar a opinião de alguns membros da família com relação a certos temas como legalização do aborto, prioridade de investimentos e percepção de sua mobilidade social. Estas questões deram margem para que fluíssem as entrevistas que dão corpo a este trabalho e que permitiram abordar diversos aspectos dos mundos sociais destas pessoas.

Uma das questões era direcionada justamente para como eles percebem as modificações que aconteceram em suas vidas desde que chegaram aos bairros em que vivem. Acompanhei cada questão para prestar os devidos esclarecimentos com relação ao sentido das perguntas. O item dezenove perguntava: “observando sua trajetória de vida desde que você veio morar neste bairro, como você se percebe hoje com relação a sua posição social?”. Dos dezoito indivíduos que responderam a esta pergunta, quinze indicaram que houve uma melhoria com relação as suas condições de vida. A mobilidade social não é percebida, porém, em termos de mudança de classe social (perspectiva, inclusive, recusada por alguns dos entrevistados), mas em termos da melhoria das condições de vida, fazendo emergir assim uma posição social associada com pobres que vivem melhor. De acordo com Luzia:

Melhorar as coisas melhoraram, é claro. Mas nós não ficamos ricos, ou nos tornamos de classe média. Nós continuamos pobres, só que vivemos melhor agora do que antes. A gente continua na batalha, enfrentando nossas dificuldades, lutando para nossos filhos terem uma vida melhor, isso não mudou. (Luzia, Família 01, entrevista realizada em setembro de 2014)

Luiza marca claramente o processo de mobilidade social com relação a melhores condições de vida, mas com relação a sua percepção disto enquanto classificação ela se

reconhece como pobre aproxima-se ao mesmo tempo daquilo que Neri (2008) fala sobre a modificação dos modos de vida com relação à renda que propiciou novas experiências de bem estar social para a então classe C e do que Souza (2012) descreve batalhadores que mantêm esforços para que sua situação se modifique e que as gerações futuras de sua família tem de fato ascensão com relação a melhores condições de existência, de modo que mesmo havendo mobilidade social, as condições de trabalho para Luzia não mudaram, as condições em que ela estava situada ao longo da sua trajetória continuam as mesmas em termos de esforços diários.

Ana Maria reforça esta perspectiva:

Bom, nós somos pobres. Não passamos por necessidade. Nosso objeto é que nossos filhos tenham um futuro melhor que o nosso, com menos apereio. Por isso a gente insiste tanto para que eles estudem. Isso é muito importante, pois hoje em dia quem não tem estudo não consegue emprego de nada e a gente não quer também que eles se contentem apenas em ganhar para sobreviver. (Ana Maria, entrevista realizada em 08 de novembro de 2014)

Ana Maria, assim como Luzia, percebe que o investimento em capital cultural legítimo é necessário neste processo de mobilidade, isto está expresso na atenção com relação a formação de seus filhos, o investimento financeiro naquilo que eles consideram como boas escolas e o incentivo para que estes entrem na faculdade. Essas características notadamente atribuídas a classe média tradicional, referente a valorização da educação formal, estão em grande medida presentes no que se tem chamado de “nova classe média”, na forma de um esforço para melhorar de vida e não exatamente pertencer a uma outra classe. Aspectos como educação formal e valorização do lazer emergem como características exaltadas e agregadas ao um modo de vida considerado melhor por estas pessoas.

Para os entrevistados, a mobilidade vivida é expressa em torno de um núcleo central: viver melhor. Esse parece ser o objetivo perseguido pelas famílias em suas múltiplas escolhas, inclusive as de consumo. Não se trata, portanto, de um consumo especificamente distintivo ou uma tentativa de igualar-se ao consumo de outras classes. As escolhas feitas parecem responder a outra lógica, que é a de criar as condições necessárias para que se possa desfrutar de uma vida melhor.

Tudo que nós fizemos aqui foi para nós, para que nós enfim pudéssemos ter nosso conforto, para que nossos filhos pudessem ter uma vida melhor, por isso a gente trabalhou tanto e trabalha ainda, por

que se sofre muito na vida, mas, uma hora temos que ter nosso descanso, poder ter dinheiro no bolso para dar uma viajada, espairecer, ver o mundo se não a gente enlouquece só com trabalho e trabalho. (Ana Maria, entrevista realizada em 08 de novembro de 2014)

Não existe efetivamente uma chave muito clara para estes indivíduos com relação à classificação no estrato social de suas condições de vida, nos mostrando a fragilidade do fator renda como preponderante com relação à esta análise. Não nego que de fato estas pessoas tenham experimentado uma mobilidade social, e que isto tenha as colocado no que Neri (2010) entende como “um lugar entre os espaços dos pobres e dos ricos”, porém a percepção empírica destas pessoas com relação a sua mobilidade é muito relativa, como argumenta Yaccoub (2011)

A identidade é relacional, ou seja, ao mesmo tempo em que um grupo se autointitulada “classe média” em relação aos mais pobres, ele pode ser categorizado de outra maneira em outros contextos ou em relação a outros grupos; por exemplo, quando comparados a segmentos mais prestigiados, acabam se sentindo menos “classe média” e mais pobres. Dessa maneira, ao voltarmos às categorias propostas pela pesquisa da FGV, vemos que estas não se aplicam, pois a variável renda é apenas um dentre tantas outras que identificam grupos sociais. Não pode ser tomada como único elemento para analisar e reificar qualquer posição social, muito menos a aquisição de bens duráveis, uma vez que os parcelamentos são rotina e, mais, não há qualquer investimento para saber se o grupo está endividado ou com restrições de crédito devido ao não pagamento.

Mas, o que é viver melhor para estas pessoas? Vários aspectos foram descritos com relação a melhorias de vida no universo dos entrevistados e o primeiro que gostaria de dialogar é com relação ao consumo do lazer. Para os entrevistados o lazer é uma das conquistas mais importantes de sua mobilidade social. (Yaccoub, 2011, p. 218)

As entrevistas foram capazes de demonstrar que o trabalho é de fato central na compreensão dos condicionantes de mobilidade social dos indivíduos entrevistados, porém os objetivos pelos quais os entrevistados se empenham em seus trabalhos, que resultam em sua mobilidade social, é a conquista de melhores condições de vida. Um dos fatos concretos expressos nas entrevistas, que são sinônimos de obtenção do sucesso social para estes indivíduos esta associado ao acesso, ou ampliação do acesso, à formas de lazer, convergindo assim para os achados empíricos de Yaccoub (2011).

Eu trabalho muito para isso, para poder chegar no final de semana e ficar tranquilo, não me preocupar com trabalho, encontrar com meus amigos, tomar uma cerveja, se não qual é o sentido de você ficar trabalhando todo dia? Nós temos que ter um momento nosso, em que você faz o que quer, se diverte, seja lá como for, porque existem

muitas formas de se divertir, cada um tem seu tipo de lazer. (Carlos, família 2, entrevista realizada em outubro de 2014)

As palavras de Carlos expressam perfeitamente as condições encontradas nesta pesquisa com relação ao lazer, “cada um tem seu tipo de lazer”. Mesmo que se considerem pobres, os entrevistados não abrem mão de viajar pelo menos uma vez ao ano para cidades fora do Nordeste. Ter acesso a novas experiências de lazer é a porta que foi aberta junto à ascensão na renda, como relata Ana Maria.

Eu lembro quando nós fizemos a primeira viagem de avião, a família toda. Nós fomos para o Rio de Janeiro, nunca tínhamos ido. Minha filha já tinha viajado para outros lugares, mas eu mesma e meu marido nunca tínhamos viajado de avião.

Nós gastamos... Foi o dinheiro de dar entrada em um carro novo, mas valeu demais, foi muito bom, não tem comparação, é algo que fica na memória sabe... Depois disso, nós não deixamos mais de sempre que podemos fazer uma viagem, todos juntos, é muito bom, pelo menos uma vez no ano nós viajamos. (Ana Maria, entrevista realizada em 08 de novembro de 2014)

Mesmo que cotidianamente houvesse grande carga horária de trabalho, o lazer era algo que os entrevistados tinham como objetivo, com relação aos seus gastos. Estes achados empíricos problematizam a perspectiva adotada por Souza (2012), para quem os *batalhadores* têm um tempo livre fora de sua jornada de trabalho extremamente escasso, e quando ocioso é ocupado com mais trabalho, para que assim possa vir a compor o quadro denunciado pelo discurso legitimador da “nova classe média” de acessão econômica no Brasil. Para Souza, o bem mais precioso da classe média tradicional, que não está presente no cotidiano dos *batalhadores*, é o tempo. Ainda que nossos dados não possam ser generalizados, colocam em xeque as generalizações propostas por Souza.

Saídos do mesmo meio pobre e constrangedor, abraçados com os mesmo obstáculos enfrentados por seus pares do Brasil pobre, esses resistentes levantam-se. Comumente têm mais de um emprego. Podem, por exemplo, trabalhar como faxineiros durante o dia e vigias à noite. Lutam, ativamente, com energia e engenho, para escapar da ralé e entrar no rol da pequena burguesia empreendedora e emergente. Exibem qualidades que Euclides da Cunha atribuía aos sertanejos. Existem, também, aos milhões, sobretudo nas partes mais pobres do país. São eles, os batalhadores, o tema deste livro. (Souza, 2012, p.32)

Neste escopo, com relação às escolhas da vida cotidiana e à manutenção do tempo livre, deparei-me com uma variável relevante que seria a filiação religiosa. Esta

surge como norte para diversas opiniões e atitudes dos entrevistados, característica que permanece, em alguns casos desde o início de sua trajetória.

3.2 – Filiação religiosa e mobilidade social

É preciso decifrar como se constituem as escolhas cotidianas dos moradores nestes bairros, destarte, as opções da vida religiosa dos entrevistados apresentaram-se como um fator relevante de análise. No universo dos entrevistados, os cristãos evangélicos eram 14 indivíduos em um universo de 24 pessoas, pertencentes a diferentes denominações. Gama (2015, p.74) mostra, dialogando com dados da pesquisa realizada pela Pew Research Center (2011) que, para os brasileiros, a filiação religiosa estaria entre as mais importantes escolhas da vida social, refletindo na forma como estes indivíduos interagem em sociedade e percebem o mundo.

Compreendendo estes indivíduos envoltos em suas próprias tramas sociais, suas comunidades, suas famílias, seus ambientes de trabalho, e mantendo em perspectiva as particularidades da conversão assembleiana não é difícil imaginar como essas visões de mundo, disseminadas e internalizadas nestes espaços, adentram diversos campos da sociedade campinense. Pesquisas realizadas pelo Pew Research Center (2011) em vários países do mundo lançam algumas luzes no fenômeno aqui estudado. Incentados a escolherem entre as opções “religião”, “grupo étnico”, “continente” ou “nacionalidade” qual seria a comunidade de maior relevância em suas vidas, 51% dos brasileiros participantes da enquete assinalaram a primeira como sendo sua principal possibilidade. Entretanto, quando se cruza as respostas com a variável pertença religiosa, verifica-se que entre os pentecostais a porcentagem dos que indicam a religião como principal fonte de identidade é maior do que a proporção encontrada na população brasileira em 29 pontos (idem,p.153). Essa diferença significativa sugere a tendência dos pentecostais em estabelecerem vínculos e compromissos mais fortes com o grupo confessional que com as demais agremiações da sociedade civil e da política. De acordo com a pesquisa realizada por Machado (2012), sobre os efeitos da participação na política de grupos evangélicos, verificou-se que enquanto 79% dos entrevistados brasileiros concordaram com a afirmação de que o aborto nunca é justificável, a proporção dos pentecostais que respondeu afirmativamente a essa questão foi superior em 12 pontos, ou seja, 91%. No caso da homossexualidade, 49% dos brasileiros concordam que ela nunca pode ser justificável, ao passo que a proporção dos pentecostais é de 76%, uma diferença de 27 pontos (Cf. MACHADO, 2012, p.37).

Neste contexto, existem ainda dois grupos diferenciados, que seriam os proprietários e os não-proprietários de estabelecimentos comerciais nos bairros analisados. Recorri a este recorte, pois o fato de alguns estabelecimentos comerciais

serem ou não propriedade de pessoas pertencentes à comunidade evangélica influência fortemente nos fluxos de lazer dos bairros analisados.

Na Rua João Cavalcante, situada no bairro do Presidente Médici, entre lojas de roupas, brinquedos e oficinas para carros, encontram-se seis lanchonetes, todas propriedade de pessoas pertencentes a comunidade evangélica. Em nenhuma delas é permitido o consumo de bebida alcoólica ou tabagismo, mesmo que os estabelecimentos se estendam até áreas abertas das calçadas. Em todos os estabelecimentos, são tocadas canções evangélicas, transmitidas por auto-falantes e/ou telões.

Apesar do público que frequenta estes locais ser bem heterogêneo, com relação a opções de modos de vida, estes se constituem como lugares de preferência da comunidade evangélica local, que frequenta em grande número estes estabelecimentos após os cultos durante a semana. Esse fator é citado por Inácio como um dos motivos de sucesso do seu estabelecimento comercial:

Aqui é um lugar bem frequentado, pessoas de família e os irmãos, graças a Deus. Toda semana depois do culto, o pessoal esta por aqui, isso ajuda muito não é? Isso é coisa de Deus a gente se abraça e ajuda um ao outro. Eu não posso dizer que não devo isso aqui a muitos dos meus irmãos que paravam aqui desde que eu vendia ali [o entrevistado aponta para um ponto a frente do seu onde ficava seu antigo estabelecimento]. Aqui é lugar perfeito para mim, é um presente de Deus. Daqui eu só quero sair morto, ou para um lugar melhor né. (Inácio, família 8, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

Ao entrevistar a dona de outro estabelecimento local¹⁵, a senhora Rosa¹⁶, ela também fala sobre a solidariedade da comunidade evangélica no bairro e principalmente com relação aos estabelecimentos da Rua João Cavalcante. Rosa relata que abriu sua *Tapiocaria*¹⁷ há cerca de sete anos, em um estabelecimento que tinha dois metros e meio de largura e quatro metros de profundidade, mas mesas ficavam na calçada, e os recursos para investimentos no estabelecimento eram escassos.

A gente começou em um ponto bem pequenininho aqui, você lembra? Ali era sofrido, um calor insuportável, era muito ruim para atender os clientes, nós não podíamos oferecer mais de conforto aos clientes, por que não tínhamos nem condições nem espaço para isso. (Rosa, entrevista realizada em janeiro de 2015)

¹⁵ Este estabelecimento em questão não faz parte do grupo das 8 famílias

¹⁶ Rosa não faz parte do universo das oito famílias entrevistadas

¹⁷ O estabelecimento de Rosa é especializado em vender tapiocas, por este motivo foi batizado com o nome de Tapiocaria.

Com o apoio de clientes da comunidade evangélica local, Rosa diz que seu movimento aumentou, além de ter sido por intermédio do contato com o líder de uma igreja local que ela conseguiu alugar um ponto vizinho ao seu e ampliar o seu estabelecimento.

Nós conversamos com Dalton, que é pastor dessa igreja aqui de frente ao cestão. Ele conhecia o pessoal que era dono dessa casa aqui e falou com eles para nos alugarem por um preço que desse para a gente pagar. Falou que nós éramos pessoas de confiança da igreja e assim a gente conseguiu alugar aqui. Nós reformamos e confiamos, pois sempre tivemos muito apoio dos irmãos da igreja que frequentam aqui. (Rosa, entrevista realizada em janeiro de 2015)

Além dos proprietários dos estabelecimentos comerciais, alguns entrevistados que não trabalham exclusivamente como autônomos, como Clara, também pertencem à comunidade evangélica local. Ela relata alguns episódios que aconteceram com ela quando trabalhava na *Soparia* da Rua João Cavalcante, que demonstram como a solidariedade entre membros da comunidade evangélica colaborou para o crescimento do comércio local. Clara trabalhou na *Soparia*, que é propriedade de pessoas da comunidade evangélica, durante dois anos sem ter carteira assinada, de segunda à sábado, das dezessete horas até aproximadamente uma hora da manhã. Clara relata que sua condição era igual a dos outros empregados da *Soparia*, que não pagava os direitos trabalhistas de seus empregados, porém tudo era relevado por todos pertencerem à comunidade evangélica, e após dois anos Clara saiu do emprego na *Soparia* sem receber nada com relação ao tempo de serviço no estabelecimento.

Eu trabalhei lá 2 anos, de cinco da tarde até quase uma hora da manhã, saía daqui a pé e voltava a pé, todo mundo lá trabalha sem carteira assinada. Depois eu sai, não estava aguentando mais; era muito cansativo lá. (Clara, família 6, entrevista realizada em novembro de 2014)

Quando questionada com relação a cobrar seus direitos trabalhistas de seu antigo empregador, Clara responde:

Nada, eu deixei isso pra lá. Tá bom, eles não quiseram pagar nada depois que eu sai por que não pagam para ninguém, todo mundo que trabalha lá é da igreja, e conhecido, acho que por isso que eles fazem isso não é? Mas eu não fui cobrar não, recebi o último mês que sai e está bom. Eu não vou fazer confusão com ninguém por causa de dinheiro. . (Clara, família 6, entrevista realizada em novembro de 2014)

A mesma situação acontece em outros dois estabelecimentos que eu visitei, onde os funcionários são da comunidade evangélica e trabalham sem carteira assinada ou qualquer direito trabalhista, como relata Inácio, com relação ao seu próprio estabelecimento:

Não, não, aqui eu não assinei a carteira de ninguém ainda, porque é um pessoal novo que trabalha aqui, lá da igreja. A gente acaba dando uma força. Eles ganham um dinheirinho, levam para casa e não estão por ai com a cabeça ociosa. E é até bom assim por que é um pessoal conhecido que trabalha aqui, não é gente de fora. (Inácio, família 8, entrevista realizada em 14 de novembro de 2014)

De diferentes formas, a filiação religiosa está presente nos processos de mobilidade social dos indivíduos dos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici. No grupo de moradores que chamarei de não-evangélicos¹⁸, as escolhas por locais de lazer são diferenciados, apesar de eventualmente frequentarem lanchonetes locais, estes se deslocam com mais frequência do bairro. Bares e restaurantes de bairros vizinhos, como o bairro da Liberdade e o bairro das Malvinas, por exemplo, são algumas das escolhas destes moradores que não têm uma ligação tão particular ou pessoal com o estabelecimento em questão, o que ocorre com frequência nos locais anteriormente citados, havendo uma espécie de fidelidade ao consumo em locais específicos que surgem de afinidades relacionadas a escolhas de vida¹⁹.

Destarte, o caso específico destas simples escolhas cotidianas direcionam os olhares desta pesquisa para produções diferenciadas de modos de vida dentro da chamada “nova classe média”, em que visões de mundo calcadas em uma perspectiva religiosa é apenas uma faceta dos diversos outros aspectos que modelam de forma diferenciada o universo simbólico destas pessoas, colaborando para a crítica que faz Souza (2012) para a classificação de “nova classe média” meramente pela renda:

O debate público brasileiro sobre a “nova classe média” é dominado por um debate pobre e superficial, que associa pertencimento de classe à renda. No entanto, a mera classificação econômica e estatística por faixas de renda não explica rigorosamente nada. Mas ela dá a “impressão” que explica. Passa-se a ilusão de que se organiza uma realidade confusa. Mas o que ajuda saber que tantas pessoas estão num certo patamar e outras em outro patamar de renda? O que isso diz

¹⁸ Neste grupo eu abordarei todos os moradores que não tem seus modos de vida direcionados por uma religiosidade específica

¹⁹ Neste caso especificamente, estamos lidando com escolhas de vida referentes a opção religiosa do individuo.

dessas pessoas? Pessoas com renda semelhante podem ser muito diferentes entre si. Basta comparar um trabalhador da FIAT em Betim com um Professor universitário em início de carreira que ganham salários semelhantes. Todas as escolhas da vida dessas pessoas – a não ser a conversa sobre o futebol no domingo - tendem a ser muitíssimo diferentes entre si. O que importa saber para que se conheça uma “classe social” é o “como”, em cada caso, as pessoas são produzidas como seres humanos com capacidades distintas e acesso distinto a todos os bens e recursos sociais escassos em competição na luta social. Não existe questão mais importante que esta, porque é a questão que nos move a todos durante as vinte e quatro horas de cada dia. Associar classe à renda é fazer de conta que se fala de classe quando se escondem, na verdade, todas as questões que esclarecem a gênese social dos privilégios injustos.

Ainda na Rua João Cavalcante coexistem com as lanchonetes cujos proprietários são evangélicos citados dois bares²⁰, onde são comercializadas bebidas alcoólicas e onde a música ao vivo chama a atenção dos moradores nas sextas e sábados, lotando os estabelecimentos com clientes que ocupam as calçadas e a via de trânsito, adentrando as madrugadas. Mais recentes na história dos bairros, estes estabelecimentos estão se adaptando às dinâmicas locais.

Em entrevista com Afonso, dono de um bar aberto há dois anos na Avenida Juscelino Kubitschek, é possível perceber, a partir do seu discurso, como estão situadas as formas de lazer no bairro do Presidente Médici com relação a status, sem que isto se conecte com a filiação religiosa, Afonso percebe que os moradores do bairro não são pobres e por este motivo tendem a exigir um serviço de mais qualidade, assim como o que existe em outros bairros da cidade considerados de classe média e alta, e a percepção destes fatores, alega Afonso, é o motivo do sucesso de seu estabelecimento no local.

Você pode ver que aqui não é muito um bairro para bar entende, mas porque o pessoal tem aquela ideia de bar do povão, aí não cola muito aqui, aqui o povo já tem uma condiçãozinha, já é um povo mais ou menos, já quer algo mais elitizado, aí eu tive essa ideia aqui de fazer algo mais diferente, mais tranquilo, com uma cerveja boa, de qualidade, com uns tira-gostos bons e você pode ver que o local aqui é muito bom, é bacana, uma avenida dessa toda iluminada, toda bacaninha, não deve em nada pra catolé ou esses outro bairros mais de elite. (Afonso, entrevista realizada em janeiro de 2015)

²⁰ Estes dois bares são de propriedade de antigos ambulantes locais, que comercializavam suas mercadorias se locomovendo pela Rua João Cavalcante.

Não há uma oposição clara por parte dos moradores do bairro com relação às diferentes opções de lazer apresentadas nestes espaços, elas coexistem, respeitando seus limites simbólicos.

Este é apenas um exemplo dos antagonismos de práticas de lazer das pessoas que estariam categoricamente enquadradas no que se tem chamado de “nova classe média”, em que por todo o bairro se chocam visões de mundo e modos de vida diferenciados, conectados pelo fato de que mesmo tendo havido uma mudança efetiva na renda familiar dos moradores nos últimos dez anos, culminando em uma mobilidade social de caráter ascendente, estes não se deslocaram no espaço, continuam moradores dos mesmos bairros, coexistindo em suas diferenças, onde o espaço urbano é testemunha e texto vivo da mudança de vida de seus moradores, escritas dentro e fora de suas residências, na alteração da paisagem local, pavimentação de ruas e reformas estruturais como um todo.

3.3 - A busca por segurança nos bairros de classe média

Outro tema comum nas percepções partilhadas pelos entrevistados diz respeito à segurança dos bairros em que moram. Poder caminhar tranquilamente sem o receio de ser surpreendido por tentativas de assalto, por exemplo. Segurança que é explicada – especialmente pelos proprietários de estabelecimentos comerciais, como efeito da interação entre proprietários de estabelecimentos, de todos os tipos, e a polícia militar, por meio de pagamento de taxas acordadas, particularmente entre os policiais e os donos de estabelecimentos para a obtenção da garantia de segurança dentro e fora do horário de trabalho dos policiais, sendo quase impossível após as 17 horas caminhar pela Avenida Juscelino Kubitschek e a própria Rua João Cavalcante sem notar a forte presença policial. Viaturas e motocicletas da PM constantemente circulam por estes espaços, onde raramente algum furto ou roubo fica sem resposta por parte das autoridades competentes que são cobradas da população mediante os acordos realizados.

A “nova” situação econômica do bairro demandou modificações com relação à segurança. Era preciso alterar a situação de insegurança que existia no local. A conquista da segurança é um elemento importante nas percepções de mobilidade social e das transformações ocorridas no Cruzeiro e Presidente Médici e que compõe uma

definição mais geral (e, pode-se dizer, coletiva) da noção de “viver bem”. Figueiredo (2009) atenta para o fato de que a mobilidade social não tem apenas ênfase real sobre o aumento de renda, mas causa efeitos sociais, onde a própria inclusão e quebra da desigualdade defendida por Neri (2008) gerará fenômenos, muitas vezes de estranhamento e adequação a nova condição social, que merecem ser melhor avaliados.

A ideia é simples, para captar o impacto da mobilidade de renda sobre o bem-estar, dois efeitos devem ser considerados: um negativo, *ex-ante*, relacionado ao impacto da inclusão da incerteza na economia e; outro positivo, *ex-post*, associado à redução da desigualdade nos múltiplos períodos. Desta forma, o incremento de bem-estar só ocorreria se o segundo efeito dominasse o primeiro. (FIGUEIREDO, 2009)

Ana Maria aponta a segurança do bairro onde mora como um fator distintivo, que diferencia o antes e o agora. Caracterizados outrora como bairros violentos, sendo enquadrados, segundo a perspectiva dos moradores, como bairros pobres, o lugar é modificado pela “pacificação” dos espaços, produzindo uma nova imagem, que se choca inclusive com a perspectiva que os moradores têm sobre si, pois quando questionados sobre a posição do bairros no contexto da cidade, não têm dúvidas em classificá-los como de classe média.

Antes aqui era um bairro, assim, de gente pobre, muito assalto, a gente tinha que viver todo mundo trancado aqui dentro de casa, com medo até de ir ao trabalho e voltar e encontrar sua casa arrombada. Muita gente não queria deixar suas casas no Alto Branco, Catolé, esses bairros assim para vir pra cá de jeito nenhum. Mas, veja agora? Aqui é outra coisa, raramente você escuta falar de assalto aqui, agora veja esses outros bairros, você liga a TV, vê que mataram fulano, roubaram carro, assaltaram o povo, aí o pessoal agora que morar aqui. O Presidente Médici é hoje um bairro, assim, como você falou de classe média mesmo, um bairro bacana. (Ana Maria, entrevista realizada em 08 de novembro de 2014)

Em sua chegada ao bairro a sua preocupação com a segurança é expressa em uma atitude que modificaria a feição urbana do bairro naquele momento que seria construir um muro para sua residência, atitude que foi repetida por alguns moradores como medida de segurança com relação a eventos que vinham acontecendo no bairro, como o caso dos arrombamentos das casas.

A primeira coisa que agente se preocupou quando veio morar aqui foi em construir um muro né, aqui não era muito perigoso, mas começaram alguns arrombamentos. As pessoas saíam para trabalhar e

quando voltavam as casas estavam arrombadas, e agente também não podia estender as roupas no varal sem todo mundo esta vendo, enfim, agente também acabava ficando sem privacidade nenhuma. Mas, logo logo todo mundo foi levantando muro por aqui e ai as coisas foram ficando ajeitadinhas. (Ana Maria, entrevista realizada em outubro de 2014)

Esta percepção de que o status do bairro está em processo de modificação fez com que os moradores passassem também a promover modificações em suas residências e solicitar modificações estruturais no bairro.

Aos poucos foram ocorrendo modificações nestes espaços, influenciados em um primeiro momento pela instalação de um expressivo comércio local personificado em mercados, ou *mercadinhos*²¹, construídos em sua grande maioria por pessoas que vinham de outras cidades da Paraíba, em especial do interior, para investir na cidade.

Segundo o proprietário de um mercadinho local, este tipo de investimento foi um dos primeiros a promover modificações na feição urbana local.

Quando eu vim pra esse local, aqui era só terra, a única coisa que tinha mesmo de diferente era esse meu mercadinho que antes ficava ali nessa rua subindo [o entrevistado refere-se a uma rua paralela] e o Surubim [outro mercadinho local]. Muitos anos depois foi que o pessoal veio começar a construir outros negócios. Mas, o início mesmo foi aqui [refere-se a Avenida Juscelino Kubitschek], pois o pessoal meio que queria imitar o ponto nosso aqui, acho que ficavam com inveja, e ai queriam fazer igual. Alguns não deram certo, outros deram. O bom é que no final das contas não prejudicou ninguém.

Não há dúvidas com relação relevância da instalação do comércio local nas modificações da feição urbana local, de modo que diversas casas espalhadas pelas ruas do bairro passaram a dar lugar a novos estabelecimentos, fenômeno que ainda esta em processo na medida em que não é difícil caminhar pelo bairro faixas de residências sendo reformadas para dar lugar a novos estabelecimentos comerciais.

3.4 – Modificações das residências

As modificações nas residências são um elemento crucial na articulação da mobilidade social como “viver bem” com as transformações nas formas urbanas nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici. Na maioria dos relatos dos moradores mais

²¹ Nomenclatura atribuída aos mercados formais de médio e grande porte localizados nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici.

antigos, a construção de um muro que dividia os terrenos²² das residências, garantindo a privacidade e segurança das famílias, foi a primeira das modificações com vistas à melhoria de suas casas. No interior das residências, a opção é pelo conforto, e de certo modo aspectos de sofisticação das décadas de 1980 e 1990, que faziam parte da vida das famílias de classe média da cidade e eram imprescindíveis como prova de sua mobilidade. Poder modificar o piso da casa, passando do cimento grosso para cerâmica, e construir uma suíte (banheiro integrado ao quarto do casal) eram os primeiros indícios da mobilidade social da família.

Logo quando a gente juntou um dinheirinho, a gente construiu uma suíte, era uma moda na época, e sem contar que valorizava muito a casa. Tinha tanta gente na época fazendo que até para encontrar um pedreiro de confiança para fazer o serviço era difícil, pois todos estavam ocupados construindo coisas nas casas. Quando um aqui dizia que ia fazer uma suíte, ai pronto, aparecia mais dois ou três querendo fazer também. (Ana Maria, entrevista realizada em 08 de novembro de 2014)

É importante mencionar que não estamos falando de meras aquisições econômicas simplesmente, mas, sobre como essa mobilidade social deu aos moradores desses bairros um leque de escolhas em relação a como gerir seus recursos. Foram entrevistados indivíduos de 8 famílias nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici, e quando questionados sobre como orientavam seus gastos no espaço de tempo de 10 anos, as modificações na estrutura de sua residência e a aquisição de um automóvel eram elencados como prioridade.

A modificação na estrutura física da cidade, a ampliação dos espaços e a criação de novos cômodos dentro das residências, antecedem a aquisição de bens de consumo do momento tão citados em reportagens de telejornais e revista que midiaticizam a “nova classe média” como a classe do consumo.

Porém, mesmo que levados em consideração como elementos importantes de análise da composição do mundo social dos indivíduos, esses aspectos não impactam a feição urbana dos bairros, apresentam-se como focos primeiros de modificações que estariam por vir, pois as alterações na aparência do bairro acontecem com a modificação nas faixadas das casas, o apelo pela pavimentação das ruas, a instalação do comércio local e a construção de áreas de lazer nos bairros. Estas condições elaboram um quadro

²² Os moradores relatam que grande parte das casas, nos dois bairros, não tinha muro. Os terrenos eram divididos por cerca ou simplesmente não tinham divisões.

de efeitos tanto no âmbito individual dos moradores do bairro quanto na esfera coletiva, em que mesmo que os indivíduos não tenham objetivos similares com relação a seus projetos de vida, eles compartilham solidariamente da atenção aos padrões estéticos do bairro.

Dentro dessa lógica, é possível perceber, através do discurso daqueles que foram entrevistados, que a mobilidade social relacionada a não mobilidade no espaço urbano foi um fator preponderante para algumas das modificações visíveis no bairro, pois na impossibilidade de comprar casas em outros bairros, os moradores locais optaram pela melhoria de suas residências, e os desdobramentos deste condicionante foram maiores investimentos públicos e privados dentro do bairro, que resultou em valorização imobiliária local nos últimos dez anos.

O valor de novas casas ou apartamentos construídos recentemente nestes bairros ultrapassam os R\$ 100.000,00, com espaço interno bem menor com relação às construções mais antigas dos bairros, em que casas com cerca de 4 quartos são encontradas à venda com valores que vão de R\$ 200.000,00 à R\$ 370.000,00.

Apartamento à Venda

JOAQUIM FRANCISCO PASSOS

R\$ 185.000

Ótimo Apartamento duplex no Residencial Villa de Québec no bairro do Presidente Médici. SAVEIMO883208.

Área (m ²)	Quartos	Suites	Banheiros	Vagas
--	3	--	2	--

Contatar / Mais detalhes

Imóveis para Locação Imóveis para Venda Empreendimentos [Entre em contato](#)

Código: 322

Casa no bairro Presidente Médici em Campina Grande (PB)

- ✓ 01 Área de serviço
- ✓ 1 sala para 2 ambientes
- ✓ Cozinha Projetada
- ✓ Escritório
- ✓ Quintal

Venda

R\$ 350.000,00 (A Combinar)

[Veja mais informações](#)

Receber Informações
 Enviar para um amigo
 Imprimir ficha deste imóvel

Figura 2 – Anúncio de um conjunto de novos apartamentos recém-construídos e de uma casa no bairro do Presidente Médici reformada.

 / Venda de Apartamento / Cruzeiro 90.00m² PI: 343522

**Apartamento à venda , no bairro
Cruzeiro em Campina Grande,
Paraíba**

Valor venda: **R\$
180.000,00**
Referência: AD0014
PI: 343522



Linda casa no Cruzeiro com ótimo preço - R\$200.000 (ANÚNCIO DE I

Inserido em: 2 Dezembro 23:17.



Figura 03 – Anúncio de um conjunto de novos apartamentos recém-construídos e de uma casa no bairro do Cruzeiro reformada.

No entanto, o desenho deste cenário de investimento imobiliário tem início, como posto anteriormente, com um quadro de desvalorização imobiliária na década de 1990 nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici, que é decorrente de dois fatores. O primeiro deles, o fato de muitos terrenos e casas que foram comprados no bairro do Cruzeiro não possuírem escritura pública e sim o chamado “contrato de gaveta”, que não dava plena segurança ao comprador do imóvel e o segundo fator que contribuiu para a desvalorização local devia-se justamente ao fato do bairro ser fruto de um programa de assistência social para famílias de baixa renda.

Dois dos mais antigos são o *Cruzeirão*²³ e o *Surubim*²⁴, seu José, dono do mercadinho Surubim conta que escolheu vir para o bairro do Presidente Médici justamente por se tratar de um bairro novo e não haver outros pontos comerciais no local na época.

Eu morava na bairro do centenário, mas lá já haviam outros mercadinhos. Quando soube que estavam construindo as casas aqui eu procurei saber logo como a gente poderia fazer para conseguir uma chave. Então, na época, meu cunhado era metido com esse negócio de política e foi quem abriu as portas pra gente para que a gente pudesse vir morar aqui. (José, morador do bairro do Presidente Médici, Janeiro de 2015)

Já no interior das casas, a opção é pelo conforto, e de certo modo aspectos de sofisticação das décadas de 80 e 90 que faziam parte da configuração das famílias de classe média da cidade e eram imprescindíveis como prova de sua mobilidade. Poder modificar o piso da casa, passando do cimento grosso para cerâmica e construir uma suíte na casa eram os primeiros passos da mostra da mobilidade social da família para quem os visitassem.

Depois que agente ficou mais folgado agente foi ajeitando nossa casa, colocamos cerâmicas, na época eram caríssimas, mas agente se apertou e colocou construímos mais quartos, no final de tudo certo. Depois eu fui ajeitando essa casinha aqui do lado [a entrevistada refere-se a uma casa vizinha a sua que também lhe pertence e que hoje gera renda por meio do aluguel] fiz do mesmo jeito dessa, coloquei cerâmica, levantei o muro, fiz dois quartos e esta ai até hoje. Apareceu tanta gente querendo comprar, se eu tivesse vendido teria me arrependido. (Ana Maria, entrevista realizada em outubro de 2014)

²³ Este mercadinho não existe mais desde começo dos anos 2000

²⁴ O mercadinho surubim tem mais tem cerca de 18 anos de funcionamento no bairro

3.5. Investimento de iniciativas públicas e privadas nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici

Um elemento fundamental das transformações no espaço urbano nos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici foi a reforma na Avenida Juscelino Kubitschek e seu entorno. A obra foi custeada pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, em parceria com o governo do Estado da Paraíba, e foi uma solicitação dos amigos do bairro do Presidente Médici. Esta iniciativa modificou em diversos aspectos a dinâmica dos bairros analisados. A construção da pista de caminhada no entorno da avenida mobiliza centenas de pessoas diariamente a praticarem exercícios físicos. Em dezembro de 2014 uma rede de farmácias local passou a realizar semanalmente duas aulas de ginástica pública no recém inaugurado espaço de lazer da Avenida, em frente a Escola Estadual Professor Raul Córdula. Uma das aulas chegou a reunir cerca de 140 pessoas, com idades entre 18 e 69 anos, todos moradores dos bairros que ficam no entorno da avenida. Existe também um acompanhamento da policia militar e do corpo de bombeiros para garantir a tranquilidade das pessoas no local.



Figura 04– Fotografia da Praça Joacir Oliveira no momento da aula de ginastica popular promovida por uma rede de farmácias local

Estas atividades estão sendo realizadas na recém-construída Praça Joacir Oliveira, inaugurada no dia 22 de outubro de 2014 e segundo informações do site oficial

da Prefeitura de Campina Grande, foi construída com recursos próprios, num total de R\$ 440.000,00, ao longo de quatro meses, fruto de reivindicações da associação de amigos do bairro do Presidente Médici, que pediu por uma resposta relação à um terreno que estava desocupado em frente ao Escola Estadual Professor Raul Córdula. Os moradores reclamavam que este terreno estava acumulando lixo e destoava do padrão local, como afirma Renato, morador e comerciante local:

Não tinha condições esse terreno aí na frente. A moçada vinha e jogava lixo. Está tudo organizadinho aí e ficar só esse lixo, ficava feio pra gente aqui e principalmente eu que trabalho com comida. Isso desvalorizava meu negócio aqui. Mas agora não, está tudo beleza depois que fizeram essa Praça. (Renato, morador do bairro do Cruzeiro, Janeiro de 2015)

A Praça Joacir Oliveira reúne todos os dias dezenas de pessoas que ocupam o lugar, entre crianças brincando no parque e jovens e adultos praticando exercícios na acadêmica popular. O local tornou-se mais um ponto de interação entre os moradores do bairro, fruto da reivindicações dos mesmos, afim de que a estrutura física do bairro atenda a suas demandas.



Figura 05 – No canto superior esta localizada a imagem da academia popular da Praça Joacir Oliveira, ao centro um lanchonete cujo atual proprietário já ocupava anteriormente o mesmo espaço em forma de trailer, com a construção da Praça a lanchonete também teve que se adequar as novas condições do espaço. A terceira imagem é a Avenida Juscelino Kubitschek.

Renato tem 39 anos e mora com sua mãe, que reside no bairro do Cruzeiro há aproximadamente 20 anos. Divide a casa ainda com sua irmã mais nova, de 28 anos. Há cerca de dez anos, perdeu o emprego em uma loja de produtos eletrônicos no centro da cidade e resolveu montar o próprio negócio, uma sorveteria em frente a Escola Estadual Professor Raul Cordula. Renato diz que no início ficou desanimado, pois apesar de estar localizado em frente a uma escola, o movimento era muito pequeno. Porém, com a pavimentação da avenida Juscelino Kubitschek, que provocou a transferência de outros pontos comerciais que ficavam em frente à escola para outro local, suas vendas melhoraram e ele decidiu investir no negócio:

Eu passei um tempo gastando muito e não tinha nada. Aí resolvi investir, modifiquei tudo aqui para poder atrair mais clientes e oferecer outras coisas além sorvete. Mas também lhe digo uma coisa: passei muito tempo sem nem comprar uma chinela havaiana pra mim. Mas, é assim mesmo, tem que investir se não a gente não consegue nada na vida. (Renato, morador do bairro do Cruzeiro, Janeiro de 2015)

Renato informa que as vendas aumentaram também quando passou a aceitar pagamentos com cartão de crédito:

Eu comecei a vender muito mais depois que passei a aceitar cartão de crédito, tinha gente que chegava aqui e dizia que não vinha antes por que eu só vendia a dinheiro. Hoje eu acho que a maioria do pessoal que faz lanche aqui usa cartão de crédito e a moçada acaba até gastando mais, pois, eu só passo o cartão em valores acima de R\$ 10,00, porque tem uma taxa que eu pago por compras que o pessoal faz no cartão, mas acaba valendo a pena mesmo assim. (Renato, morador do bairro do Cruzeiro, Janeiro de 2015)

As modificações estruturais na sorveteria de Renato são um excelente exemplo das interconexões entre mobilidade social e mudança nas formas urbanas, de modo que elas foram efetuadas segundo a orientação de promover um melhor atendimento para os clientes, pois, Renato afirma que gradativamente as pessoas passaram a exigir mais qualidade dos estabelecimentos locais. A instalação de um ar-condicionado na última reforma da sorveteria foi para Renato um fator distintivo com relação aos outros estabelecimentos que comercializam o mesmo produto, ele afirma que mesmo com o aumento do preço do suas mercadorias a clientela não diminui, pois estariam em busca de um estabelecimento que oferece um serviço melhor e mais conforto. As reformas na sorveteria de Renato ao longo dos últimos anos podem ser percebidas na figura a seguir.



Figura 06 – Modificações na sorveteria de Renato. A primeira imagem data do ano de 2007, seguindo de foto tirada no ano de 2012 e por fim uma imagem do ano de 2015.

É possível perceber que as modificações ocorridas no espaço urbano dos bairros analisados é fruto de uma demanda promovida pela mobilidade social de caráter ascendente dos moradores do bairro. Desde modificações nos empreendimentos comerciais, para melhor atender a demanda do bairro, à reivindicações dos moradores por melhoria na infraestrutura local, ao longo dos últimos dez anos houveram significativas mudanças na feição urbana dos bairros do Cruzeiro e Presidente Médici.

Escolas dos bairros também passaram por processos de modificação, segundo os proprietários das escolas isso aconteceu devido a exigência maior dos pais dos alunos, geralmente moradores dos bairros analisados, que gradativamente passaram a exigir mais qualidade com relação a infraestrutura das instituições. Destarte, a proprietária de uma escola local relata que:

Sim, nosso público é em maioria de pessoas daqui do bairro, sempre foi, mas as coisas foram mudando, o pessoal foi mudando de vida ficando mais exigente, hoje a gente concorre com escolas como Motiva e CAD [escola situadas no centro da cidade], nós temos que investir em estrutura. Eu tive que construir uma piscina para oferecer aos alunos, uma quadra nova, os pais querem novidade se não vão levar os filhos para outras escolas, mas, as coisas estão dando certo, tanto que ano retrasado eu abri aqui esse berçário, sai da minha casa e fiz o berçário, pois o povo me perguntava se tinha como fazer uma creche aqui. (Entrevista realizada em dezembro de 2014 com a proprietária de uma escola da rede privada no bairro do Cruzeiro)

Partindo da mesma lógica com a qual operou Renato em relação às exigências dos moradores dos bairros analisados em relação a qualidade dos serviços prestados, a proprietária do colégio em questão não apenas aumentou o quadro de professores e a disponibilidade quantitativa de vagas no colégio, ela preocupou-se também em investir na estrutura física como um todo. A construção de uma quadra poliesportiva, uma piscina semiolímpica e um salão de festas fizeram parte das reformas realizadas nos últimos dez anos de existência do colégio. A seguir estão algumas imagens em ordem cronológica na faixa do Colégio Djanira Tavares.



Figura 07 – Modificações realizadas no Colégio Djanira Tavares. As imagens correspondem sucessivamente aos anos de 1976, 2009 e 2015

Esse processo de transformação decorrente da mobilidade social local, também atingiu as igrejas evangélicas e católicas. Das quatro igrejas católicas do bairro, uma delas foi completamente reformada no ano de 2013 e as outras três passam por reformas. Das cinco igrejas evangélicas que eu pude visitar, todas elas haviam passado por algum tipo de reforma, como relata o pastor de uma igreja evangélica pentecostal do bairro do Presidente Médici.

Nós reformamos a igreja para melhor atender nossos fiéis, nós temos um público muito seletivo aqui, para você ver a dona aí do cestão frequenta nossa igreja, o pessoal da livramento, esse pessoal aqui todinho que é dono de comércio vem para nossa casa, não podemos dar qualquer estrutura para esses fiéis, não desmerecendo jamais aos nossos outros fiéis, mas é importante que todos se sintam acolhidos. O bairro aqui está mudando não é como era antes quando fundamos essa igreja aqui, que as ruas eram de terra, tinham poucas casas, agora o Presidente Médici é um dos melhores bairros de Campina, um bairro tranquilo, organizado, aqui se encontra de tudo. (Entrevista realizada em outubro de 2014 com o pastor de uma igreja evangélica no bairro do Presidente Médici)

Não há como desconectar a mobilidade social dos moradores dos bairros analisados com as modificações no espaço urbano, desde as residências, em seu interior e exterior, às lojas, igrejas, mercados e construções da iniciativa privada, os bairros do Cruzeiro e Presidente Médici têm passado por profundas alterações nos últimos dez anos, reflexo das demandas do que se tem chamado de “nova classe média”. Neste escopo, o espaço físico dos bairros modificou-se em conformidade com os anseios da população local, adequando-se aos novos modos de vida que se modificaram gradativamente em paralelo as trajetórias de mobilidade social.

A mobilidade social dos moradores nos bairros analisados implicou em uma série de repercussões com relação aos seus modos de vida, entre eles, a busca por uma educação legítima como parte integrante de sua mobilidade social, novas formas de lazer e modificação no quadro da segurança do bairro. Em cada um destes indicadores o fator *viver melhor* esteve presente, como reflexo da mobilidade social dos sujeitos da pesquisa.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou analisar as trajetórias de mobilidade social dos indivíduos de dois bairros da cidade de Campina Grande, Paraíba, os bairros do Cruzeiro e Presidente Médici. Destarte, a escolha por este esforço de pesquisa insere-se em um debate mais amplo, que não diretamente está relacionado a trajetórias de mobilidade social, foco desta dissertação, mas, em grande medida ao seu resultado a emergência de uma nova classe média em diversos países. A escolha por analisar as vivências de um quadro composto por oito famílias, através de entrevistas mais longas possibilitou-me analisar mais detalhadamente seus modos de vida e as formas com as quais lidarão essas pessoas com suas trajetórias de mobilidade social, porém, me impede de fazer maiores generalizações com relação a este tema na medida em que foram analisadas perspectivas de um dado lugar social de pesquisa.

No Brasil o persiste um debate em ebulição sobre a interpretação dos modos de vida destas pessoas, existe um grande esforço por parte de intelectuais das ciências humanas em buscar uma nomenclatura que defina de maneira eficaz este fenômeno. Surge a rejeição do termo “nova classe média” e todas as suas supostas armadilhas ideológicas formalmente empregadas. Compartilho do ponto de vista que de fato existe um esforço do governo federal em propagandear essa mudança econômica do país, obviamente como algo positivo e eficaz, por meio de pesquisas como a que foi realizada por Neri. No entanto, busco colaborar para a abertura de um espaço nesta bibliografia sobre o tema da mobilidade social considerando suas conexões com o espaço urbano, percebendo que este enfoque foi pouco explorado, quando nos referimos a mobilidade social da nova classe média brasileira em conexão com o processo de modificação na estrutura física das cidades.

Existe um esforço do debate sobre este tema em mostrar que nada de novo aconteceu realmente, apenas houve uma modificação de renda da classe trabalhadora que lhe deu acesso a novas experiências sociais e que sem que exista uma economia dos capitais simbólicos não poderíamos de fato falar em mobilidade, pois como afirma Souza (2012), sem capital cultural não há mobilidade social. Para o autor é preciso que sejam incorporados hábitos que comumente são atribuídos à classe média tradicional,

mesmo que formalmente não exista um estatuto que defina o que é e como vive a classe média tradicional brasileira.

Os emissores dos discursos desta pesquisa, nossos entrevistados, percebem sua mobilidade social e apontam marcadores da mesma que em muitas situações estão intimamente associados ao espaço da residência e dos bairros onde vivem.

Buscou-se contribuir com o debate da mobilidade social de uma forma particularmente condicionada ao espaço dos bairros analisados, cuja população se enquadra no que se tem chamado de “nova classe média”. Sobre este termo, “nova classe média, tendo em vista tudo que foi apresentado nesta dissertação, gostaria de retirar as aspas e falar em uma nova classe média de fato que categoricamente não deixaria de constituir-se enquanto uma nova situação econômica vivida por certo contingente da população. Não sendo apenas isso lhe atribui o status de *nova*, suas dinâmicas em transformação, as novas experiências que foram experimentadas, geram de fato novos enfoques com relação à sociabilidade de pessoas que nem são pobres, categoricamente falando, com relação ao seu amplo acesso a bens de diversas categorias, materiais e imateriais, nem estão no hall dos que Souza (2012) chama de classe dos privilégios, onde se pode mais facilmente negociar com bens imateriais à exemplo do *tempo*. Isso não significa categoricamente que não exista certa aproximação, ou afinidade, com as negociações simbólicas com *tempo* enquanto bem imaterial de investimento em diversas lógicas, nem tão pouco poderíamos afirmar que essas negociações simbólicas que interagem com a constituição dos modos de vida dos indivíduos se dá de forma homogênea pelo simples fato de terem a mesma faixa de renda.

Esta pesquisa mostra que o contingente de pessoas que pertencem a nova classe média nos bairros analisados chegou a esta condição por diferentes estratégias, planejadas ou não, de mobilidade social, o que nos direciona a ênfase metodológica aqui empregada, a análise das trajetórias de mobilidade e não apenas de seu produto final, pois foram estas trajetórias que nos permitiram decifrar quais e como são mecanizados os modos de vida dos indivíduos envolvidos nesta análise. Mas, o que eles compartilham entre si, já que se trata de um grupo tão heterogêneo?

A busca por viver melhor, essa foi a resposta alcançada nesta pesquisa, a mobilidade social aqui não foi planejada com o fim de modificação de status, mas, com a função de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e suas famílias, e com esta perspectiva cada família apropriou-se de estratégias de investimento financeiro e

negociações simbólicas com relação a escolhas da vida cotidiana específicas. De uma forma ou de outra permanecer no mesmo espaço físico, o bairro, fez parte dessa estratégia, este foi o momento de conexão entre sua mobilidade social e o espaço urbano de forma mais direta.

Este fato colaborou para modificações no espaço dos bairros analisados, que refletem sua importância analítica por estarem em constante interação com as demandas destas pessoas, já que estamos lidando com lugares e vivências consolidadas em um mesmo espaço há mais de uma década. Estes lugares, assim como as vivências e os modos de vida, se modificaram como reflexo da presença desses moradores em curso de trajetória de mobilidade social.

Desassistidos a princípios de acesso a diversos bens públicos dentro do bairro como segurança, saúde e educação, os bairros analisados surgem na história da cidade como lugares para pessoas pobres. No entanto, nossa mostra não emerge na história da cidade apenas como classe trabalhadora de batalhadores, se considerarmos esses como trabalhadores braçais, eles e elas são servidores públicos, empreendedores, professores, trabalhadores especializados, profissionais de toda a sorte que buscaram progressão com relação a sua qualidade de vida.

Nesta perspectiva muitas modificações no espaço urbano foram fruto de iniciativas dos próprios moradores, como as reformas nas faixadas das casas e calçadas, por exemplo, e surgem também como reivindicações aos poderes públicos como a pavimentação de ruas, a reforma da Avenida Juscelino Kubitschek e instalação de novas praças.

Toda essa nova lógica modificou o status inicial do bairro, que passa de lugar de habitação de pessoas pobres a bairro de classe média, ao menos no que nos é possível afirmar com relação à renda média da população do bairro, estrutura física e valor imobiliário das residências. Os bairros analisados passam, no decorrer da trajetória de mobilidade social de seus moradores, a operar com novas formas de gestão do espaço urbano, destarte, mostrou-se que para que se possa compreender com mais propriedade as possibilidades de análise da nova classe média brasileira é preciso, sobretudo buscar suas trajetórias de mobilidade social e de forma específica ressaltou-se a importância analítica da mobilidade social sem mobilidade espacial.

Ainda não se esgotaram as possibilidades do debate com relação à nova classe média, pois o próprio fenômeno em si não é estático, encontrasse em constante progressão. A intenção desta pesquisa foi contribuir para o debate mostrando como

operam certas lógicas de mobilidade de forma empírica em uma cidade do nordeste do Brasil, pois, as diversas abordagens sobre a nova classe média estão trabalhando sob a logística de cidades do sul, sudeste e centro-oeste. Este não pode deixar de ser um fator significativo já que existem diferenças relevantes com relação a diversos aspectos culturais e estruturais nestas regiões, onde o próprio recorte de Neri com relação à renda pode ser interpretado de formas diferentes em lógicas de mercado igualmente diferenciadas por fronteiras regionais. O esforço empírico, por tanto, é fundamental para que se possa realizar esta análise, pois além dos outros fatores evidenciados nesta pesquisa constatou-se que os entrevistados não se veem como pertencentes a uma classe média, ou nova classe média, eles se percebem enquanto pobres.

A mobilidade social não é percebida pelos moradores dos bairros analisados quando nos referimos a modificação de status deles mesmos, a herança da percepção das suas origens permanece, apesar de reconhecerem suas conquistas e fazerem planos para melhorias efetivas em sua qualidade de vida. Em contraponto a mesma opinião não se mantém com relação ao bairro, aquele bairro pobre e violento descrito pelos próprios moradores como um local difícil de viver foi modificado. Mas, diferente a percepção que tem sobre si, os moradores identificam que o bairro não é mais para pobres, mas agora é de fato um bairro de classe média, e esta é uma conquista para estas pessoas, este não é mais o local de moradia que foi escolhido como única alternativa, estamos falando agora do prazer de estar no bairro, de fazer parte de sua história e perceber suas modificações como reflexo de sua mobilidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Mario Luiz Neves de.(2003) Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu. **Revista Espaço Acadêmico** – Ano 3, Nº24

ABDALA, Paulo. A nova classe média e a dialética do consumo. In: **REBELA**, v. 2, n. 2, out. 2012

BOURDIEU, P. (2007) **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk.

BOURDIEU, P. (2008) **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
_____ (2011) **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo - Perspectiva

CABRAL, L. O. (2007) Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, v. 41 (01): 141-155

CUNHA, Maria Amália de Almeida. (2007) O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 25, n. 2, 503-524

DOUGLAS, M. e ISHERWOOD, B. (2004) **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

DI, Shu. A classe média chinesa e seus padrões de consumo. In: **Sociologia & Antropologia**. Vol.02, 2012

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. (2010) A mobilidade como contradição do espaço urbano. **MATRIZES**, Ano 4 – Nº 1: p. 165-177

EDER, Klaus (2001) A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais? Uma teoria do radicalismo da classe media. **RBCS VOL.16 Nº46**

FERNANDES, F. (1959) **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FIGUEIREDO, Erik Alenca. O impacto da mobilidade de renda sobre o bem-estar econômico no Brasil. In: **Economia Aplicada**. vol.13 no.3 Ribeirão Preto Julho/Setembro, 2009

GRÁCIO, Sérgio. (1997) A mobilidade social revisitada. **Sociologia: Problemas e Práticas**, Nº24: p.45-69

GOTTDIENER, Mark (2010) **A Produção Social do Espaço Urbano** . Ed.1 – São Paulo: p.11-159

HEBSON, G. (2009) Renewing class analysis in studies of the workplace: a comparison of working-class and middle-class women's aspirations and identities. *Sociology*, v. 43 (1): 27-44.

LA CALLE, Luís & RUBIO, Luís. **Mexico: a middle class society/ Poor no more, developed not yet.** Setembro, 2012

LEHMANN, W. (2009) Becoming middle class: how working-class university students draw and transgress moral class boundaries. *Sociology*, v. 43 (4): 631-647.

MONTAGNER, M. A. (2007) **Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana.** *Sociologias*, ano 9, n. 17: 240-264.

NERI, M. C. (2010) **A nova classe média: O lado brilhante dos pobres.** Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS.

_____ (2008) **Miséria e a nova classe média na década da igualdade.** Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS.

NORONHA, Nayara Silva & BARBOSA, Déborah Mara Siade. Renda, Consumo e Centralidade do Trabalho na "Nova Classe Média" Brasileira. In: **ANPAD.** Maio, 2014.

O'DOUGHERTY, M. (1998) Auto-retratos da classe média: hierarquias de 'cultura' e consumo em São Paulo. **Dados**, v. 41 (2).

PEREIRA, Gilson R. de M.(2002) **Espaço social e espaço simbólico:** introdução a uma topologia social. *Perspectiva - Florianópolis*,v.20, n.Especial, p. 107-120,

POCHMANN, M.(Org.) ; GUERRA, Alexandre (Org.) ; AMORIM, Ricardo (Org.) ; SILVA, Ronnie (Org.) . (2006) **Atlas da Nova Estratificação Social no Brasil: Classe Média, Desenvolvimento e Crise.** São Paulo: Cortez Editor. v. 1. 143 p.

POCHMANN, M. (2012) **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira.** Editora Boitempo. São Paulo.

POCHMANN, M. (2013) **O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social.** Editora Boitempo. São Paulo.

POCHMANN, Marcio. Estrutura social no Brasil: mudanças recentes. In: **Serv. Soc.** no.104 São Paulo Oct./Dec, 2010

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Dois estudos de mobilidade social no Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** vol.15 no.44 São Paulo Oct, 2000

SCALON, Celi & SALATA André. Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. In: **Sociedade e Estado.** vol.27 no.2 Brasília Maio/Agosto. 2012

SCALON, Celi & SALATA André, 2012, **Uma Nova Classe Médiana Brasil da Última Década?** O debate a partir da perspectiva sociológica.

SILVA, Ronnie (Org.) . (2006) **Atlas da Nova Estratificação Social no Brasil: Classe Média, Desenvolvimento e Crise**. São Paulo: Cortez Editor. v. 1. 143 p.

SECCHI, Bernardo (2009) **A Cidade do Século Vinte** – São Paulo: Perspectiva.

SOUZA, J. (2010) **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora da UFMG

REIS, Antônio Tarcísio; BIAVATTI, Camila Damiani; PEREIRA, Maria Lourdes. Estética urbana: uma análise através das ideias de ordem, estímulo visual valor histórico e familiaridade. **In: Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 11, n. 4, p. 185-204, out./dez. 2011.**

YACCOUB, Hilaine. A chamada “nova classe média”. Cultura material, inclusão e distinção social.

KERSTENETZKY, Celia Lessa; UCHÔA, Christiane; SILVA, Nelson do Valle. Padrões de consumo e estilos de vida da “nova classe média”. **CEDE - Centro de Estudos Sobre A Desigualdade E Desenvolvimento**. Setembro de 2013

SITES CONSULTADOS

Econômico Valor, em:

<http://www.valor.com.br/empresas/3434074/serasa-renda-mensal-da-classe-c-varia-de-r-320-r-1120-por-pessoa>

Público.PT, em:

<http://www.publico.pt/mundo/jornal/classe-media-chinesa-esta-a-aproveitar-a-sua-janela-de-oportunidade-25834167>

Correio da manhã, em:

http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/nova-classe-media-alta-chinesa-vestiu-mais-de-um-biliao-de-euros-em-2013.html

G1, em:

<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/11/consumo-da-classe-media-pode-fazer-china-retomar-o-ritmo-de-crescimento.html>

Opinião & notícia, em:

<http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/a-ascensao-da-nova-classe-media-mexicana/>

ANEXOS

Anexo 01- Questionário geral dirigido às famílias



Universidade Federal
de Campina Grande

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Centro de Humanidades – CH
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - PPGCS

Questionário

F			
---	--	--	--

Identificação – Bairro: _____
Rua: _____ N° _____

01.Composição da Família:

Detalhamento

M.1

- Posição na Família: _____ - Idade: _____ - Sexo: M() F() Ocupação: _____

M.2

- Posição na Família: _____ - Idade: _____ - Sexo: M() F() Ocupação: _____

M.3

- Posição na Família: _____ - Idade: _____ - Sexo: M() F() Ocupação: _____

M.4

- Posição na Família: _____ - Idade: _____ - Sexo: M() F() Ocupação: _____

M.5

- Posição na Família: _____ - Idade: _____ - Sexo: M() F() Ocupação: _____

M.6

- Posição na Família: _____ - Idade: _____ - Sexo: M() F() Ocupação: _____

02. Tempo que reside no atual endereço: _____

03. Endereço anterior ao atual: _____

04. Renda Familiar: _____

Observações

Anexo 02 - Questionário geral dirigido aos membros das famílias



Centro de Humanidades – CH
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - PPGCS

Questionário

F			
---	--	--	--

Q	0	1
---	---	---

Data de preenchimento do questionário: __/__/__

A - Identidade

- 01 - Sexo: M () F () 02 - Idade: _____
03- Estado Civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o ()
Viúva/o ()
04 - Você se considera: Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()
05 - Filiação Religiosa: _____

B - Escolaridade

- 06-Grau de Escolaridade: _____
07-Educação Infantil: Rede Pública () Rede Privada ()
 -Ensino Fundamental I: Rede Pública () Rede Privada ()
 -Ensino Fundamental II : Rede Pública () Rede Privada ()
 -Ensino Médio: Rede Pública () Rede Privada ()
 -Escola Técnica: Rede Pública () Rede Privada ()
 -Ensino Superior: Rede Pública () Rede Privada ()
08-Possue algum curso extra: _____

C – Social

- 09-Em quem votou nas últimas eleições:
- Prefeito: _____
 - Governador: _____
 - Presidente: _____
- 10-Renda Média: _____
11-Fonte de Renda: _____
12-Você passou por alguma ascensão funcional nos últimos: Sim () Não ()
13-Faz parte de alguma associação: Sim () Não ()
Detalhamento: _____
14-Quais suas formas de lazer: _____

15-Você tem alguma outra atividade não remunerada: Sim () Não ()
Detalhamento: _____

D – Opinião

16-Em um referendo sobre a legalização do Aborto qual seria sua escolha no momento da votação?

A favor da Legalização do Aborto () Contra a Legalização do Aborto ()

17-Enumere de 1 à 5, quais investimentos você faria para o seu filho (a):

a)Habilitação de Motorista ()

b)Curso de Idiomas ()

c)Vestuário ()

d)Curso de Música ()

e)Curso Profissionalizante ()

18-Qual sua disposição à leitura:

a)Revistas ()

b)Um Livros por ano ()

c)Mais de um livro por ano ()

d)Não costumo ler ()

e)Jornais ()

Detalhamento:

19-Observando sua trajetória de vida desde que você veio morar neste bairro, como você se percebe hoje com relação a sua posição social?

a) Suas condições de vida não melhoraram ()

b) Suas condições de vida melhoraram, mas você não se percebe como de outro classe social ()

c) Suas condições de vida melhoraram, e você se percebe como de outro classe social ()

d) Nenhuma das alternativas ()

Detalhamento:
